

MARCELA KRÜGER CORRÊA

**A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO E AS IMPLICAÇÕES SÓCIO-  
ESPACIAIS RECENTES NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE.**

Florianópolis/SC  
2006

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Geociências  
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Marcela Krüger Corrêa

A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO E AS IMPLICAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS  
RECENTES NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE

Orientadora: Margareth de Castro Afeche Pimenta

Dissertação de Mestrado

Área de Concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano

Florianópolis/SC, Fevereiro de 2006.

**A Indústria de Confeção e as Implicações Sócio-Espaciais Recentes No  
Município de Brusque**

**Marcela Krüger Corrêa**

**Coordenador:** \_\_\_\_\_

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração Desenvolvimento Regional e Urbano, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Mestre em Geografia.

**Presidente:** \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Margareth de Castro Afeche Pimenta (UFSC)

**Membro:** \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Nazareno José de Campos (Membro-GCN/UFSC)

**Membro:** \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Silvio Antônio Ferraz Cario (Membro-CNM/UFSC)

**Membro:** \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Solisma Fraga Martins (Membro-FURG)

Florianópolis/SC, Fevereiro de 2006.

Dedico este trabalho...

Aos meus queridos pais,  
Walquíria e Josel.

Ao amor da minha vida, Diones.

À minha irmã, Rafaella e ao  
meu cunhado, Paulo.

À minha adorada avó, Leca, e  
ao meu avô, Ivo (in memoriam).

## AGRADECIMENTOS

A execução deste trabalho constituiu um grande desafio pessoal e profissional. Muitas pessoas direta ou indiretamente contribuíram para a realização do mesmo, entretanto, algumas em especial merecem destaque aos meus agradecimentos.

A Deus, pela luz que me conduziu até o fim deste trabalho, principalmente nos momentos de dificuldade e de angústia.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margareth de Castro Afeche Pimenta, pela orientação segura em minha trajetória, pela sua dedicação ao longo dessa jornada, pela troca de informações e pela paciência e compreensão das minhas dificuldades e dos meus limites.

Aos meus pais, Walquíria e Josel, que desde criança me ensinaram a importância do conhecimento e que sempre incentivaram o meu aprimoramento profissional.

Ao meu namorado, Diones, pelo amor, companheirismo, apoio e incentivo em todas as horas.

À minha avó, Leca, pela paciência e compreensão dos meus livros e materiais espalhados pela casa.

À minha irmã, Rafaella, e ao meu cunhado, Paulo, pelos momentos de descontração.

Aos meus colegas pela agradável convivência, em especial a Tatiana Silva e a Silvana Moretti.

A todos os professores por transmitirem o conhecimento.

À Marli, funcionária da Secretaria da Pós-Graduação, pela disposição em ajudar.

A todos os amigos e pessoas queridas que sempre estiveram torcendo por mim, sobretudo a família que me recebeu em Brusque de braços abertos e com muito carinho, Dona Suda, Seu João, Leticia e Rogério.

À Professora Icléia Silveira e Silva (UDESC), por ter me ensinado os primeiros passos da pesquisa durante o período de graduação.

A AMPE, pela abertura e receptividade, em especial à Cristina Kormann. Ao Sr. Otto Kuck en Beckel da Casa de Brusque pela simpatia e pelo bom humor e ao Professor Amilton Fernando Cardoso (FEBE), pela prontidão e vontade de ajudar.

Ao Sr. Alberto Köhler, Sr. Paulo Kons, Sr. Nilton Proença, e Sra. Ivanete, funcionários da Prefeitura Municipal de Brusque.

A todos os empresários que me receberam, em especial a Sra. Magdalena Roux e a Rosa da Confecção Roux; ao Sr. Nilo Schulenburg da Real Têxtil; a Sra. Margareth Fadel da Fadel Fabril; ao Sr. Júlio e Sra. Mara Reis, da confecção Jacks Jeans; ao Sr. Jorge Colzani, da Colcci e ao Sr. Nilo Krieger Filho da Confecção Krieger.

Aos Professores Nazareno José de Campos, Sílvio Antônio Ferraz Cario e Solismar Martins Fraga, por terem aceitado participar da Banca de Defesa e pelas colaborações sugeridas.

Ao CNPq pela Bolsa de estudo, durante o período de março de 2004 a março de 2005.

Ao programa de Pós-Graduação em Geografia, pela oportunidade de poder realizar este estudo.

E como não posso citar todos os nomes que de alguma forma contribuíram para que este trabalho fosse concretizado, só posso dizer muito obrigada a todos!

## RESUMO

Este trabalho aborda a indústria de confecção, tendo como tema as empresas confeccionistas e as implicações sócio-espaciais recentes no município de Brusque. Este município está localizado no Vale do Itajaí Mirim, é conhecido como capital da pronta-entrega e recebe clientes de vários Estados do Brasil e de países do Mercosul. As micro e pequenas empresas de confecção criadas na década de 1980 e início dos anos de 1990, em pouco tempo se tornaram responsáveis pela nova dinâmica da cidade. Entretanto, com a crise econômica em 1994 o setor confeccionista em Brusque foi fortemente abalado. Grande parte das empresas fechou ou foi à falência, e aquelas que sobreviveram foram transferidas para outro endereço. Neste processo, o capital se concentrou nas mãos dos grandes capitais locais, ou seja, os proprietários dos centros comerciais, gerando uma relação hierárquica entre empresas e, modificando a qualidade de vida local. Este trabalho tem como objetivo central analisar a formação e o desenvolvimento da indústria de confecção e, as implicações sócio-espaciais recentes no município de Brusque. Como pressupostos teóricos foram utilizados autores como Milton Santos, David Harvey e Octavio Ianni, entre outros. Os procedimentos metodológicos pautaram-se em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Como resultados, pôde-se constatar que apesar de ser recente o desenvolvimento da indústria de confecção, esta atividade foi de grande relevância para o município de Brusque. O município passou por inúmeras transformações, como o surgimento de novas áreas comerciais em detrimento do abandono de outras; a infraestrutura da cidade foi modificada; novas vias foram construídas, promoveu-se o estilo enxaimel, visando atrair o turismo comercial para os novos lugares concentrados do consumo. As ações públicas, no entanto, beneficiam, geralmente, os detentores do grande capital local.

Palavras-chave: Indústria de Confecção, Espaço, Capital.

## ABSTRACT

This work has an approach to the apparel industry whose main topic is the apparel companies and the recent social and spatial implications in the city of Brusque, Brazil. This city is situated in the Itajaí Mirim valley, it is known as the capital of the prompt delivery items and receives customers from several States of Brazil and Mercosul countries. The micro and small apparel companies created in the 1980s and at the beginning of 1990s became responsible for the new dynamics of the city at very short time. However, with the economic crisis in 1994 the apparel sector was strongly shaken in Brusque. Most part of the companies shut down or went into bankruptcy, and those which survived were transferred to another address. In this process, the capital goods were concentrated in the hands of the great local capital market, in other words, the owners of trade centers had created a hierarchical relation between companies therefore it changed the local quality of life. This work aims to analyze the formation and the development of the apparel industry and the recent social and spatial. As theoreticians presuppose, authors had been used as Milton Santos, David Harvey and Octavio Ianni, among others. The methodologic procedures had been based on bibliographical and field research. As results, we could certify that although the development of apparel industry is recent, this activity has been of extreme relevance for the city of Brusque. The city went through a great deal of transformations, such as the appearance of new trade areas to the detriment of the negligence of others; the infrastructure of the city was modified, new roads had been built, the “enxaimel” style was promoted, aiming to attract the trade tourism for the new concentrated places of consumption. However the public actions usually benefit the holders of the most local capital.

Key- word: Apparel industry, Space and Capital.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	4
<b>RESUMO</b> .....	6
<b>ABSTRACT</b> .....	7
<b>SUMÁRIO</b> .....	8
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	10
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	13
<b>LISTA DE QUADROS</b> .....	13
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS</b> .....	14
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO I: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO GEOGRÁFICO NO ÂMBITO SOCIAL E ECONÔMICO NA CONTEMPORANEIDADE</b> .....	21
1.1 ESPAÇO E SOCIEDADE .....	22
1.2 ESPAÇO E ECONOMIA .....	25
1.3 TRANSFORMAÇÕES NA ECONOMIA MUNDIAL .....	28
1.4 GLOBALIZAÇÃO MUNDIAL E NOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO (BRASIL) .....	32
<b>CAPÍTULO II: FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE BRUSQUE/SC</b> .....	38
2.1 ASPECTOS GERAIS .....	38
2.2 CRIAÇÃO DA COLÔNIA DE ITAJAÍ-BRUSQUE .....	41
2.2.1 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA COLÔNIA DE BRUSQUE .....	44
2.3 PRIMEIRA FASE DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BRUSQUE: 1880 — 1913 .....	48
2.3.1 SEGUNDA FASE DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO: 1914 – 1945 .....	51
2.3.2 TERCEIRA FASE DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO: PÓS 1945 .....	52
<b>CAPÍTULO III: A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE</b> .....	54
3.1 PANORAMA GERAL DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE .....	54
3.2 A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE: GÊNESE E TRAJETÓRIA .....	60

3.3 RUA AZAMBUJA: O PRIMEIRO ENDEREÇO DO PÓLO DE CONFEÇÃO DE PRONTA-ENTREGA .....	67
3.4 INDÚSTRIA E COMÉRCIO CONFECCIONISTA NA RUA AZAMBUJA E NA RODOVIA ANTONIO HEIL.....	73
3.5 FATORES DA DECADÊNCIA DA RUA AZAMBUJA E AS CONSEQÜÊNCIAS NA INDÚSTRIA E NO COMÉRCIO DA PRONTA-ENTREGA.....	82
3.6 RODOVIA ANTONIO HEIL: O NOVO ENDEREÇO DO PÓLO DO VESTUÁRIO .....	84
3.7 INDÚSTRIAS DO SETOR EMPRESARIAL.....	90

#### **CAPÍTULO 4: IMPLICAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS RECENTES DA INDÚSTRIA CONFECCIONISTA NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE**

.....	100
4.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO .....	100
4.2 EVOLUÇÃO POPULACIONAL DOS MUNICÍPIOS DA AMMVI .....	109
4.3 IMPLICAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS RECENTES NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE .....	116

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS .....	140
-------------------	-----

ANEXO 1 .....	147
---------------	-----

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 01 – Mapa de Localização do Município de Brusque - SC .....</b>	<b>40</b>
<b>FIGURA 02 – Ilustração da Demarcação dos Lotes Coloniais de Brusque em 1890 .....</b>	<b>43</b>
<b>FIGURA 03 – Fachada da Confecção Krieger (Final Década 1970).....</b>	<b>61</b>
<b>FIGURA 04 – Fachada da Confecção Roux.....</b>	<b>62</b>
<b>FIGURA 05 – Enchente na cidade de Brusque – 1984 .....</b>	<b>65</b>
<b>FIGURA 06 – Centro Comercial Oscar Schulenburg.....</b>	<b>69</b>
<b>FIGURA 07 – Esboço do Layout de uma Sala no Centro Comercial Oscar Schulenburg .....</b>	<b>70</b>
<b>FIGURA 08 – Disposição dos Produtos na Loja da Confecção Roux.....</b>	<b>75</b>
<b>FIGURA 09 – Cestas, Araras e Manequins Expõem os Produtos na Loja da Confecção Roux.....</b>	<b>76</b>
<b>FIGURA 10 – Setor de Corte na Confecção Roux.....</b>	<b>76</b>
<b>FIGURA11 – Setor de Costura na Confecção Roux .....</b>	<b>77</b>
<b>FIGURA 12 – Loja Jacks Jeans na Rodovia Antonio Heil.....</b>	<b>78</b>
<b>FIGURA 13 – Vista da Rodovia Antonio Heil em Frente à FIP .....</b>	<b>85</b>
<b>FIGURA 14 – Vista da Rodovia Antonio Heil em Frente à Loja Havan.....</b>	<b>85</b>
<b>FIGURA15 – FIP à Esquerda e Stop Shop – Ninho da Moda à Direita .....</b>	<b>86</b>
<b>FIGURA 16 – Centro Comercial Bruem .....</b>	<b>87</b>
<b>FIGURA 17 – Loja Havan (Final Década 1990) .....</b>	<b>87</b>

<b>FIGURA 18 – Vista Aérea da Empresa Fadel Fabril.....</b>	<b>91</b>
<b>FIGURA 19 – Vista Parcial da Fábrica da Colcci.....</b>	<b>91</b>
<b>FIGURA 20 – Municípios da AMMVI.....</b>	<b>101</b>
<b>FIGURA 21 – Vista Aérea da Cidade de Brusque (2002) .....</b>	<b>102</b>
<b>FIGURA 22 – Centro de Brusque: Vista da Praça Principal Barão von Schuneéburg Por volta de 1959.....</b>	<b>104</b>
<b>FIGURA 23 – Vista Aérea do Centro da Cidade de Brusque (1998) .....</b>	<b>106</b>
<b>FIGURA 24 – Ilustração da Área Central do Município de Brusque.....</b>	<b>107</b>
<b>FIGURA 25 – Densidade Demográfica da AMMVI.....</b>	<b>112</b>
<b>FIGURA 26 – Crescimento Populacional da AMMVI 1991 – 2000.....</b>	<b>115</b>
<b>FIGURA 27 – Vista da Rua Azambuja .....</b>	<b>117</b>
<b>FIGURA 28 – Residência na Rua Azambuja com Loja no Piso Inferior ...</b>	<b>118</b>
<b>FIGURA 29 – Cento Comercial na Rua Azambuja (Construção Verde à Esq.) .....</b>	<b>118</b>
<b>FIGURA 30 – Frente do Centro Comercial Oscar Schulenburg no Auge do Movimento na Rua Azambuja (Início dos anos de 1990).....</b>	<b>122</b>
<b>FIGURA 31 – Frente do Centro Comercial Oscar Schulenburg em2005..</b>	<b>122</b>
<b>FIGURA 32 – Centro Comercial Veneza no início dos anos de 1990 .....</b>	<b>123</b>
<b>FIGURA 33 – Hotel Azambuja – Antigo Centro Comercial Veneza .....</b>	<b>123</b>
<b>FIGURA 34 – Centro Comercial Azambuja no Início da Década de 1990</b>	<b>124</b>
<b>FIGURA 35 – Edifício Residencial – Antigo Centro Comercial Azambuja</b>	<b>124</b>
<b>FIGURA 36 – Rua Azambuja: Ao Fundo Está o Centro Comercial Gisela – Hoje Ocupado Apenas por Uma Loja no Piso Térreo .....</b>	<b>125</b>

<b>FIGURA 37 – Centro Comercial Vale Center Azambuja – Atualmente Está Abandonado .....</b>	<b>125</b>
<b>FIGURA 38 – Centro Comercial Itacolmi (à Direita) com Várias Lojas Vazias .....</b>	<b>126</b>
<b>FIGURA 39 – Inúmeras Construções Destinadas à Indústria e ao Comércio Confeccionista Estão Atualmente Vazias .....</b>	<b>126</b>
<b>FIGURA 40 – Disposição dos Centros de Venda na Rua Azambuja (2005) .....</b>	<b>127</b>
<b>FIGURA 41 – Esboço da Disposição da Rua Azambuja e da Rodovia Antônio Heil na Área Central de Brusque .....</b>	<b>129</b>
<b>FIGURA 42 – Vista da Rodovia Antonio Heil (à Esquerda Encontra-se o Centro Comercial Bruem e a Loja Havan).....</b>	<b>130</b>
<b>FIGURA 43 – Fórum de Brusque.....</b>	<b>133</b>
<b>FIGURA 44 – Prefeitura Municipal de Brusque.....</b>	<b>133</b>

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 01 – Desempenho Econômico do Município de Brusque – 2002 ..</b>	<b>55</b>
<b>Tabela 02 – Evolução da População Rural e Urbana na AMMVI: 1970 – 2000 .....</b>	<b>111</b>
<b>Tabela 03 – Evolução da Taxa de Crescimento da População Rural e Urbana na AMMVI: 1970 – 2000 .....</b>	<b>114</b>

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 01 – Densidade Demográfica de Habitantes por Km<sup>2</sup> .....</b>	<b>108</b>
---	------------

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ACECOMVI – Associação dos Centros Comerciais do Vale do Itajaí**

**AICA – Associação da Indústria de Confecção da Azambuja**

**AMPE – Associação das Micro e Pequenas Empresas**

**AMMVI – Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí**

**CAD – Computer Aided Desing (Desenho ou Projeto Auxiliado por Computador)**

**CAM – Computer Aided Manufacturing (Produção Auxiliada por Computador)**

**DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos**

**IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

**SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial**

## INTRODUÇÃO

Por quase um século, a indústria têxtil exerceu papel preponderante no desenvolvimento econômico, social, político e cultural do Município de Brusque, tanto que a história da indústria têxtil não pode ser dissociada da história do Município. Apesar disso, foi apenas na década de 1980, que o desenvolvimento da indústria e do comércio confeccionista ganhou força e fez com que Brusque sofresse algumas transformações na dinâmica econômica implicando em diversas mudanças sócio-espaciais.

A economia local que era baseada quase que exclusivamente na tradicional indústria têxtil começou a receber incremento da indústria e do comércio de confecção. A Rua Azambuja, localizada no bairro de mesmo nome, tornou-se o primeiro endereço da concentração dessas empresas. Em menos de uma década, o setor confeccionista — indústria e comércio — despontou como uma importante atividade econômica gerando renda para uma grande parte da população.

A indústria de confecção é capaz de gerar muitos empregos diretos e indiretos e, no Brasil a estrutura desta indústria é bastante semelhante aos demais países. Entretanto, o processo de desenvolvimento do capitalismo brasileiro em meados da década de 1990, caracterizado por mudanças políticas e econômicas, no cenário da globalização, gerou uma crise sem precedentes no Brasil e no Município de Brusque.

Neste processo, o espaço deste Município sofreu sensíveis alterações que atingiram a sociedade como um todo. A Rua Azambuja entrou em decadência, muitas empresas foram à falência ou fecharam as portas e a Rodovia Antonio Heil, representada pelos grandes capitais passa a ser o novo endereço do pólo vestuarista de Brusque.

É relevante destacar que o setor confeccionista brasileiro absorveu, com certa dificuldade, os impactos gerados pela adoção de políticas de inspiração neoliberal. Vale lembrar que o neoliberalismo prega a desregulação econômica

e social, atacando qualquer limitação dos mecanismos do mercado por parte do Estado e assim, possibilita a livre acumulação privada de capital (MELLO, 2000).

Tais políticas pautaram-se numa indiscriminada abertura do mercado interno, na substituição da produção nacional por produtos importados, na implementação de um programa de estabilização da economia – inflação baixa e monetarismo exacerbado –, na elevação dos juros, entre outras medidas. Isto trouxe sérios problemas à indústria brasileira, como fechamento de linhas de produção, desemprego (TAVARES, 1999), provocando impactos em todos os setores da economia, incluindo-se aí a indústria de confecção.

As empresas registraram queda nas vendas, reduziram postos de trabalho, e uma parcela significativa foi excluída do mercado. Aquelas que puderam viabilizar altos investimentos adaptaram-se mais rapidamente às imposições do mercado. Contudo, as empresas dependentes do mercado interno e descapitalizadas, como as do setor confeccionista em sua maior parte, foram as mais prejudicadas pela abertura comercial, pelas oscilações das tarifas alfandegárias numa conjuntura de sobrevalorização cambial da moeda nacional e elevadas taxas de juros (PIMENTA, 2002).

As mudanças sócio-espaciais, decorrentes de transformações industriais e comerciais, já foram e ainda vêm sendo estudadas por muitos pesquisadores. No entanto, ainda permitem muitas reflexões, e assim torna-se objeto de estudo neste trabalho. Entretanto, não se pretende aqui, esgotar tais reflexões.

Assim, desses pressupostos surgiram alguns questionamentos: 1) Como se organizaram os espaços de produção e comercialização em Brusque? 2) Quais foram as estratégias adotadas pelas empresas que se mantiveram no mercado durante a crise dos anos de 1990? 5) Qual a relação estabelecida entre os centros de vendas e as confecções? 6) Quais foram as implicações sócio-espaciais no Município de Brusque?

Portanto, para responder essas questões, elegeu-se como área de estudo o município de Brusque, localizado no Vale do Itajaí Mirim, porção nordeste do Estado de Santa Catarina. Brusque pertence a região do Estado

que se destaca pela indústria têxtil vestuarista e a cidade é conhecida nacional e internacionalmente, pois recebe clientes vindos de diversos lugares do Brasil e de países do Mercosul.

As indústrias de confecção no município de Brusque são em sua maioria, micro e pequenas empresas, e foram estas as responsáveis pela nova dinâmica instalada no local e da nova configuração do espaço a partir da década de 1980. Isto quer dizer, que as grandes indústrias têxteis deixam de ser, depois de quase um século, as protagonistas na história de Brusque. É primordial ressaltar que o vestuário — produto final da indústria de confecção — é responsável por importantes pólos econômicos no mundo, como na Itália e na China, e no Brasil com destaque para o Estado de Santa Catarina, na região do Vale do Itajaí, onde está inserido o município de Brusque.

Neste sentido, este trabalho pode representar uma contribuição da geografia, nos planos teórico e empírico, sobre um ramo dinâmico da economia — o vestuário — que, como outros setores vem sendo afetado pelo processo de globalização econômica, intensificado pós 1990, resultando em implicações sócio-espaciais, reestruturações das empresas e processos de terceirizações.

À luz dessas análises o presente estudo se justifica dada a importância que a indústria e o comércio confeccionista assumem no conjunto da economia do município de Brusque e também pela expressiva participação das micro e pequenas empresas neste setor. Por sua vez, a opção pelo município de Brusque, cenário principal da formação de um pólo do vestuário e conseqüentemente palco para inúmeras mudanças ocorridas no espaço urbano, legitima-se por permitir melhor compreensão das transformações industriais, produtivas e as suas implicações sócio-espaciais. Além disso, particularidades que diferenciam o município de Brusque em relação aos outros municípios de Santa Catarina, como a presença de mão-de-obra qualificada, imigrantes com espírito empreendedor, e acumulação de capital proveniente de um comércio local tornam esta, uma realidade que merece ser estudada.

A pesquisa também se torna importante pelos poucos estudos realizados sobre a temática e sobre a área de pesquisa em particular, podendo fornecer subsídios para futuros trabalhos.

Sendo assim, este trabalho pretende analisar a formação e o desenvolvimento da indústria de confecção e as implicações sócio-espaciais recentes no município de Brusque.

Especificamente busca-se resgatar o histórico da indústria de confecção de Brusque e sua expansão espacial; identificar os fatores que contribuíram para o surgimento e a formação de um pólo vestuarista em Brusque; identificar e analisar os agentes/órgãos e práticas de apoio às empresas de confecção; investigar a proliferação dos centros de venda direta, suas lógicas de localização e por fim mostrar as implicações sócio-espaciais recentes em Brusque.

Com relação aos procedimentos metodológicos diferentes etapas foram seguidas para atender os objetivos propostos e responder os questionamentos da pesquisa. Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico em monografias, dissertações, livros, revistas e artigos científicos, e jornais, para fundamentar teoricamente a pesquisa. Nesta mesma etapa foi reconstruído o histórico da indústria de confecção e da formação de um pólo do vestuário em Brusque, mostrando as implicações sócio-espaciais recentes na cidade, identificando as entidades/agentes de apoio e práticas de auxílio ao setor confeccionista, e destacando a importância do município para Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí – AMMVI, a qual está inserido.

Buscou-se, diagnosticar a realidade do setor confeccionista na década de 1990, analisando o desempenho deste setor, e suas conseqüências sócio-espaciais. E também, percebendo as transformações ocorridas no período e a importância destas a nível municipal e microrregional. Isto foi realizado a partir de dados da transformação industrial, da evolução rural e urbana, para perceber a importância da indústria de confecção na atração de mão-de-obra.

As informações para fundamentar a pesquisa sobre a indústria de confecção e as empresas deste setor, foram buscadas na Prefeitura Municipal

de Brusque, nos arquivos de entidades como a AMPE – Associação das Micro e Pequenas empresas (Brusque), DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Florianópolis), IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, entre outros.

Na etapa seguinte foi realizada uma pesquisa de campo junto às empresas de confecções. Considerando que já se conhecia algumas características das empresas selecionou-se procurando diversidade no tamanho da planta, número de funcionários, tipo de processo produtivo e de produto, forma de distribuição-comercialização, entre outros, as seguintes empresas: Colcci, Fadel Fabril, Real Têxtil, Jacks Jeans, Confecção Roux, Confecção Dona Benta e Krieger Indústria do Vestuário. Com os proprietários das empresas ou com informantes-chaves, foram realizadas entrevistas com questões abertas e fechadas, que versaram sobre a origem e histórico da empresa, produtos, organização do processo produtivo, distribuição e comercialização dos produtos, tipo de tecnologia utilizada, e estratégias competitivas.

Também foram realizadas entrevistas com informantes-chaves dos centros de vendas para identificar a lógica de localização e, a importância destes centros para a economia do município de Brusque. Na mesma etapa foi efetuada uma entrevista com um dos ex-presidentes da AMPE, objetivando complementar as informações sobre as empresas de confecção.

Após a coleta dos dados e informações, estes foram selecionados e tratados de forma qualitativa e quantitativa. Para estes, foram organizados tabelas, quadros e mapas seguidos de análise e interpretação, associando aspectos teóricos e empíricos. Convém ressaltar que as informações provenientes da observação direta foram registradas e armazenadas durante todo o processo de investigação.

Diante disso, o trabalho foi dividido em quatro capítulos além da Introdução e das Considerações Finais. O Primeiro Capítulo, Considerações Sobre o Espaço Geográfico no Âmbito Social e Econômico na Contemporaneidade, diz respeito ao referencial teórico que aborda a relação

entre espaço e sociedade e, espaço e economia; a questão das transformações na economia mundial e a globalização mundial e nos países em desenvolvimento. O segundo Capítulo, A Formação e o Desenvolvimento do Município de Brusque – SC faz um apanhado da formação social de Brusque, passando do período colonial (de Brusque) às fases do desenvolvimento industrial. No Terceiro Capítulo, A Indústria de Confecção no Município de Brusque, discorre-se sobre as empresas deste setor no referido município e enfim, no Quarto Capítulo, As Implicações Sócio-Espaciais da Indústria Confeccionista no Município de Brusque, analisa-se as mudanças que a indústria e o comércio da confecção geraram no município nos anos de 1980 e 1990.

## **CAPÍTULO I**

### **CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO GEOGRÁFICO NO ÂMBITO SOCIAL E ECONÔMICO NA CONTEMPORANEIDADE**

É essencialmente relevante para o conhecimento técnico, político, econômico e de dimensão espacial, definir a base teórica sustentadora dos fatos empíricos. O conhecimento e a informação são as bases para o “novo” modo de produzir, reorganizam as relações de trabalho, a função de produção, a sociedade e os territórios nos âmbitos locais e globais. Novas matérias-primas são descobertas, as relações espaço-temporais são reestruturadas pelo rápido crescimento de uma multiplicidade de redes - financeiras, informacionais –, que se movem no contexto da globalização.

Num ambiente representado pelo aumento da incerteza e dos riscos, as diferentes estruturas empresariais se viram forçadas a realizarem transformações na gestão, na organização, nos processos produtivos e nas formas de distribuição/comercialização, com o objetivo de modificar as bases estruturais de sua competitividade e poder conseguir espaço na economia globalizada.

Para compreender e analisar o desenvolvimento do setor confeccionista e suas implicações sócio-espaciais no município de Brusque será caracterizado como ponto de partida a relação entre espaço e sociedade. Também serão apontadas algumas questões sobre economia e espaço, seguidos de um comentário sobre as transformações recentes na economia mundial inerentes à globalização, principalmente nos países em desenvolvimento.

## 1.1 ESPAÇO E SOCIEDADE

Espaço é uma das palavras que possui maior número de verbetes em dicionários e enciclopédias, e que pode ser usada em dezenas de acepções. Conceituá-la não é tarefa fácil. Entretanto, neste trabalho, a categoria espaço é abordada segundo a definição de Santos (2004: 63), isto é, “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Segundo Santos (1992), em cada momento histórico, o elemento a ser definido muda seu papel, sua posição no sistema temporal e no sistema espacial, sendo que o seu valor deve ser tomado em função da sua relação com os demais elementos e com o todo. Para Santos, os conceitos são casados com seu tempo, isto significa que somente são reais a medida que são atuais.

Santos (2004), afirma que as características do espaço e da sociedade dependem do momento de sua evolução e, neste contexto, apresentam uma relação com um determinado estado das técnicas. Desta forma, o conhecimento dos sistemas técnicos sucessivos torna-se indispensável para a compreensão das diversas formas históricas de estruturação, articulação e funcionamento dos territórios, desde os primórdios da história até a época atual. “Cada período é portador de um sentido, partilhado pelo espaço e pela sociedade, representativo da forma como a história realiza as promessas da técnica” (SANTOS, 2004: 171).

Este autor afirma que a sociedade, isto é, o homem, é o ator que anima as formas espaciais, dando-lhes vida, atribuindo-lhes uma função que a cada momento histórico, vai se modificando. Assim através dessas formas a sociedade se geografiza. Conforme Braverman (1980: 29),

O feitio de nossa sociedade, a forma de qualquer sociedade, não é uma criação instantânea de “leis” que geram aquela sociedade num lugar e diante de nossos olhos. Toda sociedade é um momento no processo histórico, e só pode ser apreendida como parte daquele processo.

Segundo Soja (1983 apud Santos 1996a), a sociedade está sempre se espacializando. Contudo a espacialização não é o espaço, mas sim um momento da inserção territorial dos processos sociais (SANTOS, 1996a).

É relevante mencionar para fins metodológicos que paisagem e espaço, são duas categorias diferentes, uma vez que há muita confusão a respeito destes dois termos. Paisagem é “o conjunto de formas que num dado momento exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”, e o espaço “são essas formas mais a vida que as ensina” (SANTOS, 2004: 103). A paisagem é “testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado. O espaço humano é a síntese sempre renovada, das contradições e da dialética social” (SANTOS, 2004:107,108).

A contribuição de Santos, a respeito do espaço, se mostra entre muitas outras, através do estabelecimento do conceito de formação sócio-espacial, ou simplesmente formação espacial, derivado do conceito formação sócio-econômica. O autor diz não ser possível conceber uma determinada formação sócio-econômica sem se recorrer ao espaço.

Vale lembrar, que formação socioespacial, é uma categoria marxista, que não se aplica a uma sociedade em geral, mas sim a uma dada sociedade. Conforme Santos (1977: 10), esta categoria

Diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais freqüentemente lhes provém o impulso. A própria base da explicação é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta.

Além disso, este autor afirma não ser possível separar as categorias modo de produção, formação sócio-econômica e espaço, pois às considera interdependentes e necessárias para analisar a história econômica de uma determinada região. “Todos os processos que, juntos, formam o modo de produção são histórica e espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de uma formação social” (SANTOS, 1977: 14).

De acordo com Santos (1977), a Geografia se interessou por muito tempo, mais pela forma do que pela formação das coisas. Seu domínio era as coisas já concretizadas e não as dinâmicas sociais que criam e transformam as formas. Assim, o papel do espaço foi minimizado em relação à sociedade.

Entretanto, com propriedade Santos (1977), enfatiza que para interpretar o espaço humano através da geografia como o fato histórico que ele é, torna-se indispensável compreender a história da sociedade mundial aliada a sociedade local, pois isto é fundamental à compreensão da realidade espacial além de permitir a sua transformação a serviço do homem.

A história não se escreve fora do espaço, e as sociedades não existem sem espaço (SANTOS, 1992). Este possui uma relação direta com a sociedade, ela atua dentro dele e sobre ele. “O espaço não é uma simples tela de fundo inerte e neutro” (SANTOS, 1977: 16).

Tendo isso em vista, pode-se dizer que é a sociedade que permite a compreensão dos efeitos dos processos – tempo e mudança –, e especifica as noções dos elementos considerados essenciais para a compreensão da produção do espaço, ou seja (sejam eles), forma, função e estrutura (LEFEBVRE, 1991a e b).

Para um certo momento no tempo, os três elementos de análise citados acima, são suficientes. Porém, para uma análise ao longo do tempo, deve-se adicionar a idéia de processo, com ação e reação sobre os conteúdos deste espaço.

Portanto, quando se estuda a organização do espaço, as categorias de análise — forma, função, estrutura e processo — são necessárias para explicar

como o espaço social está estruturado, como os homens organizam sua sociedade no espaço e como a concepção e o uso que o homem faz do espaço se modificam. Elas devem ser estudadas ao mesmo tempo e como interagem para criar e moldar o espaço através do tempo, fornecendo uma noção de totalidade através das partes fragmentadas. O conceito de totalidade torna-se indispensável no exame da complexidade de fatores ao analisar o contexto espacial (SANTOS, 1992).

Enfim, Santos (1977: 12), diz que,

O interesse dos estudos sobre as formações econômicas e sociais está na possibilidade que eles oferecem de permitir o conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e nas suas frações, mas sempre um conhecimento específico, apreendido num dado momento de sua evolução. [...] É preciso definir as especificidades de cada formação, o que a distingue das outras, e, no interior da formação socioeconômica a apreensão do particular como uma cisão do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzido numa de suas frações.

Toda vez que a sociedade sofre uma mudança, as formas adquirem novas funções, assim, a totalidade da mutação gera uma nova organização do espaço (SANTOS, 1992).

## **1.2 ESPAÇO E ECONOMIA**

O período contemporâneo caracteriza-se pelo predomínio da sociedade urbano-industrial, pelo intenso avanço do capital que opera em todas as escalas. A economia globalizada tem provocado transformações sócio-espaciais em todos os lugares do mundo.

Concorda-se com Ianni (2001), que o desenvolvimento do modo capitalista de produção, atua de forma intensiva e extensiva, tendo como base

novas tecnologias, mundialização dos mercados, inovação, criação de novos produtos, culminando com a criação da divisão internacional do trabalho.

Para Santos (1992), a economia industrial ocupa basicamente todo o espaço produtivo, tanto o urbano como o rural, sendo todos os espaços de produção e/ou consumo. Assim todos os lugares participam da divisão internacional do trabalho, seja pela produção ou pelo consumo.

Nos dias atuais, o uso do espaço supõe uma aplicação de princípios científicos, nas diversas etapas da atividade industrial, comercial, agrícola, etc. Pode-se dizer que em função da tecnologia e da ciência, o espaço se torna conhecido, sendo cada vez mais necessário e possível fazer um inventário das possibilidades capitalistas da utilização do mesmo, como pré-requisito para a instalação de atividades produtivas. Neste sentido, a localização de uma fábrica, de um *shopping center*, são precedidos de estudos de viabilidade que têm como objetivos principais a obtenção de lucro e visualizar as facilidades oferecidas por cada lugar dentro do espaço (SANTOS, 1992).

É importante registrar, que desde o pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em maiores proporções desde o final da Guerra Fria (1946-1989) com a Queda do Muro de Berlim e, mais propriamente após a dissolução do regime socialista e a desagregação do bloco soviético (1991), o capital ganhou proporções universais. No processo fortaleceram-se as empresas monopolistas e oligopolistas, as grandes corporações e os conglomerados transnacionais que passam a ser os principais agentes responsáveis pela organização da produção e dos mercados, digladiando-se também pelo controle do espaço econômico (IANNI, 2001).

Durante a Guerra Fria, quase todos os países do terceiro mundo, voltaram suas políticas de desenvolvimento econômico à industrialização, objetivando acelerar a substituição de importações. Esta, também foi uma época de rearranjo das relações sociais, econômicas, políticas e culturais, visíveis em todas as escalas. Assim, no processo de expansão e reprodução do capital no espaço global, foram criadas e reproduzidas desigualdades, tensões, antagonismos, degradação do trabalho, entre outras (IANNI, 2001:88).

Portanto, sob o comando do sistema financeiro, inaugura-se um novo momento da economia e da sociedade mundial. Desde então, a produção, a circulação e o consumo de mercadorias, vêm sendo influenciados pela ágil circulação de informações e idéias que estão sendo orientadas cada vez mais pelo saber proveniente da ciência e da tecnologia.

As condições para a emergência e a expansão dessa nova fase de reprodução capitalista, foram criadas a partir da combinação de fatores políticos e econômicos. O alcance e a complexidade desse processo de intensificação do capital em escala mundial foi assim destacado por Ianni (1997:147):

O capitalismo se torna concretamente global, influenciando, recobrando, recriando ou revolucionando todas as outras formas de organização social do trabalho, da produção e da vida. Isto não significa que tudo o mais se apaga ou desaparece, mas que tudo o mais passa a ser influenciado, ou a deixar-se influenciar, pelas instituições, padrões e valores sócio-culturais característicos do capitalismo.

Pode-se dizer que, o sistema capitalista está assentado na geração de instrumentos técnicos e inovações tecnológicas utilizados no processo produtivo. O referido sistema visa a valorização do capital tendo, portanto, uma lógica espacial. Nesta perspectiva, surgem arranjos territoriais de dimensões continentais e planetária, remodelando o espaço geográfico e a estrutura espacial de todos os lugares do mundo.

Durante o processo histórico de desenvolvimento, o modo de produção capitalista passou por diversos estágios. Lipietz (1987: 35), enfatiza que “a periodização da sucessão dos estágios é relativa ao processo de trabalho (estágios da manufatura, da grande indústria, da automação) e ao processo de valorização do capital (estágios concorrencial e monopolista)”, cada estágio possui sua própria espacialidade.

Vale lembrar que trabalhadores, capitalistas e Estados Nacionais estão envolvidos no processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista.

Muito embora, o capital tenha se organizado em nível mundial e encontrado seu espaço para se reproduzir através da difusão de inovações, ele não se homogeneiza no tempo e no espaço, e tem como mediador a capacidade de consumo da sociedade.

### **1.3 TRANSFORMAÇÕES NA ECONOMIA MUNDIAL**

No intervalo compreendido entre o término da Segunda Guerra Mundial e 1973, ocorreu uma expansão acelerada da economia mundial. Segundo Harvey (1993), este período deve ser chamado de Fordista-keynesiano, sendo caracterizado por um conjunto de práticas específicas no que diz respeito ao controle do trabalho, configurações de poder político-econômico caracterizando maciça presença do Estado, hábitos de consumo e tecnologias.

Concordando com Storper e Scott apud Pinheiro (1993), entende-se por fordismo, um modelo de desenvolvimento e de produção industrial, cujas características principais se referem a fabricação em massa, processo produtivos de fluxo contínuo ou de linhas de montagem, profunda divisão do trabalho, rígida especialização das máquinas, integração vertical da produção e grandes indústrias altamente capitalistas. Esse sistema pressupunha alto consumo para dar vazão aos produtos e ser lucrativo. Conseqüentemente, eram necessários pesados investimentos em capital fixo e uma demanda estável.

Este modelo exigia um regime de acumulação e um modo de regulação social específicos (AGLIETTA; LIPIETZ apud PINHEIRO, 1993). O modo de regulação social fundamentava-se na teoria econômica de J. M. Keynes, que fazia dos Estados nacionais mediadores do pacto social e implementadores de políticas de pleno emprego e de bem estar social — *Welfare State* —, dando-lhe a responsabilidade de criar inclusive, mecanismos de sustentação da população desempregada (PINHEIRO, 1993).

Centralizado na atividade industrial, o regime de acumulação fordista dava aos empresários maior controle sobre os trabalhadores da fábrica, enquanto para estes, garantia maior participação nos ganhos em produtividade. O sistema reconhecia as organizações sindicais, tornando possível a efetivação de convenções coletivas de trabalho, lastreadas em salários ascendentes e medidas de cunho social (HARVEY, 1993). Assim, devido ao gradativo aumento dos salários da classe operária, esta também se tornou consumidora dos produtos industrializados (PINHEIRO, 1993).

Contudo, no final da década de 1960, o sistema fordista começa a apresentar sinais de enfraquecimento. A recessão de 1973, caracterizada pelas baixas taxas do crescimento econômico e, altos índices inflacionários em todo o mundo capitalista avançada acompanhada da crise do petróleo, originou um conjunto de processos que solapou o fordismo. Em efeito, as políticas Keynesianas e do *Welfare State* não condiziam mais com a realidade capitalista, tornando-se, portanto, inadequadas a economia mundial.

Tavares e Fiori (1993: 27), confirmam isso quando afirmam que:

O modelo taylorista-fordista, que havia sustentado a difusão do padrão industrial (americano) no pós-guerra, tornava-se rapidamente anacrônico, e a base interna de sustentação sistêmica de uma economia de produção e consumo de massas começa a ser erodida.

Nesta conjuntura, as economias avançadas iniciam a transição para um novo padrão de crescimento e principalmente para uma nova trajetória tecnológica, intensificada a partir do final da década de 1970. Isto somente foi possível em face do desenvolvimento de novas tecnologias, de produtos e de processos produtivos e sua conseqüente difusão, não apenas dentro da própria indústria, mas também na sociedade e na economia como um todo. Além disso, foram desenvolvidas novas técnicas de gestão, novas estratégias de mercado e novas formas de organização industrial (SUZIGAN, 1989).

As décadas de 1970 e 1980 se caracterizaram por um reajustamento político e social, por um conturbado período de reestruturação econômica iniciando a ascensão de novas experiências nas organizações e na sociedade. Neste contexto, surgiu um novo ambiente produtivo; novas tecnologias possibilitaram a flexibilidade do sistema de trabalho, gerando vantagens sobre a produção em massa tendo em vista um mercado segmentado e altamente diversificado. Desde então, as empresas capitalistas passaram a buscar na produção flexível, o caminho para sobreviver na crise do mercado que estava saturado e tornou-se seletivo.

Conforme observa Harvey (1993), as práticas político-econômicas do pós-guerra apresentaram acentuados contrastes com aquelas vigentes nos anos de 1970/80 que permitem falar da passagem do fordismo para um novo regime de acumulação flexível. Este regime se confronta diretamente com a rigidez do fordismo, uma vez que visa a flexibilidade dos processos e dos mercados de trabalho, dos padrões de consumo e dos produtos. A inovação organizacional, tecnológica e comercial, novos mercados, novos setores de produção, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros caracterizam a acumulação flexível.

Nesta perspectiva, as empresas organizadas no sistema de produção flexível podem responder às incertezas do mercado e aos problemas econômicos, através da transformação contínua do processo produtivo. Muito embora a "produção flexível" esteja em ascensão, Pinheiro (1993), diz que isso não significa que o fordismo tenha chegado ao fim, ele ainda predomina em diversos setores de atividades industriais. Para Harvey (1993:179), "as tecnologias e formas organizacionais flexíveis não se tornaram hegemônicas em toda parte — mas o fordismo que as precedeu também não".

Desde então, o segmento empresarial vem sendo compelido a reestruturar suas empresas, objetivando ganhar competitividade para conquistar espaço na economia mundial. A conjuntura internacional que se constituiu com a crise do fordismo, favoreceu a propagação do discurso neoliberal contra o Estado intervencionista e de bem-estar social (MELLO, 2000).

Assim, progressivamente, o neoliberalismo tornou-se, conforme Ianni (2001: 89), "a nova ideologia, o novo discurso da economia política mundial". Ainda conforme o autor, esta ideologia, caracteriza-se por um conjunto de fatores com destaque para a reforma do Estado, a abertura de mercados, a desestatização da economia, a redução de encargos sociais por parte do poder público e das empresas ou corporações privadas, a busca da qualidade total e a privatização de empresas governamentais. No processo, a onda neoliberal prioriza a grande corporação, a propriedade privada, o mercado sem restrições, a produtividade e a lucratividade.

Para Petras apud Cordovil (2001: 30), "a grande diferença entre o liberalismo do século XVIII e o atual (neo)liberalismo, é que o primeiro lutava contra as restrições pré-capitalistas e o segundo contra as influências sindicais ou do Estado do bem-estar social". Além disso, enquanto o liberalismo permitiu a criação da legislação trabalhista, diante da pressão realizada pelas massas populares, o neoliberalismo, em contra posição, retrocede ao período em que não havia organização de classe, desfazendo a "complexa sociedade urbano-industrial", os seus mercados, as suas regras e os seus circuitos financeiros (CORDOVIL, 2001).

O neoliberalismo no Brasil é marcado tanto pela deterioração das condições de emprego como do mercado de trabalho. Tavares (1996a), confirma isso quando diz que:

O eixo das políticas propostas é a redução do custo da mão-de-obra, tanto diretamente como por meio da liberalização do mercado de trabalho e do debilitamento da capacidade de atuação das organizações sindicais, que repercutiram positivamente sobre o crescimento do emprego.

Ainda conforme a autora, a incorporação tardia do Brasil à onda neoliberal exacerba as manifestações destrutivas deste processo, levando ao desemprego estrutural, provocando a quebra de empresas, a liquidação do

estado desenvolvimentista e a aniquilação do Estado do Bem-Estar Social. (TAVARES, 1996b).

A desenfreada expansão dos mercados financeiros, a difusão das expressões neoliberais pelo mundo e a introdução de "novas" modalidades de produção são fenômenos que marcam o desenvolvimento capitalista mundial na atualidade.

#### **1.4 GLOBALIZAÇÃO MUNDIAL E NOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO (BRASIL)**

Na década de 1980, o crescimento econômico tanto dos países centrais como dos países em desenvolvimento, foi afetado por uma crise, que resultou em profundas mudanças estruturais na economia internacional. Este fato culminou com a intensificação do processo de globalização na década de 1990, alterando paradigmas (técnico-científico) e redefinindo as formas organizacionais até então dominantes (POSSAS, 1996).

A globalização econômica, definida *lato sensu* como a integração ativa do comércio e da produção mundial, inegavelmente é o processo que caracteriza os anos de 1990. Não obstante às controvérsias, há um certo consenso, de que apesar de não ser uma nova realidade, o fenômeno globalização indica uma nova fase do desenvolvimento econômico e social do capitalismo no mundo contemporâneo.

Neste sentido, M. J. Santos (2001: 20), diz que “o conceito de globalização encerra uma nova dimensão e uma amplitude diferente das anteriores, referindo-se, sobretudo, à existência de um elevado grau de integração funcional entre as diversas atividades dispersas à escala mundial”. Ianni (2001), assinala que a globalização é um conjunto de transformações políticas e econômicas que nas últimas décadas estão resultando na integração dos mercados mundiais.

Mas é Tavares (1999: 246), que coloca a questão nos devidos termos quando se refere à globalização como:

Um processo que vem se desenvolvendo há várias décadas — via transnacionalização da produção e do comércio internacional —, assumindo dimensões mais amplas com a desregulação financeira deflagrada pelos Estados Unidos na primeira metade dos anos oitenta.

Concorda-se com Santos (1996b), que o grande desafio para os pesquisadores hoje, é entender as novas estruturas econômicas e políticas que estão organizadas à escala do planeta, elas vêm criando um mundo no qual, um dos aspectos sobressalentes são as novas configurações espaciais. Desse modo, portanto, são criadas novas realidades e, processos que merecem ser investigados.

Considera-se que o capitalismo enfrenta barreiras econômicas, sociais e culturais, em seu processo de expansão. Estes fatores tornam os lugares singulares, ou seja, diferentes uns dos outros. Assim, como outros setores, a indústria de confecção e, cada empresa em particular, é única em cada lugar e, absorve os efeitos globais de modo diferenciado. Comentando sobre a questão, Santos (2004), diz que o local e o global pertencem a uma mesma lógica — eles se unificam através/no do meio técnico-científico-informacional.

Conforme Araújo (1997: 71),

O espaço se reestrutura com o impacto da globalização e os lugares (localidades) reagem de diferentes modos a esse processo, conforme suas condições sócio-econômicas, e é no local que encontramos o novo e o antigo, pois essas mudanças criam novos modos e espaços de produção e consumo.

Alguns estudiosos vêm abarcando o termo globalização, como se tal ordem mundializante apresentasse apenas benefícios. Essa é uma visão

otimista, que pode favorecer os detentores do capital, excluindo significativa parcela dos trabalhadores que dispõe apenas de sua força de trabalho. Segundo M. J. Santos (2001), a globalização é um processo que vem ocasionando profundas transformações na organização da produção, na implantação de novas formas de trabalho e na estruturação das empresas. A globalização altera a divisão internacional do trabalho, criando novos padrões de concorrência e intensificando a desigualdade entre países.

Desse modo, num quadro de profundas transformações, o processo de globalização, intensificado na década de 1990, provocou reestruturações produtivas em todos os setores da economia, tendo como característica comum a unidade técnica. A crescente competitividade entre empresas e países, passa a requerer eficiência técnico-científica, maior produtividade e, portanto, maior qualificação dos trabalhadores. Neste contexto, se pode afirmar que o sistema capitalista passou a operar em escala internacional e sob forte reticência se pode dizer que a economia de fato está globalizada.

Comentando sobre a globalização, Mello (2000), enfatiza que os países subdesenvolvidos passam a ser vistos como reserva de matéria prima, de força de trabalho barata e de mercado consumidor dos produtos produzidos pelos países centrais. Concordando com a concepção desta autora, considera-se que a globalização intensifica os problemas de desigualdade social, altera a divisão internacional do trabalho e exige novos padrões de concorrência. Neste contexto, ocorre a desestruturação de parques industriais nos países “periféricos”, incluindo-se aí o Brasil, que num primeiro momento se mostram incapazes de atuar conforme as novas regras do mercado globalizado.

No cenário brasileiro, o processo de globalização adquiriu intensidade, sobretudo a partir dos anos de 1990, quando ocorreu a abertura econômica. Neste período, o país saía da chamada “década perdida”, ou seja, dez anos de crise e estagnação nos anos de 1980. Além disso, o Brasil era o último país latino americano a abrir o mercado para a entrada de produtos estrangeiros, o que gerou muitas expectativas em torno dos resultados que seriam obtidos.

Já a partir de 1991 o Governo Collor reduziu as tarifas de importação brasileiras drasticamente, que estavam entre as mais elevadas do mundo. Apesar disso, não houve um aumento avassalador das importações, pois, apesar deste governo abrir o mercado às importações, imperava no país uma situação caótica causada pela inflação.

Em seguida foi a vez da política econômica neoliberal, adotada pelo governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso – FHC –, que se embasava no fim da regulação do Estado sobre os mercados, privilegiando os interesses individuais e particulares para o desenvolvimento da economia, gerando uma situação de livre acumulação privada de capital.

No primeiro ano do seu primeiro mandato (1995-1998), o Presidente FHC, lançou um plano de estabilização econômica registrando a reforma monetária com a implantação do Plano Real. Abriu as portas do comércio desequilibrando a barreira comercial para reduzir a inflação, elevou as taxas de juros restringindo o crédito interno, além de manter, uma taxa cambial sobrevalorizada (TAVARES, 1999).

Além disso, medidas adotadas pelo governo para reduzir as alíquotas de importação, incentivando à entrada de produtos estrangeiros no país, restringiu sensivelmente o mercado interno para os produtos nacionais. Entre as dificuldades enfrentadas pelas indústrias brasileiras com a abertura econômica e a sobrevalorização do Real, destaca-se a perda de competitividade das empresas com a crescente entrada de produtos vindos principalmente dos chamados "Tigres Asiáticos" (Coréia, Taiwan, Hong Kong e Cingapura). Portanto, as condições desiguais de competição, favoreceram a invasão dos produtos importados.

Num processo de rápidas mudanças e de redefinição do panorama competitivo, as empresas se tornaram alvo de pressões para se reposicionarem no mercado. Segundo Lins (2000: 17), esta mudança, representou uma "interrupção da trajetória protecionista relacionada à histórica estratégia de substituição de importações". Neste sentido, as empresas

incluindo-se aí o setor confeccionista, foram compelidas a se reestruturarem para enfrentar a concorrência e permanecer no mercado.

A abertura da economia brasileira para o mercado internacional abalou a estrutura industrial e produtiva nacional, acarretando centenas de falências e acentuadas taxas de desemprego. Neste descompasso, registrou-se a precarização das condições de trabalho em proporções gigantescas. Como diz Klagsburn apud Mello (2000:12), "quanto mais trabalhadores estiverem desempregados, concorrendo por um posto de trabalho, mais se deterioram os níveis de salário e as condições de salário e emprego".

Tavares (1999) enfatiza que a abertura da economia, os juros altos e a sobrevalorização cambial tinham a intenção de segurar os preços de qualquer maneira, no entanto, instabilizaram as demais variáveis macroeconômicas e desmantelaram parte da indústria e da agricultura sem torná-las mais competitivas. A globalização da economia brasileira implicou enormes preços políticos e sociais que o povo foi obrigado a pagar em prazos curtíssimos, devido a maneira como tal processo foi e ainda vem sendo conduzido (TAVARES, 1996b).

Conseqüentemente, no cenário constituído, novas formas de organizar a produção criaram rearranjos no trabalho desverticalizando a produção em determinados espaços. Tanto a flexibilização produtiva como a flexibilização das relações de trabalho, que assume a forma de subcontratação, reduzem a mão de obra permanente, gerando um grande contingente de trabalhadores temporários, impactando negativamente sobre o emprego.

Na época em que se desenvolvem novas tecnologias de produção com base na eletrônica, informática, robótica, compreendendo inclusive a flexibilização dos processos produtivos, ocorre todo um rearranjo da força de trabalho. [...], cresce a demanda de força de trabalho preparada para atuar sob novas condições técnicas e organizatórias do processo produtivo, e declina a demanda de força de trabalho não qualificada e semiquificada (IANNI, 2001: 61).

A flexibilidade se manifesta de várias formas, sendo visível em aspectos relativos à mudança tecnológica; na organização da produção e das estruturas institucionais, no uso cada vez maior da subcontratação; na colaboração entre produtores complementares (BODDY, 1990). Neste contexto, o sistema capitalista passa a impor uma nova forma de organização do trabalho que seja adequada à nova organização da produção, tendo como marca uma maior qualificação profissional. Conseqüentemente, isso reduz a mão de obra não qualificada, aumentando o desemprego e o trabalho informal.

As propostas de flexibilização serviram apenas aos propósitos de aumentar ainda mais a exploração da força de trabalho empregada, acabar com conquistas sociais dos trabalhadores e acima de tudo fragilizar a capacidade de negociação de suas organizações sindicais (Tavares, 1999).

## **CAPÍTULO II**

### **FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE BRUSQUE/SC**

#### **2.1 ASPECTOS GERAIS**

A partir do século XIX, ao mesmo tempo em que começava a desabrochar a indústria nacional, o estado de Santa Catarina tornou-se palco de um lento e constante processo de desenvolvimento da indústria regional. Segundo Mamigonian (1965), o processo heterogêneo de povoamento, tanto no tempo como em termos étnicos, levou à formação de regiões economicamente diferenciadas; o que justifica o fato de o setor industrial não estar concentrado na capital do estado, mas sim distribuído em várias regiões.

Cada região de Santa Catarina possui uma formação social específica dentro de um modo de produção maior e assim, segundo Santos (1977), o local torna-se a cada momento histórico, dotado de um significado próprio, particular.

Este estado destaca-se no país como um dos principais produtores no setor têxtil-vestuarista, tanto em termos de produção como de geração de empregos. Abriga uma série de pólos vestuaristas, caracterizados pelo predomínio de micro e pequenas empresas, que estão distribuídos geograficamente em algumas áreas de maior aglomeração urbana. Isto se deve, a forma singular com que ocorreu a industrialização no território catarinense.

É relevante salientar, que os setores têxtil e vestuário ocuparam no ano de 2003, a quarta e terceira posição na formação da renda industrial total (Arrecadação de ICMS por setor de atividade) do estado de Santa Catarina, perdendo apenas para os setores de produtos alimentares e bebidas (SECRETARIA DO ESTADO DA FAZENDA, apud FIESC, 2004, p. 75).

Já na participação dos segmentos de atividade na indústria de transformação catarinense e sobre igual setor nacional, levando em consideração o Valor da Transformação Industrial (VTI) em 2002, a fabricação de produtos têxteis e a confecção de artigos do vestuário e acessórios ocuparam a terceira e quarta posição respectivamente, perdendo para a fabricação de produtos alimentícios, bebidas e fabricação de máquinas e equipamentos (SECRETARIA DO ESTADO DA FAZENDA, apud FIESC, 2004, p. 95).

Inserido numa das regiões têxteis mais antiga e mais importante do Brasil, o Município de Brusque, localizado no Vale do Itajaí Mirim (Figura 01), abriga empresas têxteis que tiveram sua gênese no final do século XIX e início do século XX, como é o caso da Fábrica de Tecidos Renaux (1892), Buettner (1898) e Schlösser (1911). Tais empresas desempenharam importantíssimo papel no desenvolvimento econômico urbano e regional e ao longo destes anos ganharam reconhecimento da qualidade de seus produtos, tanto no país como no exterior.

O setor têxtil, voltado para a fabricação de tecidos plano, foi por quase um século, praticamente a única base econômica do Município de Brusque. Desta forma o produto final — o tecido — era comercializado como matéria prima e não como produto acabado. Apesar da tradição nesta atividade, foi somente no final da década de 1980, que a confecção de artigos do vestuário ganharam destaque com a criação de um concentrado roteiro de compras localizado na Rua Azambuja, tornando Brusque uma cidade relativamente conhecida no Sul do Brasil.

Brusque apresenta características originais, haja vista que nasceu em meio a uma sociedade diversa da brasileira tradicional, devido a colonização do vale Itajaí-Mirim ter sido efetuada por pequenos proprietários vindos da Europa, na segunda metade do século XIX, quando o mercado consumidor nacional ainda encontrava-se bastante restrito (MAMIGONIAN, 1960).

**FIGURA 01 – Mapa de Localização do Município de Brusque - SC**

# FIGURA 01 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BRUSQUE - SC



— REDE VIÁRIA  
— REDE HIDROGRÁFICA

FONTE: IBGE, CARTA BRUSQUE - FOLHA SG-22-Z-D-II-1, 1978.  
 PLANEJAMENTO: MARCELA K. CORRÊA, DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS / UFSC, 2003.  
 EDIÇÃO GRÁFICA: EDSON F. GONÇALVES - edson@cfh.ufsc.br, DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS / UFSC, 2003

Neste sentido, para melhor compreender a formação social deste Município, dividir-se-á a história de Brusque em etapas, abordando sua gênese como colônia, e suas fases do desenvolvimento econômico e industrial.

## **2.2 CRIAÇÃO DA COLÔNIA DE ITAJAÍ-BRUSQUE**

A partir da segunda metade do século XIX (PLANO DIRETOR, 1997), da imensa Itajaí, foram aos poucos, se desmembrando áreas que originaram novas colônias e posteriormente municípios. Assim, após Itajaí ter sido elevado município, em abril de 1859, o governo Imperial resolveu incrementar o desenvolvimento da região. Em 1860, como resultado da execução da segunda parte de tal plano, foi criada e instalada pelo presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Carlos de Araújo Brusque, a Colônia de Itajaí-Brusque, chamada posteriormente de Brusque (SEYFERTH, 1999).

Oficialmente esta colônia foi instalada em 04 de agosto de 1860, com a chegada do Barão Maximiliano von Schneéburg com uma leva de 55<sup>1</sup> colonos alemães. A colônia foi criada não como um empreendimento particular como no caso de Blumenau, mas como uma colônia oficial, por ato do governo imperial. Ela estava limitada numa área com aproximadamente 1.936 Km<sup>2</sup> e no final do ano da fundação, os imigrantes alemães, totalizaram 406 habitantes (HERING, 1987).

No local, já estavam estabelecidas algumas famílias vindas em pequenas embarcações através do Rio Itajaí-Mirim, entretanto, quando os primeiros colonos chegaram, ainda não haviam lotes demarcados.

Assim, a primeira providência do Diretor, Maximiliano von Schneéburg, foi escolher um local para estabelecer a sede da colônia. Esta é considerada um elemento funcional e espacial da colônia para centralizar as funções não rurais: administração, serviços religiosos e escolares, comércio, serviços de comunicações e de polícia por exemplo (MAMIGONIAN, 1960).

---

<sup>1</sup> Lago (1960) e Cabral (1958), afirmam que foram 59 colonos em número de 10 famílias.

Através da sede a Colônia mantinha contato com o mundo exterior. Por isto mesmo, desde os primeiros tempos, os colonos, chamaram-na "stadtplätz"<sup>2</sup>, pois ela de fato desempenhava funções urbanas, apesar de ter-se transformado num verdadeiro organismo urbano somente com o crescimento que se seguiu à primeira guerra mundial<sup>3</sup> (MAMIGONIAN, 1960, p.: 3).

O povoamento utilizado no Vale do Itajaí-Mirim foi do tipo *Waldhufendörf*<sup>4</sup>, no qual os colonos podiam adquirir a posse plena de pequenos lotes (compridos e estreitos).

As primeiras construções foram feitas à margem direita do Rio Itajaí-Mirim, passando em seguida para a margem esquerda, ocupando o local, que atualmente é o centro da cidade de Brusque. As principais picadas foram abertas em decorrência da inexistência de caminhos, acompanhavam o curso do rio e a partir das mesmas, seguindo os principais afluentes abriam-se as picadas secundárias, transformadas em estradas com o passar do tempo. Os lotes por sua vez, foram delimitados de forma paralela uns aos outros, de ambos os lados do Rio Itajaí-Mirim, estendendo-se numa longa faixa em direção ao fundo do vale (SEYFERTH, 1999).

O tamanho desses lotes variava entre 25 e 30 hectares (SEYFERTH, 1999). Estes eram demarcados perpendicularmente aos cursos d'água (Figura 02), e conseqüentemente aos caminhos rurais com a intenção de permitir acesso da água a todos os lotes (MAMIGONIAN, 1960).

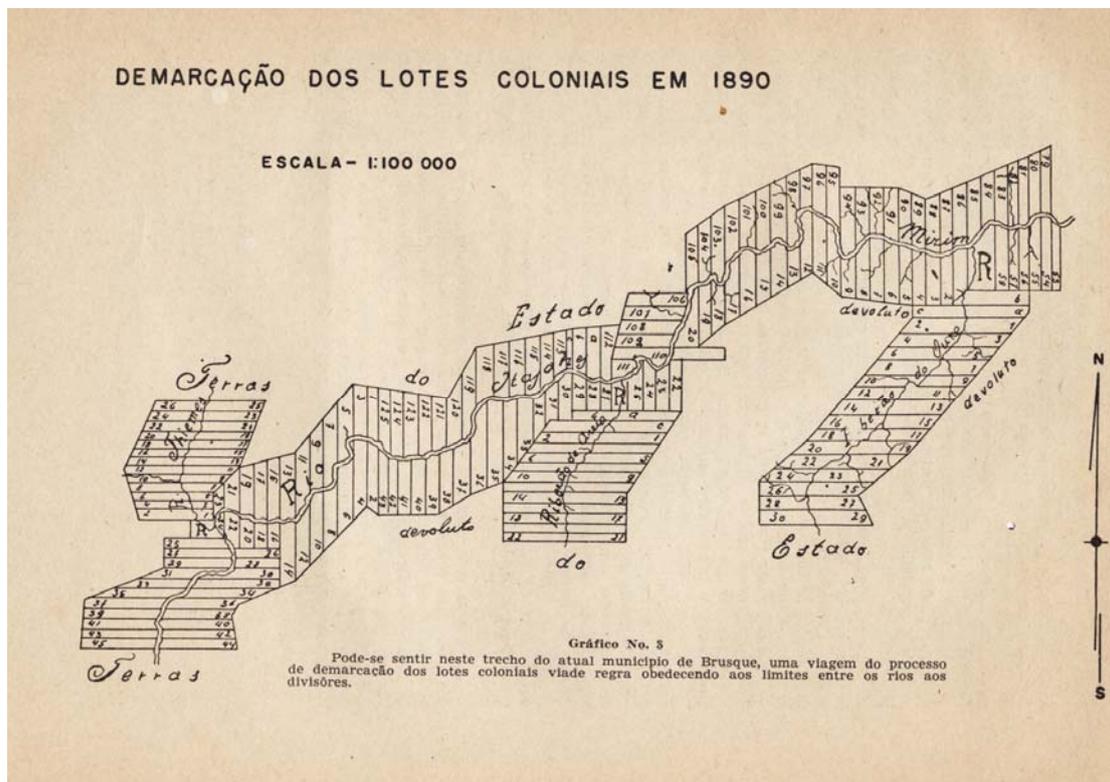
---

<sup>2</sup> Cidade, centro da cidade.

<sup>3</sup> Administrativamente a vila de Brusque foi elevada a cidade em 1916.

<sup>4</sup> Modelo de povoamento do final da Idade Média, adotado em algumas regiões da Alemanha. Ver mais detalhes em Seyferth (1999: 47 a 51).

**FIGURA 02 – Ilustração da Demarcação dos Lotes Coloniais de Brusque em 1890**



Fonte: Lago (1960).

Segundo Buggenhagen apud Hering (1987), os lotes não poderiam ser grandes, não apenas pela inexistência de áreas planas e extensas e pela determinação da experiência colonizadora do próprio governo, mas também pela origem social dos primeiros imigrantes, cuja vivência era de um simples colono. Outro fator que merece destaque, diz respeito a forte limitação de espaço do território de Brusque, devido a estreiteza da bacia do Itajaí-Mirim, ao contrário de Blumenau e Joinville.

As cidades brasileiras colonizadas por alemães, com destaque para as do Vale do Itajaí, se diferenciam das cidades colonizadas por portugueses principalmente quanto a gênese de sua malha urbana. Enquanto as cidades luso-brasileiras crescem de forma concêntrica a partir da praça cívica, onde também está localizado o paço municipal e a igreja, as cidades teuto-brasileiras desenvolvem um crescimento linear e radial ao longo dos eixos paralelos aos

cursos d'água, onde hoje, está estruturado o sistema viário (PIMENTA & LIMA, 1999).

Este, também é o caso de Brusque. O crescimento linear nos primórdios da colônia persistiu a medida que a cidade se desenvolveu e ainda é visível nos dias de hoje, porém, em parte, foi alterado por uma ocupação do tipo tentacular, na qual vias de penetração aumentaram a área urbana do Município, sempre através do fundo dos vales (PLANO DIRETOR, 1997).

### **2.2.1 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA COLÔNIA DE BRUSQUE**

O desenvolvimento econômico e cultural da colônia ocorreu num ritmo lento, aprimorando-se à medida que chegavam novos colonos (MAMIGONIAN, 1960). A instabilidade das diversas administrações, baseadas em princípios mais políticos que econômicos, foi outro fator de peso para explicar o desenvolvimento em ritmo menos acelerado que as colônias de Blumenau e Joinville, que como empreendimentos particulares, lhes garantiu maior estabilidade, haja vista que permaneceram durante muitos anos sob a direção de seus fundadores.

Esta primeira fase de desenvolvimento, isto é, a fase colonial (1860-1880), caracterizou-se por uma economia voltada para a pequena produção agrícola e para a atividade comercial. As colônias alemãs tinham sua base na pequena propriedade, sendo a família a unidade produtora, enquanto o resto do país, de modo geral, tinha base econômica no latifúndio e usava principalmente a força de trabalho escrava (MELLO, 2000).

As colônias se desenvolveram seguindo as fases clássicas da colonização alemã, ou seja, o desmatamento e a agricultura de subsistência, a exploração agrícola e concomitantemente o beneficiamento doméstico da produção, e a exploração de excedentes (HERING, 1987). Essas duas últimas fases tornam-se mais claro quando Seyferth (1999: 66), diz que:

[...] das atividades econômicas nesse regime de pequena propriedade incluíam não apenas a agricultura e criação de animais, mas também toda uma atividade associada a essas duas: uma pequena indústria doméstica (*Hausindustrie*) destinada à transformação da produção agrícola para consumo próprio e para venda.

Segundo Mamigonian (1960), a colônia constituía-se numa pequena propriedade de exploração policultora com excedentes destinados a troca por produtos como sal, querosene, ferragens, tecidos, armarinhos, artigos essenciais aos colonos, adquiridos principalmente em Florianópolis. Conforme a tradição alemã, a produção do colono devia atender o autoconsumo e o comércio, portanto, não havia produção em larga escala, visando fins exclusivamente comerciais. Não só a extensão dos lotes não permitia, como era perigoso arriscar a sobrevivência do colono num mercado ainda irregular, tanto no que se refere a compra dos gêneros para seu consumo, quanto na venda de sua produção. Desse modo, o colono solidificou um caráter independente através da policultura (HERING, 1987).

O intermediário deste comércio era chamado de vendeiro, pessoa responsável por estabelecer relações entre a colônia e o mercado onde os produtos seriam escoados, também orientava as atividades agrícolas, sugeria as culturas mais vantajosas e determinava os preços dos produtos, além de imprimir um cunho pessoal à vida na sua zona de influência (MAMIGONIAN, 1960). O vendeiro era considerado a figura central na vida colonial, enquanto as vendas faziam papel de reguladores da economia. Do vendeiro dependia a atividade econômica local, e apesar do colono produzir para sua sobrevivência, necessitava de certos produtos manufaturados e determinados alimentos vindos de outras colônias, cuja provisão dependia dos vendeiros (HERING, 1987). Mamigonian (1960), se refere a esta articulação como o sistema colônia-venda.

A vida material, social e política do período decorria das relações entre colonos e comerciantes. Estes últimos mantinham quase um monopólio das iniciativas econômicas como transporte pelo rio Itajaí-Mirim, iluminação elétrica, primeiras tentativas de estabelecimentos fabris. Eram também os proprietários dos melhores imóveis, meios de locomoção e os principais líderes políticos.

É importante dizer, que a colonização de Brusque, contou não somente com uma grande quantidade de imigrantes camponeses alemães fugindo do abaixamento do nível de vida, principalmente vindos de Baden — extensas áreas do Sudeste da Alemanha —, mas também com pessoas altamente capacitadas, forçadas a emigrar pelas duras condições da sociedade alemã, bem como, com operários tecelões vindos da região industrial de Lodz (Polônia), onde havia excedentes de mão-de-obra no final do século XIX (MAMIGONIAN, 1960 e SEYFERTH, 1999).

Por volta de 1875, cerca de 10.000 imigrantes italianos<sup>5</sup> também se estabeleceram no local (KONS, 1999). Conforme Hering (1987), esses imigrantes vieram arregimentados pelo contrato Caetano Pinto<sup>6</sup>, que deveria trazer ao Império imigrantes europeus, em decorrência da pausa do movimento imigratório alemão, imposto pelo Rescrito de Heydt<sup>7</sup>. As razões da vinda, não se distinguem muito daquelas dos alemães, mas ainda acrescenta-se à crise agrícola que assombrou a Itália de 1873 até 1890 e as lutas pela unificação política deste país.

O ano de 1889 foi marcado pela chegada dos Poloneses, que fugiam da crise nas áreas industrializadas — pelo excedente de mão-de-obra de tecelões em Lodz (Polônia). Como as famílias de Lodz não se adaptaram ao trabalho agrícola, não tornaram esta uma atividade econômica lucrativa, passando a trabalhar no ramo têxtil, pois já o faziam em seu país de origem.

Corroborando com Mamigonian (1960), com estes imigrantes tecelões surgiu a chance de utilizar mão-de-obra especializada, uma vez que os empreendedores de visão mais aguçada (Renaux e Buettner), perceberam na existência de um mercado consumidor as possibilidades de um grande sucesso.

---

<sup>5</sup> Segundo Lago (1960), as zonas do Cedro Grande, Botuverá, Limeira, Lajeado e Águas Negras, foram as que mais apresentaram imigrantes italianos.

<sup>6</sup> Este contrato foi efetuado entre o Comendador Joaquim Caetano Pinto Jr. e o Governo Imperial, autorizando a entrada de 100.000 imigrantes europeus (exceto alemães) no Império, sob o decreto nº. 5.663, de 17 de junho de 1874 (HERING, 1987).

<sup>7</sup> Este ato foi promulgado pela Prússia em 1859, objetivando frear a imigração para o Brasil, alegando maus tratos aos imigrantes nas fazendas de café em São Paulo. A partir de 1871, com a unificação dos Estados alemães sob a hegemonia da Prússia, esta restrição passou a vigorar em toda a Alemanha, sendo revogado somente em 1896. Tendo isso em vista, o Governo Imperial promoveu a imigração italiana, a partir de 1875 (HERING, 1987).

Para a colônia **Itajahy** isso foi o começo de uma nova etapa, encerrando o ciclo colonial na região e estabelecendo alicerces da indústria têxtil catarinense, tornando Brusque, anos depois, conhecida como “berço da fiação catarinense” e, mesmo, como “capital dos tecidos” de Santa Catarina (GOULART, 1984: 07).

Portanto, o fator decisivo para a industrialização, não veio com os primeiros imigrantes que se estabeleceram em Brusque, pois estes ainda não possuíam experiência industrial vivenciada na terra de origem, mas sim com a leva de imigrantes, vindos de áreas urbanas e industrializadas e com melhores condições sociais.

Os vendeiros, através do controle dos preços das mercadorias, do mecanismo da conta-corrente, dos empréstimos e dos meios de transporte, controlavam, basicamente todas as atividades econômicas do vale do Itajaí-Mirim, no início do século XX. Segundo Mamigonian (1960), o comércio se tornou praticamente a única fonte de acumulação de capitais e o setor onde se concentravam os elementos mais capazes – Bauer, Krieger, Buettner e Renaux. Isso ocorreu devido a possibilidade de

[...] acumular capitais que não se limitavam aos recursos reduzidos de uma pequena propriedade agrícola. Essa acumulação de capital comercial que precedeu a industrialização só foi possível [...], a partir da absorção da pequena produção dos colonos (SEYFERTH, 1999: 116-117).

Assim, do comércio nasceram dois fatores da industrialização: os empreendedores e os capitais em suas mãos. Além disso, com o esgotamento dos solos em poucas décadas, a atividade que permitiria uma ligação permanente com o mercado, o que era primordial para o progresso de Brusque, seria a indústria de bens de consumo, principalmente têxtil.

Essas indústrias, portanto, começaram a nascer ainda no sistema colônia-venda por iniciativa de João Bauer (1890), Carlos Renaux (1892), Edgar von Buettner (1898) Gustavo Schlösser e filhos (1911), antes mesmo

da formação de uma verdadeira cidade. Em 1916, o Governador do Estado elevou a vila à categoria de cidade, quando o número de habitantes não ultrapassava mil pessoas (SEYFERTH, 1999).

Conforme Hering (1987), apesar de a produção agrícola não ter sido a vocação econômica do Município de Brusque, forneceu as raízes de uma tradição local que permaneceu presente, muitas vezes como fator decisivo nas fases seguintes do desenvolvimento econômico local e regional. A autora enfatiza que o imigrante possuía uma mentalidade imbuída de ética (protestante) que dele exigia economia, autocontrole e moderação no comportamento, valores estes destacados como indispensáveis – maior até do que a própria posse de capital – para a industrialização nos países líderes deste processo.

### **2.3 PRIMEIRA FASE DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BRUSQUE: 1880 — 1913<sup>8</sup>**

A década de 1880 representa a passagem para uma nova fase do desenvolvimento da economia catarinense. A partir deste período, constata-se que as condições locais haviam evoluído para uma situação de demanda e renda regular, a agricultura estava em decadência, já havia vias de transporte, as iniciativas de colonização estavam temporariamente paradas, conduzindo a novos ramos de atividades (HERING, 1987).

É importante ressaltar que o advento da indústria têxtil em Brusque, não possui relação com o incipiente artesanato local, isto é, a indústria têxtil não foi uma evolução das oficinas artesanais locais. O mesmo se pode afirmar sobre as matérias-primas, que inexistiam no local, sendo então importadas (SEYFERTH, 1999).

---

<sup>8</sup> Seyferth (1999), divide a industrialização do município de Brusque em períodos diferentes: o primeiro quando a atividade agrícola é predominante sobre a rural (1892 a 1930), seguindo-se de um período de transição (1930 a 1950) e o segundo quando as atividades industriais passaram a predominar sobre as agrícolas.

Alguns fatores, conforme Seyferth (1999), emergem como motivadores para o surgimento da indústria têxtil em Brusque. Entre eles, pode-se destacar os altos preços das roupas e tecidos em todas as áreas coloniais, a probabilidade de garantir um mercado seguro na própria colônia para a produção, a existência de capital acumulado local e a presença de mão-de-obra disponível. Pimenta (1996: 64) ainda destaca que:

Afinidades de parentesco [...], relações extra-fábricas por associações comunitárias diversas, um certo espírito cooperativista e uma forte identidade cultural constituíram, sem dúvida, as vantagens comparativas do sucesso de uma região periférica, com tremendas dificuldades territoriais – devido às péssimas condições de circulação de insumos e do produto final – capitais locais incipientes, oriundos da pequena acumulação mercantil.

Como bem diz a autora, esses também são considerados fatores compensatórios da desprivilegiada localização geográfica do município. A falta de apoio institucional somada ao isolamento regional, certamente contribuíram para o estabelecimento de relações locais singulares (PIMENTA, 1996).

A presença de tecelões/técnicos especializados existentes na colônia não bastavam para cuidar de uma empresa têxtil, mas eram capazes de treinar colonos interessados a tornar-se operários.

Portanto corroborando com Seyferth (1999), afirma-se que foram três as causas determinantes da industrialização de Brusque, especificamente da indústria têxtil: existência de um mercado consumidor; presença de mão-de-obra disponível entre os colonos, reforçada pela presença de alguns tecelões especializados, que funcionaram como orientadores dos demais e, também pela presença de capital local garantido pelo comércio.

Em decorrência da implantação da indústria têxtil no final do século XIX, ocorreram mudanças na divisão do trabalho na área colonial. Por motivos técnicos e buscando um melhor aproveitamento da mão-de-obra, as indústrias se espalharam por toda a área colonial, contudo, algumas características do sistema colônia-venda ainda permaneceram visíveis (PIMENTA e LIMA, 1999).

A agricultura para o autoconsumo continuou lado-a-lado com o trabalho na indústria. Os colonos trabalhavam um período na fábrica e outro na agricultura, tornando a mão-de-obra menos vulnerável nos tempos de crise, ou mesmo, garantindo alimentação perenemente e trabalho diversificado em relação a rotina massificante frente as máquinas (HERING, 1987).

De acordo com Mamigonian (1960), as iniciativas das indústrias têxteis não cessaram na instalação das tecelagens, pois perceberam que para enfrentar a concorrência estrangeira precisavam ter suas próprias fiações. Em 1900, a Fábrica de Tecidos Renaux implantou sua própria fiação, a primeira do Estado de Santa Catarina. Foi por este motivo, que no centenário da cidade em 1960, o Padre Raulino Reitz criou o slogan “Brusque, Berço da Fiação Catarinense” (NIEBUHR, 1999).

Hering (1987), destaca que os investimentos realizados pelas indústrias têxteis do Vale do Itajaí, caracterizavam-se por ser exclusivamente de recursos próprios, o que as tornou economicamente estáveis. A autora constatou a independência das empresas em relação ao governo, pela inexistência de “favores” e subsídios, que as empresas mais próximas dos grandes centros recebiam. Da mesma forma, em relação às instituições bancárias, que inexisiam no local. Isto pode ser uma das explicações da auto-suficiência das empresas, da solidez, da capacidade de manter-se no mercado diante de conjunturas difíceis.

Pode-se perceber um traço estrutural característico destas empresas mais antigas, ou seja, a forte concentração vertical – fiação – tecelagem – tinturaria – acabamento. Apesar da administração das empresas de maior destaque serem do tipo familiar, havia grande preocupação pessoal e a elevação técnica era obtida inclusive através de estudos no exterior.

Portanto, nessa primeira fase foram criadas e consolidadas as tradicionais empresas têxteis que formam hoje o tradicional parque industrial de Brusque. Hering (1987), afirma que a formação das indústrias originadas das pequenas unidades familiares, associada ao isolamento da região e a auto-geração de recursos fez com que as empresas se desenvolvessem

solidamente e prosperassem na segunda fase de desenvolvimento da industrialização de Brusque.

### **2.3.1 SEGUNDA FASE DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO: 1914 – 1945**

Os anos entre 1914 e 1945, conforme Hering (1987), se referem a segunda fase da industrialização de Brusque, justificando que convencionalmente este é o marco do início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) respectivamente. Neste período, as fábricas da região romperam o isolamento do qual havia se desenvolvido e passaram a sentir a repercussão mais ou menos direta da economia brasileira e mundial.

O período entre guerras foi de acumulação de forças das indústrias existentes em Brusque, haja vista que novas possibilidades surgiram no mercado nacional em virtude da crise européia somadas ao surgimento da energia elétrica em 1913.<sup>9</sup>

As indústrias têxteis, neste período, diversificaram sua produção e conquistaram o mercado nacional (HERING, 1987). Em 1925, foi fundada no centro da cidade de Brusque a Indústria Têxtil Renaux (IRESA), com a finalidade de produzir tecidos decorativos. Esta foi a única indústria têxtil criada entre 1912 e 1944.

Pode-se dizer que, se por um lado, são as indústrias têxteis que dominam o horizonte industrial brusquense, por outro são quatro grandes fábricas que concentram vigorosamente o potencial têxtil do município – Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, Indústria Têxtil Renaux, Buettner e Schlösser (MAMIGONIAN, 1960).

---

<sup>9</sup> A primeira usina de energia elétrica foi instalada em 1913, por iniciativa de João Bauer, no distrito de Guabiruba (HERING, 1987).

Somente no período da Segunda Guerra Mundial surgiram novas indústrias têxteis em Brusque, como a Indústria de Tecidos Loureiro Bauer Ltda — Intelba — (1945), Tecelagem São Luiz (1947), Têxtil Unida (1949) entre outras. Quase todas as empresas criadas nesse período, partiram da iniciativa de técnicos e funcionários que trabalharam nas grandes indústrias têxteis, portanto diferem quanto à origem das indústrias da primeira fase. Além do mais, todas possuíam um quadro de funcionários relativamente pequeno se comparado às principais empresas, geralmente com menos de 50 empregados (SEYFERTH, 1999).

As empresas têxteis tradicionais geraram uma estrutura empresarial na economia do município que serviu de embrião para o surgimento de novos empreendimentos têxteis, assim como para o desenvolvimento da indústria em outros setores (GARTNER, 1991). Esta nova etapa, entretanto, não foi investigada por Mamigonian (1960 e 1965), Hering (1987), Seyferth (1999) ou Niebuhr (1999). Apesar disso, resolveu-se denominá-la de terceira fase da industrialização do município desse município, objetivando facilitar o entendimento de um novo período do desenvolvimento econômico de Brusque.

### **2.3.2 TERCEIRA FASE DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO: PÓS 1945**

Apesar da industrialização de Brusque ter iniciado já em 1882, o marco do grande crescimento industrial do município se deu nas décadas de 1950 e 1960, com o surgimento e ampliação de diversas indústrias têxteis, do vestuário, mecânica, metalúrgica, etc., motivadas pela grande demanda do mercado em decorrência das novas facilidades de transporte de matérias-primas e produtos acabados e pela conseqüente afirmação dos produtos de Brusque no mercado regional e nacional.

Na década de 1970, começou a se fortalecer empresas do ramo metalúrgico como a Siemens e a Fisher. Este período também foi marcado pela

criação de algumas confecções na Rua Azambuja, endereço que na década seguinte constituiria um pólo do vestuário.

A partir da década de 1980, Brusque presenciou uma verdadeira evolução econômica com a instalação de inúmeras micro e pequenas indústrias de confecção e seus respectivos pontos de venda, com predominância do segmento de malha. Ex-operários das indústrias têxteis tradicionais passam a condição de empresários, descentralizando a renda e melhorando a qualidade de vida do local.

Este período configurou-se no momento em que profundas transformações estavam ocorrendo nas Indústrias Têxteis locais. Brusque gradativamente criava espaço para a emergência de um novo setor, isto é, o setor de confecção instigando, conseqüentemente, o comércio de pronta-entrega do vestuário e que será melhor investigado no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO III**

### **A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE**

#### **3.1 PANORAMA GERAL DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE**

A indústria de confecção no município de Brusque é formada, aproximadamente, por oitocentas e cinquenta empresas<sup>10</sup>, que empregam diretamente quatro mil e cem pessoas (Tabela 01). Essas firmas são basicamente indústrias locais, unidades familiares que iniciaram suas atividades com pequeno capital e correspondente número de empregados. Esta tem sido a regra seguida pelos confeccionistas em Brusque: começar pequeno e aos poucos crescer.

Segundo o SEBRAE (2005) uma empresa familiar é definida da seguinte maneira:

O empreendedor é a pessoa que gera, acumula e distribui riqueza a partir de um sonho, ideal ou necessidade de sobrevivência. A princípio, ele visa melhorar a condição social de sua família, dividindo com sua mulher as tarefas iniciais. Posteriormente, os filhos são envolvidos, às vezes precocemente, nas operações da firma, criando-se assim uma sociedade familiar que vai gerar ao longo dos anos uma série de questões mais complexas do que a simples administração de uma atividade comercial ou industrial.

A atividade confeccionista se reflete no desenvolvimento do setor comercial do município, uma vez que o pólo do vestuário atrai consumidores de outras regiões do Estado de Santa Catarina, do País e do Continente Sul

---

<sup>10</sup> Este número corresponde às empresas formais cadastradas na Prefeitura Municipal de Brusque.

Americano, interessados em comprar artigos do vestuário e tecidos no varejo e no atacado. No ano de 2002 a indústria de confecção respondeu por 9,5 % do Valor Adicionado Fiscal (VAF) do Município. Se somar a esse percentual o VAF das indústrias têxteis que correspondem a 33%, ambos os setores respondem juntos por 42,5 % do VAF do Município (Tabela 01).

**TABELA 01 – Desempenho Econômico do Município de Brusque - 2002**

<b>Atividade</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Faturamento R\$</b>	<b>%</b>	<b>Valor Adicionado</b>	<b>%</b>	<b>Número de Empregos</b>
Ind.Têxteis	185	620.000.000,00	30,3	215.000.000,00	33,0	6.150
Metal / Mecânico	60	255.000.000,00	12,5	90.000.000,00	13,8	2.350
Ind. do Vestuário	855	160.000.000,00	7,8	62.000.000,00	9,5	4.100
Outras Atividades	820	170.000.000,00	8,3	105.000.000,00	16,1	1.800
Comércio	2.300	605.000.000,00	29,5	118.000.000,00	18,1	6.400
Transporte	120	25.000.000,00	1,2	12.000.000,00	1,9	450
Prest. Serviços	1.350	70.000.000,00	3,4	0,00	0,0	2.650
Energ./Telecom..	2	70.000.000,00	3,4	47.000.000,00	7,2	50
Serviço Público	2	58.000.000,00	2,8	3.000.000,00	0,4	1.400
Autônomos	1.000	17.000.000,00	0,8	0,00	0,0	1.350
<b>Total</b>	<b>6.694</b>	<b>2.050.000,00</b>	<b>100,0</b>	<b>652.000.000,00</b>	<b>100,0</b>	<b>26.700</b>

Fonte: Prefeitura Municipal de Brusque.

A produção dessas indústrias está voltada basicamente para o suprimento do mercado interno, o que representa uma grande debilidade para o setor, haja vista a instabilidade da demanda diante das oscilações econômicas. Com relação às exportações, pode-se dizer que são realizadas

por poucas empresas. Entre os fatores das dificuldades de exportação, destaca-se a defasagem tecnológica, a falta de conhecimento do mercado externo e a dependência dos centros “formadores de moda”, em especial Paris e Milão. Isto quer dizer que Brusque, assim como também Santa Catarina, não geram moda, mas sim, copiam a moda de outros centros.

É importante lembrar que a participação em feiras, eventos e congressos nacionais e internacionais, locais onde as tendências de moda e informações de mercado são disseminadas, exigem investimentos que normalmente o micro e o pequeno empresariado não tem condições de fazer. Principalmente se levar em consideração, a velocidade da renovação, ou seja, de obsolescência para que novos produtos ingressem no mercado, que é extremamente rápida.

A indústria de confecção em Brusque é dominada por um amplo conjunto de micro e pequenas empresas. Isto ocorre devido à ausência de barreiras à entrada de novas firmas de porte pequeno, em especial tecnológicas, pois o equipamento básico continua a ser a máquina de costura, cujo aprendizado operacional é largamente difundido, e também, o fato de ser baixo o capital necessário para a instalação e operação de uma unidade produtiva.

A heterogeneidade entre as empresas do setor em questão, assim como em grande parte dos lugares, é também bastante grande no município de Brusque. Normalmente, as micro e pequenas empresas possuem apenas máquinas de costura automatizadas enquanto a tecnologia mais avançada, isto é, o CAD, o CAD/CAM, *softwares* de estilo, entre outros, se encontram nas médias empresas de confecção.

Tendo isso em vista, Bastos (1993), indica que as soluções para esta questão podem seguir duas direções. A primeira seria compartilhar os equipamentos com outras unidades fabris. Isto pode ser observado no município de Brusque na Associação das Micro e Pequenas Empresas — AMPE —, cujos associados compartilham dos serviços de uma modelista que utiliza a tecnologia CAD, para realizar a modelagem diretamente no computador, e em seguida efetuar a plotagem dos moldes num *plotter*, assim

como os serviços de uma estilista. E a segunda direção, estaria relacionada à disseminação de tecnologias CAD nacionais mais simples e de custo mais baixo como é o caso do software desenvolvido pela empresa Audaces, localizada em Florianópolis, por exemplo. Os softwares importados, como da Investrônica, Lectra e Gerber são de custos extremamente elevados, inviabilizando a compra por empresas de pequeno porte.

Um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (IBRE/FGV) sobre as empresas da cadeia têxtil-confeccionista nacional constatou que a presença de maquinários modernos nas empresas de confecções é escassa (LOPES e LOPES 1999, apud LA ROVERE et al., 2000). Em Brusque, constatou-se através das entrevistas, que a maior parte das empresas possui um maquinário relativamente novo, o que não quer dizer moderno, de última geração. Isso leva a concluir que o processo de reestruturação destas empresas já ocorreu, não necessariamente voltado para a tecnologia de ponta, mas para máquinas que pudessem garantir maior produtividade, flexibilidade e qualidade no produto final.

As firmas que estão voltadas para o mercado local normalmente estabelecem a competição via custo. Aquelas que estão direcionadas para nichos de mercado, geralmente baseiam sua competição em estratégias de diferenciação do produto, dão grande ênfase para o controle de qualidade e se apropriam de muitas vantagens competitivas a partir do *design*, da marca comercial e da propaganda.

A importância do *design* para o setor confecção tem crescido à medida que as empresas vêm se centrando em estratégias de diferenciação de produto, para atender às tendências da moda e à demanda por produtos de qualidade superior relacionada à concentração de renda apontada por Wynarckzyk et al. (1995, apud LA ROVERE et al., 2000).

A principal fonte de sobrevivência de um grande número de pequenas empresas neste mercado se deve a extrema diversificação da demanda<sup>11</sup>. Isto leva à existência de nichos de mercado, impedindo a formação de grandes economias de escala e escopo e, de grandes empresas nesses nichos. La Rovere et al. (2000, p. 15-16) afirma que “à medida que o nicho de mercado se especifica, tornam-se específicas também as modelagens, os cortes e os acabamentos das peças da confecção, permitindo à empresa criar e divulgar uma marca própria”. Outra saída é a empresa se especializar em determinada etapa do processo produtivo e terceirizar outras etapas que implicam em intensiva utilização de mão-de-obra e necessitam atualização tecnológica constante e de alto custo.

Outra questão relevante é que além do lançamento de duas coleções ao ano, uma para o inverno e outra para o verão, ao longo deste período são lançadas mini coleções ou produtos aleatórios conforme a demanda do mercado. Isso exige uma flexibilidade produtiva e organizacional para o ajuste das empresas às diferentes tendências de moda e ao surgimento de modinhas inesperadas. Esta flexibilidade produtiva e organizacional é menos encontrada nas grandes empresas, cuja tendência é a exploração de mercados de produtos padronizados com pouca ou nenhuma diferenciação de estilo.

Grande parte das indústrias de confecções em Brusque utiliza a terceirização, seja como uma estratégia para reduzir custos ou para suprir a demanda que a empresa contratante não está condicionada a atender, seja para algumas fases específicas do processo produtivo, ou para confeccionar o produto por inteiro. A terceirização de etapas e/ou serviços aliados à flexibilização da produção permite externalizar impactos ou choques, reduzindo os efeitos diretamente na empresa contratante. Tais impactos podem ser exemplificados como pressão da concorrência, flutuações da demanda, incorporação de progresso técnico/tecnológico.

---

<sup>11</sup> A Associação Brasileira da Indústria do Vestuário (ABRAVEST) classifica a indústria de confecções como sendo constituída de 21 segmentos produtivos distintos: roupa íntima, de dormir, de esporte, de praia, de gala, social, de lazer, infantil, de segurança, profissionais, de proteção, meias, modeladores, acessórios para vestuário, artigos de cama, de mesa, de banho, de copa, de limpeza, de decoração, e de uso técnico ou industrial.

Por outro lado, a eliminação ou a redução de determinados setores na fábrica dispensa trabalhadores permanentes e provoca uma demanda por prestadores de serviços tais como a facção domiciliar ou industrial, estamparias, bordados, lavanderias entre outros, originando novas relações de trabalho e redefinindo a sua localização espacial. A indústria de confecção tem sido considerada um exemplo empírico de atividade produtiva na qual as formas “secundárias” de produção, principalmente a subcontratação e o trabalho a domicílio (com conseqüente desintegração da produção), possuem grande importância (PINHEIRO, 1993).

Isso justifica o fato de terem surgido em Brusque inúmeras empresas que são apenas facções. Essas empresas normalmente atuam na informalidade quando estão dentro do próprio domicílio<sup>12</sup>, e dependem totalmente das firmas que terceirizam os serviços, pois deixam de ter contato com o consumidor final. Forma-se então uma rede de empresas que estão articuladas entre si. Assim, cada etapa do processo produtivo pode ser realizada separadamente em pequenas unidades independentes.

A generalização do processo de terceirização ocorre principalmente na etapa da costura, pois esta é considerada a fase mais intensiva em mão-de-obra. No entanto, algumas empresas não optaram pela terceirização, justificando essa atitude pela perda de qualidade do produto. Quando a costura é realizada dentro da empresa, muitas vezes existem supervisores que ensinam a melhor maneira de costurar certa peça, ou a produção é realizada em célula, e a própria célula se torna responsável por qualquer problema. Por sua vez, quando a costura é realizada por facções domiciliares a qualidade das peças pode ficar comprometida, se a costureira não for habilidosa ou não possuir o conhecimento necessário para saber qual o tipo de ponto, máquina ou linha que se deve usar.

É relevante dizer que o processo de terceirização forma um circuito predatório. De um lado, estão os sindicatos que perdem contato com o trabalhador no momento em que este é demitido. Se este trabalhador for

---

<sup>12</sup> Este assunto não será aprofundado neste trabalho, haja vista que carrega uma grande profundidade e complexidade.

recontratado por uma empresa terceira, não será mais registrado na sua carteira de trabalho, perdendo o vínculo empregatício e o direito a férias, FGTS, décimo terceiro e etc. Caso trabalhe a domicílio por conta própria torna-se vulnerável à demanda da empresa e às oscilações do mercado. De outro lado, encontra-se o Estado, que arrecadará menos impostos e contribuições da empresa principal.

Como se pode observar, a indústria de confecção em Brusque apresenta características de estrutura semelhante às da indústria nacional e internacional, que segundo Bastos (1993), dizem respeito a grande fragmentação no processo produtivo, diversidade de escalas e técnicas produtivas. A heterogeneidade desta indústria é mais acentuada entre as micro e pequenas empresas, que se diferenciam entre si por diversos fatores como tamanho da planta, número de funcionários, tecnologia, padrão de organização interna, tipo de administração, mix de produtos, mercado consumidor, atingindo diferentes níveis de renda, idade, padrão cultural e situação geográfica.

### **3.2 A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE: GÊNESE E TRAJETÓRIA**

Historicamente, o município de Brusque teve seu desenvolvimento baseado na indústria têxtil. Mais especificamente em quatro grandes indústrias voltadas para a tecelagem plana — Fábrica de Tecidos Renaux, Indústria Têxtil Renaux, Schlösser e Buettner (HERING, 1987). Esta atividade foi responsável pelo desenvolvimento local e regional, permanecendo como base econômica do município durante décadas. Através de gerações o saber, a qualificação e a técnica foram sendo incorporados pela população, construindo um meio técnico e científico capaz de promover sucessivos processos de acumulação.

Apesar disso, o setor do vestuário no município de Brusque, só obteve destaque a partir de meados dos anos de 1980 com a concentração de

investimentos neste setor e a conseqüente formação de um pólo do vestuário de micro e pequenas confecções<sup>13</sup>.

A primeira confecção do município de Brusque, a Irmãos Krieger Ltda., foi fundada em 1946 pelos irmãos Axel e Nilo Krieger. Esses eram filhos de Gustavo Krieger, imigrante alemão que chegou ao Brasil em 1861 e instalou em 1898 a primeira alfaiataria em Brusque. Portanto, quase cinqüenta anos depois de trabalhar com a confecção de roupa sob-medida, teve início a produção industrial. Inicialmente, a empresa que sempre trabalhou com o segmento masculino, atendia a linha de camisaria, embora a alfaiataria<sup>14</sup> continuasse atendendo paralelamente a confecção. Os produtos eram comercializados através de representantes, localizados nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e na própria loja localizada no centro da cidade de Brusque<sup>15</sup> (Figura 03).

**FIGURA 03 – Fachada da Confeção Krieger (Final Década 1970)**



Fonte: Nilo Sérgio Krieger.

<sup>13</sup> Informações obtidas com Paulo Kons, historiador da Prefeitura do Município de Brusque, em entrevista realizada em junho de 2005.

<sup>14</sup> Esta confecção era tão famosa que confeccionava ternos para muitas personalidades importantes da época.

<sup>15</sup> Dados obtidos com Nilo Sérgio Krieger, em entrevista realizada em junho de 2005.

Em meados do ano de 1980, a empresa passou por um processo de reestruturação, mudou sua razão social para Krieger S/A Indústria do Vestuário, substituiu a produção de camisas clássicas pela produção de calças Jeans e camisas despojadas, dando início a conquista de novos mercados. A firma chegou a exportar 55 mil peças de *Jeans*/mês para os Estados Unidos durante a década de 1980, conforme o advogado Nilo Sérgio Krieger (filho de um dos fundadores, Nilo Krieger). A qualidade dos produtos foi o principal fator para a difusão da marca no mercado, não apenas no país como também no exterior. Entretanto, em 1995, a empresa fechou a fábrica, devido a erros administrativos.

Em 1958, surgiu a confecção Roux (Figura 04), fundada pelo casal Ezaulino e Magdalena Roux, na Rua Padre Lux, uma transversal da Rua Azambuja, permanecendo informal até 1974, quando foi registrada como Confecção Roux Ltda. Esta empresa atende basicamente o comércio local fornecendo produtos de moda íntima (calcinhas, sutiãs, camisolas, cuecas, entre outros)<sup>16</sup>.

**FIGURA 04 – Fachada da Confecção Roux**



Fonte: Arquivo da autora (2005).

<sup>16</sup> Dados obtidos com a proprietária da confecção Magdalena Lana Roux, em entrevista em junho de 2004.

Em 1948, foi criada por sete sócios, entre os quais Oscar Schulenburg, a empresa Têxtil Unida, que após dois anos trabalhando com a tecelagem (fabricação de toalhas), adquiriu dois teares de malharia retilínea para dar início a confecção de blusas de acrílico. Na década de 1970, a tecelagem foi fechada cedendo lugar para a confecção de camisetas após a fabricação da malha em teares circulares. As vendas eram realizadas através de representantes.<sup>17</sup>

Em 1973, foi criada a confecção Dona Benta pelos proprietários Benta e João Baptista Vanolli, na Rua Azambuja, mas a empresa só foi registrada em 1985<sup>18</sup>. Até hoje a empresa permanece no mesmo endereço, confeccionando e comercializando artigos de sarja, *Jeans* e outros tecidos planos.

Em 1976, foi registrada a confecção Luciana, por Terezinha Clotilde Tridapali na Rua Ernesto Appel, outra transversal da Rua Azambuja. Desde sua fundação a empresa ainda confecciona para o segmento de moda íntima (WEBER et.al., 1991).

Em 1980, foi registrada a confecção Real Indústria Têxtil, localizada na Rua Azambuja, pelos sócios e irmãos Aníbal e Anilcon (mais conhecido como seu Nilo) Schulenburg, apesar de já estar em funcionamento alguns anos antes. Esta firma se originou da empresa Têxtil Unida, onde o pai Oscar Schulenburg era um dos sócios. Os artigos desta empresa continuaram a ser confeccionados em malha, entretanto, passaram a ser comercializados no sistema de pronta-entrega<sup>19</sup>.

Como se pode observar, diante dos exemplos citados, até a década de 1980 as micro e pequenas indústrias de confecções em Brusque representavam um setor inexpressivo, por isso permaneceram tantos anos na informalidade. Não possuíam uma marca forte (o nome da confecção era a própria marca) e os produtos comercializados atendiam apenas o comércio do município. O que não é o caso da Krieger Indústria do Vestuário, haja vista que seus produtos eram vendidos através de representantes e também exportados.

---

<sup>17</sup> Dados obtidos com Nilo Schulemburg, em entrevista realizada em junho de 2005

<sup>18</sup> Dados obtidos com Luiz Carlos Vanolli, filho da proprietária (In Memoriam), em entrevista realizada em junho de 2004.

<sup>19</sup> Dados obtidos com Nilo Schulemburg, em entrevista realizada em junho de 2005.

Grande parte das empresas foi criada ou para complementar a renda familiar (Diário Catarinense, 29/08/1994) ou porque seus proprietários com certa experiência no ramo queriam ter o próprio negócio e propiciar uma vida melhor para a família. Apesar disso, poucas dessas firmas conseguiram crescer e se desenvolver num ambiente dominado pela força dos grandes capitais das indústrias têxteis até este período.

Mas nos anos de 1980 as características do mercado mundial se transformaram, permitindo que os pequenos capitais pudessem se inserir nesta nova conjuntura com competitividade. Constata-se uma nova fase do desenvolvimento capitalista, na qual o capital passa a migrar com muita facilidade e rapidez, desmontando estruturas construídas e consolidadas através de gerações, sem levar em consideração a história do lugar, a identidade, o tempo e o espaço. Nesse processo, as grandes estruturas — as tradicionais indústrias têxteis — tornam-se obsoletas, e permitem a ascensão das micro e pequenas empresas de confecção que conseguem obter maior flexibilidade e ajustar-se mais facilmente às variações da demanda.

Com a grande enchente de 1984 (Figura 05), seguida da crise do Plano Cruzado, em 1986, cerca de 4.000 mil trabalhadores foram demitidos das grandes indústrias têxteis com o objetivo de enxugar o quadro de pessoal e reduzir custos (como foi lembrado pelo jornal O Município de 02/08/1996 e pelo Jornal de Santa Catarina de 10/01/1998). Essas indústrias que até então absorviam praticamente toda a mão-de-obra local, geraram um contingente de trabalhadores desempregados e ociosos, no entanto, qualificados.

Como não havia opções de emprego na cidade e as confecções na região da Rua Azambuja estavam caminhando a passos positivos, os desempregados utilizaram o dinheiro do fundo de garantia, compraram máquinas de costura e foram para a Rua Azambuja montar o próprio negócio. Assim, constituíram-se centenas de “fabriquetas” domésticas chamadas de “fundo de quintal”.

**FIGURA 05 – Enchente na cidade de Brusque – 1984**



Fonte: Prefeitura Municipal de Brusque.

Desse modo, acredita-se que grande parte das micro e pequenas empresas confeccionistas com gênese nos anos de 1980, foram criadas por ser a única alternativa econômica viável no período em que surgiram. Além do mais, não era necessário grande capital para investimento nem existiam fortes barreiras à entrada no mercado como já mencionado anteriormente.

Muitas firmas também surgiram em decorrência do progresso desse setor. Isso também pode ser observado no município de Cianorte (PR), quando Fresca (2000), relata que a partir do sucesso de uma empresa gerou-se a perspectiva da implantação de outras. Esse foi o caso da confecção Jacks Jeans, quando os proprietários perceberam que as confecções da Rua Azambuja estavam progredindo, resolveram montar o próprio negócio.

É relevante apontar que a formação de um aglomerado de micro e pequenas empresas confeccionistas na Rua Azambuja não decorreu de políticas ou ações coordenadas do poder público ou de agentes privado, como forma de fomentar o desenvolvimento deste setor. Mas surgiu como uma iniciativa da própria população local diante da necessidade de criar uma

alternativa econômica de sobrevivência. Isso não descarta a hipótese de que a passagem de pessoas que se dirigiam ao Santuário de Azambuja tivesse incentivado a criação de um comércio no local, isto é, na Rua Azambuja. Apesar disso, essa hipótese é negada no trabalho de Weber *et al.* (1991), com base em entrevistas realizadas com alguns proprietários de confecções, no ano de 1991.

Com o *boom* das confecções na Rua Azambuja a partir de 1989, o cenário se altera, sendo estas empresas as encarregadas de transformar a cidade num pólo do vestuário de pronta-entrega, criar inúmeros empregos diretos e indiretos e dar uma nova configuração ao espaço urbano de Brusque. O Município que possuía sua economia assentada no setor industrial passou a receber, também, incremento no setor comercial. Isso representa uma nova fase do desenvolvimento da indústria e do comércio no Município de Brusque. As micro e pequenas empresas do vestuário despontaram como importantes atores/agentes da economia, modificando a dinâmica local e regional.

É importante relatar, que a partir de 1991, quando a FIP — Feira da Indústria Permanente — entrou em funcionamento, somou força com algumas lojas já existentes na Rodovia Antonio Heil, fazendo com que este endereço se tornasse uma extensão do comércio confeccionista da Rua Azambuja.

Com a crise na economia brasileira em meados de 1994, o comércio na Rua Azambuja entrou em decadência e a Rodovia Antonio Heil, consolidou-se como o novo endereço do pólo do vestuário do município de Brusque.

Concomitantemente ao surgimento dessas indústrias ainda é preciso distinguir no município, aquelas empresas que nasceram dentro do “setor empresarial”. Assim se convencionou chamar as empresas que já foram criadas com uma concepção e uma estrutura diferenciada, que possuem uma organização formal e técnica, que investem em marketing, e que trabalham com profissionais especializados em diversos setores. Tais empresas já nasceram com uma marca forte, foram criadas por empresários que viram no mercado um negócio promissor e não pouparam esforços para ganhar reconhecimento de seus produtos.

Essas firmas confeccionam artigos que se destinam ao mercado nacional e muitas vezes internacional, agregam valor aos seus produtos e estes passam por controles altíssimos de qualidade. Este setor se formou com firmas como a Krieger, hoje inexistente, a Colcci e a Fadel por exemplo.

A partir deste conjunto qualitativo de informações sobre a indústria de confecção no município de Brusque, é importante tecer agora, algumas considerações que permitam uma visão mais detalhada do setor em tela.

### **3.3 RUA AZAMBUJA: O PRIMEIRO ENDEREÇO DO PÓLO DE CONFECÇÃO DE PRONTA-ENTREGA**

Azambuja é uma pequena localidade situada na parte sudeste do município de Brusque, praticamente ligada ao centro da cidade. É um vale estreito rodeado por morros que variam entre cem e cento e cinquenta metros de altitude e está cortado por um regato, hoje canalizado subterraneamente em quase toda sua extensão. Este local foi colonizado por imigrantes italianos que chegaram no final de 1875, somados a três famílias que ali moravam (Weber et.al. 1991).

O principal acesso desse vale, a Rua Azambuja, possui pouco mais de 2 Km. de extensão, tem início no Largo Almirante Tamandaré, chamado popularmente de “Cruzamento da Figueira”, e termina na praça de Azambuja, onde se localiza o “Vale dos Milagres<sup>20</sup>”. Este é um complexo religioso, social e cultural formado pelo Hospital Cônsul Carlos Renaux, pelo Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, pelo Morro do Rosário, e pelo Santuário e Seminário de Azambuja.

A delimitação geográfica dessa Rua é regulamentada pela Lei municipal nº 166, do ano de 1964 (WEBER et.al., 1991), no entanto, o complexo logístico-industrial que se formou no local na década de 1980 não compreende

---

<sup>20</sup> Este "Vale dos Milagres" é palco de peregrinação de turistas e devotos de todo o Brasil para rezar, agradecer e fazer pedidos à Nossa Senhora de Azambuja.

apenas a delimitação física da Rua Azambuja, mas se estende às travessas Ernesto Appel e Padre Lux. Portanto, quando se fizer referência a Rua Azambuja, subentende-se também as outras duas ruas citadas.

Basicamente residencial até final dos anos de 1970<sup>21</sup>, a Rua Azambuja (R. Ernesto Appel e R. Pe. Lux) tornou-se o primeiro e principal ponto de concentração e referência da indústria e do comércio confeccionista no município de Brusque. Constituiu-se um aglomerado de micro e pequenas empresas voltadas para o sistema de pronta-entrega, capaz de tornar o local na maior área comercial da cidade em menos de uma década.

A opção pelo sistema de pronta-entrega ocorreu devido à alta inflação vigente durante toda a década de 1980 até meados dos anos de 1990. Não era possível receber um pedido para entregar no final do mês com um valor pré-determinado, pois na data da entrega, o preço não seria mais o mesmo e dificilmente algum comprador faria uma encomenda sem saber o valor final de sua compra.

É importante dizer, que por se tratar de micro e pequenas empresas, a concentração num mesmo local se torna primordial para a permanência delas no mercado. Os pequenos capitais que trabalham com o vestuário precisam de giro de mercadoria muito rápido, portanto, necessitam de um grande fluxo de clientes para garantir as vendas.

Ao contrário do que muito se diz, fazer da Rua Azambuja o maior “Shopping a céu aberto” do Sul do país, não foi tarefa fácil e a idéia foi inspirada na Rua 25 de março, localizada na cidade de São Paulo. Foi preciso muito empenho e esforço de empreendedores locais. Segundo Nilo Schulenburg “foi colocado muito dinheiro na frente antes de as coisas acontecerem e o mais difícil foi convencer as excursões a passarem em Brusque”. Foi realizado um forte trabalho de divulgação, entre os quais, viagens (para o Rio Grande do Sul e Paraná), apresentações de desfiles,

---

<sup>21</sup> A população em geral e empresários não consideravam a alternativa do comércio neste local. As atividades econômicas estavam concentradas no centro da cidade e outros bairros tradicionais.

visitas a empresas e agências de turismo, propaganda em jornais, *outdoors*, *folders*, entre outros.

Em 1989, foi inaugurado o Centro Comercial Oscar Schulenburg (Figura 06), o primeiro empreendimento da Rua Azambuja objetivando agrupar num mesmo estabelecimento várias lojas destinadas ao aluguel. A construção considerada ousada para a época, foi realizada pelos irmãos Nilo e Aníbal Schulenburg. Observou-se in loco, que as salas comerciais já foram construídas com a idéia de montar no local uma pequena confecção e vender os produtos diretamente de fábrica, para que os preços permanecessem baixos. Desta forma a confecção, comportando uma mesa e oito máquinas de costura posicionadas em linha, estaria no fundo da sala, o escritório ficaria no meio e a loja na frente (Figura 07).

**FIGURA 06 – Centro Comercial Oscar Schulenburg**

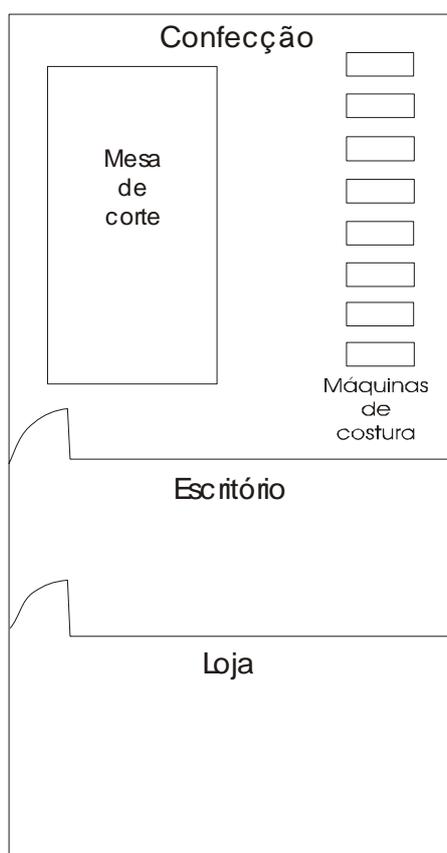


Fonte: Arquivo da autora (2004).

A partir daí, inúmeros centros comerciais foram construídos para alocar as lojas das confecções da “rua mais famosa do sul do Brasil”, porém as salas eram apenas para o ponto de venda. Com esses empreendimentos, a concentração do capital começa a ganhar o seu espaço na Rua Azambuja, ocorre a valorização dos imóveis e dos terrenos.

Com o passar do tempo, o número de empresas foi aumentando, assim como o número de excursões que começaram a passar pelo local<sup>22</sup>. A maior parte das habitações adaptou-se à nova realidade abrindo lojas em garagens, salas de jantar ou até mesmo transformando a casa numa pequena fábrica de confecção.

**FIGURA 07 – Esboço do Layout de uma Sala no Centro Comercial Oscar Schulenburg**



Fonte: Elaborado pela autora (2005).

<sup>22</sup> Segundo Ezaulino Roux apud Weber et.al. (1991), as primeiras excursões para fazer compras no local vieram por volta de 1980.

Assim, podiam ser encontrados na Rua Azambuja diferentes tipos de estabelecimentos: a) Loja, estabelecimento construído para a finalidade da venda, com uma infra-estrutura adequada para tal; b) Casa-loja, quando se aproveitou um cômodo da casa, seja a sala, garagem, varanda, quarto, para instalar o estabelecimento; c) Loja e confecção para o local onde estava tanto a confecção, isto é, a fábrica, quanto a loja; e por fim, d) Centro comercial diz respeito a um conjunto de lojas dispostas num só edifício favorecendo o comércio e o acesso de pessoas.

No início da década de 1990, Brusque passa a ser chamada de “Capital da Pronta Entrega” (Jornal O Município, edição de 22/07/1994), devido ao grande crescimento do número de firmas de confecções, formando uma forte concentração de empresas na Rua Azambuja. Este slogan representa um dos indicativos da importância que tal gênero assumiu, tanto pelo número de empresas, quanto pelo número de empregos gerados, pela participação na arrecadação municipal e pelo movimento no comércio local.

Com o crescimento e a expansão desse comércio sentiu-se a necessidade de organizar e representar este setor. Conforme Nilo Schulenburg “os empresários davam tiro para tudo quanto era lado<sup>23</sup>”. Assim em 1990, foi criada a Associação da indústria e do Comércio da Azambuja – AICA.

Inicialmente a AICA foi composta por um grupo de quinze empresários locais com o intuito de organizar as atividades comerciais e industriais na Rua Azambuja. Um documento da AICA de outubro de 1991 relata que a associação surgiu “com o espírito de unir os comerciantes no sentido de organizarem, de forma que todos colaborassem e posteriormente usufríssem os frutos que desta união resultasse”.

Não se pode esquecer que a partir deste período, os guias das excursões começaram a ganhar comissão sobre o valor das compras dos seus passageiros. Nesta mesma época, também surgiram as centrais de cobrança e o telecheque.

---

<sup>23</sup> Informação obtida em entrevista realizada em junho de 2004.

As centrais de cobrança constituíam empresas particulares que garantiam aos lojistas o pagamento do valor dos cheques emitidos pelos compradores, caso não houvesse fundo, assim como também, forneciam aos lojistas listas de guias que estavam inadimplentes no comércio. É importante relatar que, quando um comprador passasse um cheque sem fundo, o guia que o trouxe, ficaria com o nome comprometido, pois era considerado seu responsável. O telecheque, por sua vez, era um sistema de consulta para o lojista verificar se o cheque emitido possuía fundo ou não. Como se pode perceber, ambos os serviços eram considerados uma forma de garantia para os lojistas reduzirem seus prejuízos, no entanto, para usufruir de ambos os serviços era necessário pagar uma mensalidade através da AICA.

É primordial relatar que se estabeleceu uma relação de dependência entre o comércio da Rua Azambuja e os guias das excursões, pois eram eles que definiam a rota que seria percorrida. Caso não estivessem satisfeitos com o valor da comissão, eles poderiam não mais levar seus clientes para o referido endereço, como se verá mais adiante.

Constatou-se, através de registros históricos, que o auge da Rua Azambuja aconteceu nos anos de 1993 e 1994, quando o local concentrou aproximadamente vinte dois centros comerciais e mil e quinhentas lojas de pronta-entrega. O pólo atraía em média sessenta a setenta ônibus que traziam cerca de duas mil e quatrocentas pessoas por dia. No ano de 1993, passaram por Brusque quase novecentas mil pessoas (Diário Catarinense, de 29/07/1994).

Sem dúvida, afirma-se que essa Rua mudou o perfil econômico do município de Brusque. Contudo, com a implantação do Plano Real e a abertura da economia ao mercado externo em meados de 1994, uma crise econômica e social alcançou Brusque e a Rua Azambuja.

### **3.4 INDUSTRIA E COMÉRCIO CONFECCIONISTA NA RUA AZAMBUJA E NA RODOVIA ANTONIO HEIL**

As indústrias de confecção que surgiram na Rua Azambuja, nas décadas de 1980 até meados da década de 1990, eram indústrias locais familiares que iniciaram suas atividades com pequeno capital e correspondente número de empregados, normalmente micro ou pequenas empresas. Tais firmas caracterizavam-se principalmente por não possuírem uma marca forte, seus produtos eram artigos básicos confeccionados em malha ou tecido plano, não investiam em marketing e o conhecimento empírico prevalecia sobre o técnico.

Essas confecções possuíam uma administração familiar. Geralmente todos os membros da família que trabalhavam na empresa, exerciam diversas funções, desde a parte administrativa até funções da produção, pois não tinham funcionários, ou o número destes era reduzido. O proprietário concentrava nas próprias mãos toda parte administrativa, gerencial e burocrática, além de efetuar a escolha e compra de matéria-prima. As etapas de “criação”, e mesmo supervisionar a produção também eram funções do proprietário.

É importante relatar que muitos empresários não possuíam nem o segundo grau ou nem mesmo o ginásio ou o primário completo. Isso demonstra que o grau de escolaridade não é um pré-requisito para o sucesso da empresa, no entanto, quando há dedicação e muito trabalho, o espírito empreendedor prevalece e permite que os empreendimentos ganhem destaque no mercado. Como exemplo dessas firmas, pode-se citar a confecção Dona Benta, a confecção Roux, a Real Malhas, a Jacks Jeans entre muitas outras

A confecção Roux, localizada na Rua Pe. Lux (travessa da rua Azambuja) foi fundada por Exaulino e Magdalena Roux em 1958 (mas só foi registrada em 1974), objetivando complementar a renda da família. Ele era fiador da Indústria Têxtil Buettner e ela era dona de casa e costureira (costurava para a família e sob encomenda para fora). A idéia de montar uma

confeção surgiu porque Magdalena começou a ser procurada por pessoas que queriam comprar e revender seus produtos, entre os quais estavam principalmente, lingerie e camisolas de nylon. Conforme a proprietária, “vinham moças da Renaux e do Schölessner, para pegar os produtos e vender nas fábricas, sendo que na época não tinha nem numeração”.

Com quase cinquenta anos de existência, a confecção Roux demonstrou a estabilidade que adquiriu através de décadas, mesmo diante de fases turbulentas como foi a crise do Plano Real. Neste período, apesar de os produtos confeccionados não terem sofrido concorrência dos importados, após a abertura da economia, a quebra das lojas da rua Azambuja e a ausência de compradores também se refletiram no orçamento da empresa. Mas como não possuíam dívidas, conseguiram sobreviver.

Pode-se dizer que a confecção Roux foi a primeira empresa a dar início ao sistema de pronta-entrega na Azambuja, pois desde o seu surgimento, sua produção nunca foi por pedidos. Esta empresa exemplifica, assim como em muitas outras micro-empresas do município de Brusque, que a relação de confiança entre patrão e empregado, ultrapassa os laços familiares. Isso fica mais fácil de ocorrer numa empresa pequena, onde a área de trabalho é restrita, o número de funcionários é pequeno, e onde ocorre uma baixa taxa de rotatividade entre estes.

Sobre os produtos a serem confeccionados na confecção Roux, o *mix* é definido da mesma maneira desde a criação da empresa: é feita uma remessa de um determinado modelo, se tiver uma boa aceitação, repete-se à remessa. Caso contrário, a produção é cessada ou modificada. Muitos clientes também trazem modelos para serem produzidos, caso a empresa goste dos mesmos, produz uma remessa para si também. Além disso, costuma-se olhar o que está sendo produzido no mercado.

A disposição dos artigos dentro da loja (Figuras 08 e 09), não segue nenhuma lógica ou regra. Tanto são utilizadas cestas ou caixas para expor os produtos, que ficam separados por tamanhos, como prateleiras, araras e manequins.

A etapa de corte e costura (Figuras 10 e 11) sempre esteve toda concentrada na empresa, pois assim garante-se a qualidade dos produtos, uma vez que as costureiras eram e ainda são de confiança. Uma funcionária disse que por volta de 1998/1999, resolveram terceirizar parte da costura porque não estavam dando conta da produção. Como a empresa não se satisfiz com o resultado, começaram a pagar hora extra para as costureiras da própria firma. No entanto, este exemplo não é comum, pois normalmente as empresas terceirizam parte da costura ou como é no caso da confecção Jacks Jeans, a firma terceiriza toda a produção.

**FIGURA 08 – Disposição dos Produtos na Loja da Confecção Roux**



Fonte: Arquivo da autora (2005).

**FIGURA 09 – Cestas, Araras e Manequins Expõem os Produtos na Loja da Confeção Roux**



Fonte: Arquivo da autora (2005).

**FIGURA 10 – Setor de Corte na Confeção Roux**



Fonte: Arquivo da autora (2004).

## FIGURA11 – Setor de Costura na Confeção Roux



Fonte: Arquivo da autora (2005).

Antes de abrir uma confecção, o empresário Júlio Reis trabalhou na área de exportação de uma grande empresa, depois foi sócio de uma revendedora de carros que quebrou com o Plano Collor, enquanto a esposa Mara Reis, trabalhava como vendedora no comércio de Itajaí. Ao serem incentivados por um amigo resolveram abrir uma loja na Rua Azambuja, uma vez que aquele comércio estava em ascensão. Fizeram uma sociedade e alugaram uma loja para vender miudezas como cuecas, calcinhas, panos de prato, etc, por volta de 1990. A sociedade continuou até 1994 quando se desfez, e o casal resolveu montar a confecção Jacks Jeans. Como na época as indústrias de confecção da Rua Azambuja produziam principalmente artigos de malha, a firma partiu para algo diferenciado<sup>24</sup>.

Desde então, passaram a terceirizar toda a produção, modelagem, talhação, montagem, lavanderia, bordado, enfim qualquer etapa que fosse necessária para a produção ou para agregar valor ao produto. Compravam o

---

<sup>24</sup> Todas as informações sobre a Jacks Jeans foram obtidas com os proprietários Júlio e Mara Reis em entrevista realizada em Junho de 2004

tecido, passavam para a facção onde o produto era confeccionado e recebiam-no pronto, com etiqueta e embalado. Segundo o empresário “a opção de terceirizar toda a produção se deve principalmente à questão de que é preciso estar sempre se aprimorando, evoluindo, atualizando o maquinário, além do altíssimo custo para se manter uma confecção”.

Apesar da crise no comércio da Rua Azambuja, os proprietários da Jacks Jeans disseram que conseguiram sobreviver porque não possuíam dívidas, “dava-se o passo conforme a perna”, e apesar da inadimplência ter sido muito grande, ainda conseguiram fazer muitos acordos. A loja permaneceu na Rua Azambuja até 1997, ano em que mudou para a Rodovia Antonio Heil, pois não era mais possível continuar no local. O proprietário disse que “os ônibus não iam mais para a Rua Azambuja, pois o comércio estava concentrado na Rodovia. Tem que ir onde o povo está, caso contrário não se vende”.

Quando a confecção Jacks Jeans mudou de endereço, ao invés de os empresários alugarem uma loja num Centro Comercial, preferiram alugar uma loja às margens da Rodovia (Figura 12), porém próximo a dois dos três maiores centros comerciais, devido aos altos aluguéis cobrados pelos empreendimentos.

**FIGURA 12 – Loja Jacks Jeans na Rodovia Antonio Heil**



Fonte: Arquivo da autora (2004).

É relevante dizer que com o surgimento da AICA, a organização no comércio da Rua Azambuja melhorou bastante. Muitas empresas tornaram-se associadas. Pagava-se uma mensalidade e adquiria-se o direito de realizar um número preestabelecido de consultas de cheques; recebia-se uma lista de guias cadastrados nas centrais de cobrança e se estes estavam ou não inadimplentes, e também, a garantia de reembolso caso algum cheque recebido estivesse sem fundo. Mas apesar de tudo isso, as mudanças econômicas de meados da década de 1990 levaram o comércio da Rua Azambuja a decadência. Centenas de confecções saíram do mercado, pois não estavam preparadas para enfrentar uma conjuntura de crise e instabilidade.

As empresas como a Roux, a Dona Benta, a Real Malhas, em geral as mais antigas e experientes da R. Azambuja, apesar de terem continuado no mesmo endereço e não terem aberto uma loja na Rodovia Antônio Heil conseguiram se adaptar ao novo momento econômico e sobrevivem até hoje. Não há dúvidas que a experiência e a cautela dos seus proprietários fez uma grande diferença nos momentos difíceis.

A confecção Roux continua atuando no mesmo segmento e no sistema de pronta-entrega; a Real Malhas fechou seu ponto de venda, passou a terceirizar parte da produção e está vendendo seus produtos através de representantes, assim a produção é realizada apenas sob-pedido. A confecção Dona Benta, também continua no mesmo endereço, também está terceirizando parte da produção e além da pronta-entrega também está atendendo sob-pedido. A opção por trabalhar com a produção sob-pedidos (por encomenda) ao invés da pronta-entrega torna-se mais viável e segura numa economia com baixa inflação.

As empresas que além de lojas na Rua Azambuja também estavam na Rodovia Antônio Heil, como a Kaekós, a Orange Door, a V&S, a Di Tonelli, permaneceram apenas neste último endereço.

Até meados da década de 1990, quando ocorreu a estabilização da economia, não se tinha preocupação com a qualidade dos produtos, do

processo produtivo ou da matéria prima utilizada. Apesar disso, tudo que era produzido, era vendido, independente de estar bem ou mal feito, de uma matéria prima ser de boa ou de má qualidade, de a costura estar torta ou reta. Isso se confirma quando uma funcionária da Confecção Roux disse que:

Havia lojas que vendiam camisetas que ao lavar, não se poderia mais usar porque o encolhimento era imenso. As pessoas não olhavam para o pano, a peça podia estar de qualquer jeito, mal feita, mas mesmo assim vendia. Os produtos não paravam nas prateleiras, a procura por mercadorias era muito grande, chegava a dar briga entre as clientes.<sup>25</sup>

Uma funcionária de outra empresa lembrou do período dizendo que “uma confecção queria matar a outra pelo preço, se uma fazia uma mercadoria a R\$ 2,00 a outra fazia a R\$ 1,00”. A competitividade entre as empresas se estabelecia única e exclusivamente via custo.

Mas com a estabilização da economia, a qualidade, que até então, era considerado um diferencial para grandes marcas, tornou-se requisito indispensável para qualquer empresa que tivesse a intenção de permanecer no mercado. Conforme o Presidente da AICA nesta época, as sacoleiras deixaram de ser as principais compradoras dos centros comerciais, e o cliente varejista (lojistas) e o consumidor final passaram a ser o novo filão do mercado (Jornal Indústria e Comércio de 05/04/1996). Nesta trajetória, os consumidores se tornaram mais exigentes com relação à qualidade, durabilidade dos produtos e atualização dos modelos conforme a moda.

A funcionária da Confecção Roux, disse que “após a decadência da Rua Azambuja, a forma de produzir mudou muito, os consumidores passaram a exigir um produto bem feito a um preço acessível”. E ainda,

---

<sup>25</sup> Informações obtidas em entrevista realizada em Junho de 2004.

Passou a se pensar mais na qualidade dos produtos, dando ênfase para a modelagem, para que os modelos se tornassem mais anatômicos, que tivessem melhor caimento; assim como para a costura, objetivando melhor acabamento. As próprias costureiras da empresa perceberam isso, pois o cliente queria qualidade, caso contrário não voltava. Foi preciso se aperfeiçoar, produzir melhor para garantir um espaço no mercado<sup>26</sup>.

Os proprietários da Jacks Jeans também disseram que a qualidade melhorou muito. E caso não terceirizassem toda a produção, isto é, se eles tivessem uma fábrica própria gastariam muito dinheiro para se manter atualizados tecnologicamente<sup>27</sup>.

Portanto, nesta nova fase, a concorrência deixou de ser única e exclusivamente via custos, sendo a competitividade estabelecida a partir de fatores como qualidade do produto, valor agregado e flexibilidade na produção. Questões como moda, estilo e *design* também passaram a ser valorizadas pelas empresas de pequeno porte. Desde então, as empresas confeccionistas em Brusque passaram por algumas transformações chamadas de reestruturação produtiva, visando a inserção na economia globalizada e objetivando dar respostas rápidas às imposições do mercado.

Algumas empresas reduziram seus lucros e seus estoques, começaram a avaliar preços calculando seus custos de forma adequada, adotaram planos de qualidade e produtividade, substituíram o maquinário antigo e obsoleto por máquinas novas, automatizadas, que produzem mais, em menos tempo, com maior qualidade e com menor necessidade de mão-de-obra (PLANO DIRETOR, 1997). Pelo setor confeccionista ser considerado maduro em relação à tecnologia que utiliza, justifica-se o fato de que a reestruturação não esteve ligada a grandes mudanças tecnológicas, mas principalmente, relacionada a mudanças organizacionais, produtivas, gerenciais, com destaque para o processo de terceirização.

---

<sup>26</sup> Informações obtidas em entrevista realizada em junho de 2004.

<sup>27</sup> Informações obtidas com os proprietários em entrevista realizada em junho de 2004.

### **3.5 FATORES DA DECADÊNCIA DA RUA AZAMBUJA E AS CONSEQÜÊNCIAS NA INDÚSTRIA E NO COMÉRCIO DA PRONTA-ENTREGA**

Em julho de 1994, foi implantado no Brasil um novo pacote econômico, o Plano Real. A nova moeda estável e sobrevalorizada, quebrou o círculo vicioso da inflação, reduzindo-a quase zero e elevou drasticamente os juros do sistema financeiro. Isso resultou numa nova realidade política, econômica, financeira e social do país.

As empresas que não possuíam dívidas tiveram melhores condições para superar a crise e se adaptar à nova conjuntura. Por outro lado, aquelas que contraíram empréstimos, tiveram grandes dificuldades de permanecer no mercado, muitas foram obrigadas a fechar as portas ou foram à falência. Os juros neste período eram enormes.

Somando-se a isso, ocorreu a repentina e severa abertura da economia à entrada de produtos estrangeiros, especialmente daqueles provenientes dos países asiáticos como a China e a Coréia, onde o custo da mão-de-obra era, e ainda é extremamente baixo. Entre esses produtos, também estavam artigos básicos do vestuário, como camisetas, moletons, agasalhos, enfim, artigos de malha que representavam a maior parte dos produtos comercializados em Brusque. Com uma concorrência acirrada, as empresas confeccionistas desse município foram extremamente prejudicadas. A economia de Brusque, assentada especialmente no setor têxtil e confeccionista, sofreu duras conseqüências, entre as quais o fechamento de centenas de confecções e a retração da indústria e do comércio do vestuário (PLANO DIRETOR, 1997).

Se tudo isso não bastasse foram emitidos inúmeros cheques sem fundo no comércio da Rua Azambuja na época. Os guias que estavam com seus nomes comprometidos pelos seus clientes inadimplentes, foram proibidos de fazer compras no local.

Neste período, os centros comerciais da Rodovia Antonio Heil, que já era considerada uma extensão do comércio da pronta-entrega da R. Azambuja,

aproveitaram o momento, para atrair os guias com suas excursões oferecendo muitas regalias como salas para descanso, alimentação, comissão garantida, e muitas vezes “um dinheirinho extra para os motoristas”. Esses estabelecimentos ignoraram inclusive aqueles guias que estavam inadimplentes na R. Azambuja<sup>28</sup>.

Desta forma, o caminho que levava os ônibus até a Rua Azambuja foi cortado pelos Centros Comerciais da Rodovia. E sem os ônibus, a Rua Azambuja não resistiu e entrou em declínio acentuado. Em abril de 1996, o número de lojas desse endereço havia sido reduzido sensivelmente. Segundo o Presidente da AICA no período, Roberto Gaspar, a queda no movimento se originou num conjunto de acontecimentos sucessivos e a maior parte dos comerciantes que sobreviveram à crise continuou de portas abertas porque deixaram de pagar os impostos. Desta forma, reduziam os custos e não aumentavam o número de demissões. Pode-se dizer, que em um ano e meio de ajustes, foram extintos na Rua Azambuja quase cinco mil postos de trabalho (Diário Catarinense, 09/06/1996).

Apesar de muitos jornais da época e de muitas pessoas falarem que a Rua Azambuja entrou em decadência pela falta de conforto e infraestrutura, que os centros comerciais passaram a oferecer, discorda-se desta afirmação pois localidades como São Paulo por exemplo, que oferecem condições similares, continuam prosperando. No entanto, considera-se que o amadorismo de muitos comerciantes somados a alguns itens apontados num relatório da AICA de abril de 1995, como o crescimento desordenado do comércio de pronta-entrega, a sonegação de comissão aos guias e a desunião dos empresários foram fatores secundários que contribuíram para a decadência da Rua Azambuja.

Através de muitas reportagens publicadas nos jornais da época, observou-se que as idéias para “salvar” a Rua Azambuja não foram poucas, mas havia muita discórdia e falta de organização entre os empresários locais. Em contrapartida, os centros comerciais Stop Shop, FIP e Gold Center – que

---

<sup>28</sup> Informações obtidas em entrevista realizada em Junho de 2005 com uma funcionária de uma confecção localizada na Rodovia Antonio Heil.

formavam a União Brusquense — não mediram esforços para atrair e fidelizar os clientes, e certamente possuíam interesses divergentes dos pequenos comerciantes da R. Azambuja.

Ao contrário de muitas empresas que saíram do mercado da mesma forma que entraram, isto é, despreparadas, os centros comerciais da Rodovia Antonio Heil, representados por grandes capitais locais, entraram no mercado sem dívidas, com uma estrutura forte e apropriada ao novo contexto e acima de tudo, possuíam melhores condições para driblar a crise. Neste período, enquanto muitas lojas da Rua Azambuja deixaram de pagar comissão aos guias, os centros comerciais estavam pagando 12%, até um carro foi sorteado no período por um desses estabelecimentos, objetivando atrair compradores (Jornal O Município 14/04/1995).

Portanto, conclui-se que o declínio da Rua Azambuja teve como causa principal a implantação do Plano Real; e o processo de mudança de endereço do pólo do vestuário em Brusque, ocorreu por força de grandes capitais comerciais locais. Assim, quando os ônibus de excursões deixaram de ir para a Rua Azambuja, as vendas caíram ainda mais e muitos comerciantes não agüentaram a crise, pois precisavam de um alto giro de mercadorias. Desse modo, a Rodovia Antonio Heil consolidou-se como o novo endereço do pólo do vestuário.

### **3.6 RODOVIA ANTONIO HEIL: O NOVO ENDEREÇO DO PÓLO DO VESTUÁRIO**

A Rodovia Antonio Heil (SC-486) (Figuras 13 e 14), que liga Brusque a Itajaí, é considerada o principal acesso ao município de Brusque. Apesar de ter sido asfaltada em 1975, segundo Paulo Kons<sup>29</sup> o local começou a se desenvolver com mais expressividade apenas no início dos anos de 1990 com a transferência do Terminal Rodoviário Interurbano de Brusque para uma rua

---

<sup>29</sup> Informações obtidas em entrevista realizada em junho de 2005.

próxima. Contudo, antes mesmo de se tornar o novo endereço do pólo do vestuário, já estavam instaladas no local, empresas confeccionistas como a Radielle (1981), Tharog (1984), Rota do Sul (década de 1980), e a Di Tonelli (1990).

**FIGURA 13 – Vista da Rodovia Antonio Heil em Frente à FIP**



Fonte: Arquivo da autora (2004).

**FIGURA 14 – Vista da Rodovia Antonio Heil em Frente à Loja Havan**



Fonte: Arquivo da autora (2004).

Seguindo o exemplo da Rua Azambuja, grandes empresários locais com a finalidade de diversificar seus investimentos, iniciaram a construção de diversos centros comerciais na Rodovia. Entre aqueles que se destacaram estão a FIP (Feira da Indústria Permanente), o STOP SHOP – Ninho da Moda, e o BRUEM.

A FIP (Figura 15), o primeiro empreendimento da Rodovia que objetivou alocar num mesmo local inúmeras lojas, voltadas para o atacado, foi inaugurada em 1991. Em 1995 em frente a esse estabelecimento, foi a vez da inauguração do *Shopping Stop Shop* (Figura 15), e no final deste mesmo ano entrou em funcionamento o Centro Comercial Bruem (Figura 16), localizado ao lado da Havan (Figura 17), próximo ao Pavilhão de Eventos Maria Celina Vidotto Imohf (local onde acontece a Fenarrecó). Esses centros de venda possuem lojas diversificadas que comercializam artigos de moda feminina, masculina, infantil e bebê, *Jeans*, couro, moda íntima, moda praia, modinha, cama, mesa e banho, bijuterias e calçados.

**FIGURA15 – FIP à Esquerda e Stop Shop – Ninho da Moda à Direita**



Fonte: Arquivo da autora (2004).

**FIGURA 16 – Centro Comercial Bruem**



Fonte: Arquivo da autora (2004).

**FIGURA 17 – Loja Havan (Final Década 1990)**



Fonte: Prefeitura Municipal de Brusque.

Os proprietários de muitas lojas que se instalaram inicialmente nos centros comerciais e nas margens da Rodovia Antonio Heil, também possuíam lojas e/ou confecções na Rua Azambuja. Desta forma, a Rodovia começou a se tornar uma extensão do comércio na R. Azambuja como já referido.

Com a quebra de comércio da Rua Azambuja, parte dos empresários que estavam instalados neste local, mas que também possuíam loja na Rodovia Antonio Heil como a Kaekós, a Orange Door, a V&S, e a Di Tonelli permaneceram apenas neste último endereço; aqueles que tinham loja apenas na R. Azambuja e, dispunham de capital puderam se transferir para a Rodovia Antonio Heil como foi o caso da Jacks Jeans, por exemplo, enquanto aqueles empresários que não fizeram uma reserva, ainda tentaram permanecer na Rua Azambuja e em pouco tempo, a maioria não teve outra sorte senão encerrar as atividades.<sup>30</sup>

Os centros comerciais desempenham um papel importante na economia do município, geram empregos, arrecadam impostos, impulsionam o comércio e a indústria de confecção. Todavia, selecionam<sup>31</sup> aquelas empresas que consideram mais atraentes, isto é, que possuem um bom volume de vendas, através de uma triagem entre as interessadas em alugar um ponto de venda, quando disponível.

A concentração de capital na mão dos proprietários desses centros de vendas é extremamente alta. Para alugar uma loja é necessário pagar uma “luva”<sup>32</sup>, que varia conforme o tamanho e localização da sala, mas em média está entre R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais) e 80.000,00 (oitenta mil reais). O aluguel do ponto fica entre R\$ 1.200,00 (um mil e duzentos reais) e R\$1.600,00 (um mil e seiscentos reais), e o condomínio vai de aproximadamente R\$ 900,00 (novecentos reais) a R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais)<sup>33</sup> ao mês.

---

<sup>30</sup> Informações obtidas com informantes-chaves de empresas confeccionistas em entrevistas realizadas em junho de 2005.

<sup>31</sup> Das primeiras lojas instaladas nestes centros comerciais era exigido que os produtos comercializados fossem de fabricação própria, mas isso não é mais regra.

<sup>32</sup> Valor pago ao centro comercial só para poder alugar ou comprar uma sala comercial.

<sup>33</sup> Valores aproximados citados por informantes-chaves em entrevistas realizadas em junho de 2005.

Tendo em vista esses valores, pode-se dizer que não é qualquer empresa que possui condições de pagar um preço tão alto para manter uma loja num centro comercial. Por isso, muitas empresas que não têm condições de fazer investimentos desse porte, ou mesmo aquelas que podem, mas não querem, optaram por instalar suas lojas às margens da Rodovia Antonio Heil. Nestes imóveis os aluguéis não são tão caros e não existem “regras”<sup>34</sup> para serem seguidas.

Não se pode deixar de relatar que o Stop Shop e mais recentemente o Bruem, fazem parte da Associação dos Centros Comerciais do Vale do Itajaí – ACECOMVI<sup>35</sup>. Esta associação determina a rota que os guias cadastrados devem fazer com as excursões, e proíbe a parada dos ônibus em estabelecimentos comerciais que não sejam aqueles associados. Isto quer dizer, que as excursões que vão a Brusque através da Acecomvi, só podem parar ou no Stop Shop ou no Bruem. Mas isso não impede, que a pé, os compradores se dirijam aos locais de vendas de seus interesses, tanto na FIP, como nas lojas localizadas as margens da Rodovia, o que explica a necessidade de proximidade entre as lojas, pois existe uma dificuldade de locomoção que impede grandes deslocamentos.

Apesar disso, duas lojas que estão localizadas na margem da Rodovia e que são mais antigas que os próprios centros comerciais, ainda recebem as excursões quando os clientes pedem, devido ao bom relacionamento desenvolvido com os guias e a comissão garantida a estes.

---

<sup>34</sup> Dentro dos centros comerciais existem regras que devem ser seguidas como por exemplo horários específicos para reposição de mercadorias, para abrir e fechar as lojas. Caso o lojista cometer alguma infração, estará sujeito a ser penalizado com multa.

<sup>35</sup> A Acecomvi agrega 10 centros comerciais: Centro Comercial Vitória Régia (Indaial), Stop Shop – Ninho da Moda (Brusque), Centro Comercial CETEVI (Indaial), CITI Centro Comercial (Indaial), Centro Comercial Pólo Têxtil Rio do Sul (Rio do Sul), Centro Comercial Vale Europeu Atacadista de Confecções (Blumenau), FITI Centro Atacadista de Moda (Indaial), Centro Comercial — CIC Blumeanu (Blumenau), Fabricenter 470 (Rio do Sul) e Bruem (Brusque) (ACECOMVI, 2005).

### 3.7 INDÚSTRIAS DO SETOR EMPRESARIAL

Como já referido anteriormente, as indústrias de confecção que surgiram dentro do setor empresarial são muito distintas em relação às confecções que atuavam e/ou atuam no comércio de pronta-entrega de Brusque, tanto na Rua Azambuja como na Rodovia Antonio Heil.

Pode-se dizer que estas empresas já foram criadas com uma concepção diferente. Embora tenham nascido pequenas, aos poucos foram crescendo, e fatores como moda, design, estilo, qualidade, tecnologia, marketing, gestão, sempre foram considerados essenciais pelos seus proprietários.

Com relação à origem dessas empresas, não existe um único motivo, algumas foram criadas pela vontade de os empresários terem o próprio negócio, outras pelo proprietário perceber uma demanda latente no mercado, entre inúmeras outras razões.

Neste trabalho utilizar-se-á como exemplos dessas empresas, a Fadel Fabril Ltda. (Figura 18) e a Colcci (Figura 19). Com relação ao desenvolvimento de produto, processo produtivo, tecnologia, qualidade, e organização formal e técnica das empresas do setor empresarial, pode-se dizer que as informações obtidas com o ex-proprietário<sup>36</sup> da Colcci foram escassas se comparadas aos detalhes fornecidos pela proprietária<sup>37</sup> da Fadel, no entanto segue abaixo as informações obtidas de ambas as empresas.

A Colcci começou em 1986, quando o casal Luciana e Jorge Colzani resolveu montar uma confecção. A empresa ocupava um espaço bem reduzido sobre uma Farmácia, localizada no centro da cidade. Inicialmente possuíam apenas três funcionárias.

Com uma visão de empreendedores, sabiam que tinham que produzir algo diferenciado, e que, além disso, precisavam de uma marca e de um

---

<sup>36</sup> Todas as informações sobre a Colcci foram obtidas com Jorge Colzani, fundador da empresa e ex-proprietário, em entrevista realizada em junho de 2004.

<sup>37</sup> Todas as informações sobre a Fadel foram obtidas com Margarete Fadel, proprietária da empresa, em entrevista em junho de 2004.

logotipo<sup>38</sup>. Assim o nome Colcci e o logotipo de um cachorrinho, o Derby, se tornaram as maiores referências da marca.

**FIGURA 18 – Vista Aérea da Empresa Fadel Fabril**



Fonte: Fadel Fabril (2004)

**FIGURA 19 – Vista Parcial da Fábrica da Colcci**



Fonte: Arquivo da autora (2005).

---

<sup>38</sup> Um logotipo deve refletir a imagem da Instituição ou da marca que representa. É o elemento mais visível na comunicação e, conseqüentemente, um dos mais importantes. É uma forma de grafar a marca, de torná-la visualmente tangível.

Segundo Jorge, nessa época ainda era muito difícil comprar malha, mas conseguiram comprar um saldo de malha da Hering e começaram a fazer blusinhas e vestidos, que inesperadamente, teve grande aceitação. Logo, também iniciaram a produção de camisetas tradicional e pólo, as quais se tornaram o “carro-chefe” da Colcci.

Em 1988, foi montada uma loja em Balneário Camboriú por um primo do proprietário, o que se poderia chamar na época de franquias, mas não como se define atualmente. A demanda foi muito grande e a partir daí, muita gente começou a procurar a Colcci para revender os produtos. Segundo o empresário, foi um ano de expansão muito grande.

A Franquia ou Franchising é um tipo de comercialização que se configura no estabelecimento de uma rede comercial de lojas para a venda dos produtos. Atualmente, define-se franchising como:

Um sistema de distribuição no qual um fornecedor concede à outra parte interessada o direito de comercializar seus produtos ou serviços, conforme termos e condições pré-estabelecidos em comum acordo, durante um certo período de tempo, e numa área ou região específica. Podemos defini-lo ainda como um sistema estratégico para distribuição de bens e serviços pelo qual uma empresa (franqueadora) cede o direito de uso de seu nome, seu logotipo, know-how e tecnologia, mediante ao pagamento de taxas a um terceiro, que se torna um franqueado com determinados direitos e obrigações para com o detentor da marca (SÓ FRANQUIAS, 2005).

Nestes termos, uma franquia para comercializar produtos de uma confecção/marca necessita que a loja esteja em conformidade com os requisitos do franqueador, isto é, a loja deve seguir um padrão de arquitetura, decoração, luzes, música, clima, assim também os vendedores, que devem possuir o estilo da loja e estar vestidos adequadamente.

Em 1991/92, Brusque possuía 26 empresas de confecções que vendiam franquias, o que lhe rendeu o título de “Capital das Franquias”. A Colcci foi a maior rede de franquias de uma marca de moda no Brasil, chegou a ter 238 franquias. Segundo o empresário as pessoas não achavam que o segredo do

sucesso era o produto e a marca, mas sim, as franquias. Abriu-se loja em qualquer lugar, de qualquer jeito, de qualquer forma, em garagem, nos fundos de casa, e já se considerava uma franquia. Segundo o empresário,

Esse foi um grande problema para a Colcci. Os turistas do Rio Grande do Sul que vinham veranejar em Balneário, viam a loja sempre cheia, com muito movimento e aí também queriam abrir uma loja na sua cidade. Assim, qualquer pessoa que desejasse abrir um ponto de venda para vender os produtos Colcci, a empresa aceitava, pois pensavam que produto estaria sendo vendido. Não havia uma triagem, até porque era cliente comprando, não havia necessidade de fazer uma seleção. Foi uma bagunça só, e na hora que se quis organizar, foi muito difícil. As pessoas já tinham se acostumado com aquele sistema, usava-se um luminoso da marca sem autorização, vendia-se muito, e ninguém queria seguir regras.

Em 1990, a Colcci mudou sua razão social para Colcci Indústria e Comércio do Vestuário. Apesar do crescimento e expansão da marca, houve uma degradação da imagem da mesma. O empresário disse que “produzir camiseta foi um erro e um acerto, pois ao mesmo tempo em que as vendas dispararam, o produto mais vendido não era moda, mas sim básico”. A camiseta levou a Colcci a um lugar comum, porque todos faziam esse artigo na época e isso diminuiu a força da marca.

Então, com o objetivo de se fortalecer novamente, a empresa foi reestruturada 1993. O modelo vigente até então não condizia mais com o novo cenário do país. A partir daí, foi se tentando eliminar os vendedores que não queriam se enquadrar na forma exata de vender, nos padrões estipulados para o layout da loja, no preço a ser seguido; condicionou-se a venda da camiseta, até então o carro-chefe de vendas da empresa, à compra mínima de artigos de moda. Também houve uma modernização tecnológica muito grande na empresa, objetivando obter maior qualidade dos produtos.

A Colcci sempre realizou grandes investimentos em tecnologia, *marketing* e propaganda para divulgar a marca, e isso gerou resultados excelentes para a empresa. A marca tornou-se conhecida em todo país, e estava associada a uma ótima qualidade.

Em 2000, a Colcci passou por uma nova crise e foi vendida para o grupo Menegotti, de Joinville, segundo o ex-proprietário era preciso muito capital de giro para manter a empresa, e sozinho estava difícil. O grupo investiu na marca, reformulou a fachada de lojas e reforçou a imagem moderna da Colcci. Em quatro anos, as vendas da marca quadruplicaram e o número de franquias no país chegou a 110 lojas.

Depois do sucesso no mercado interno, a marca passou a investir no exterior. A presença de duas celebridades internacionais nos últimos desfiles, Paris Hilton e Liz Jagger, serviram para reforçar o caráter universal da marca. A *Top Model* Gisele Bündchen desfilou com exclusividade para a Colcci no Fashion Rio 2005, e é a estrela da campanha internacional da marca.

Por sua vez, em 1992, Jorge Heitor Fadel e Margarete Fadel fundaram a empresa Fadel Fabril Armarinhos e Aviamentos Ltda. objetivando explorar o comércio varejista. Além de atuar neste comércio, o empresário também fazia representações em São Paulo e ao perceber a carência do mercado para o segmento *underwear* masculino, optou pela troca do comércio varejista pela criação de uma empresa de confecção voltada para o público masculino. Assim, em 1994 surgia a Fadel Fabril Ltda.

Em outubro de 1995, com o crescimento das atividades a empresa deslocou sua pequena sede localizada entre o município de Brusque e Guabiruba, na qual ficava o escritório, a talhação e a expedição, ficando seu maquinário numa fazção, onde apenas a mão-de-obra era terceirizada, para a Rua Azambuja, concentrando num mesmo local, o escritório, a talhação, a produção e a expedição, sem utilizar a terceirização. Foi também neste momento que colocou sua produção para a Loja Happy Man em Blumenau e o restante foi direcionado para o estado de São Paulo.

Neste momento a Fadel Fabril começava a se especializar na fabricação de cuecas de malhas de algodão, partindo para a confecção de produtos e acabamentos diferenciados, primando pela qualidade dos produtos e serviços, segundo a empresária. Em agosto de 2001, a Fadel

Fabril mudou-se para a Rodovia Antônio Heil, seu novo e atual endereço, com uma área total de 36.600 m<sup>2</sup>, onde 3.600 m<sup>2</sup> são de área construída, para tornar compatível o espaço físico com a atual produção.

Com o foco nos investimentos tecnológicos para garantia da qualidade de seus produtos a empresa começou nesse mesmo ano uma expansão significativa no campo do marketing através de propaganda em revistas e participação em feiras de modas conquistando além do mercado do *Private Label*<sup>39</sup>, o mercado com a marca própria intitulada “Giorgio Fadelli”, composta por linhas *underwear*<sup>40</sup>, *homewear*<sup>41</sup> e *T-shirt*<sup>42</sup>.

No mercado *Private Label* a Fadel conquistou expressivas grifes nacionais e internacionais como: Levi’s, Zara, Brookfield, VR, Via Veneto, Harry’s, entre outras empresas. A Fadel realiza para essas empresas, desde o processo de concepção e desenvolvimento de produto, passando pela produção, até a colocação de etiqueta da marca, embalagem e expedição. Assim, a Fadel terceiriza para essas firmas todo o processo produtivo.

Baseado em pesquisas de revistas e internet e viagens à Nova York buscando as tendências da moda, e munida de vários materiais de apoio a estilista da empresa desenvolve um *mix* de produtos para coleção da marca Giorgio Fadelli. Para o mercado do *Private Label*, normalmente esse processo é efetuado via um *link*<sup>43</sup> direto com fornecedores de tecidos, pois apoiados em levantamento de dados fornecidos pelo cliente e juntamente com as sugestões de tendências, sobre os principais estilos, materiais e sistemas de acabamento, é feita uma análise, na qual busca-se direcionar todos os detalhes técnicos de acordo com a capacidade e estrutura da empresa.

Nasce dessa maneira o que se denomina *mix* de produtos de um pedido com as diversas adequações dos lotes mínimos exigidos pelos

---

<sup>39</sup> Etiqueta privada

<sup>40</sup> Roupas de baixo

<sup>41</sup> Pijamas

<sup>42</sup> Camisetas

<sup>43</sup> Conexão

fornecedores de tecidos e a própria Fadel. Cabe ressaltar que após esta primeira etapa, inúmeras alterações poderão ainda ocorrer, pois, verifica-se que no processo posterior quando se desenvolvem os protótipos, o cliente ainda poderá solicitar mudanças no produto.

Nesta ocasião, é emitido um pré-pedido, com estabelecimento de quantidade, preço e condições de fornecimento para embarques. O Departamento de Vendas munido de todas as informações do pré-pedido elabora a Solicitação de Peça de Amostra (SPA), constando todos os dados técnicos negociados com o cliente.

A Fadel dispõe de um sistema integrado (*Strategies industrial*) que desde o processo do desenvolvimento até a chegada do produto na expedição permite o monitoramento do pedido cliente a cliente. Esse sistema fornece *on-line*<sup>44</sup> todas as informações para agilização do processo de venda, bem como é a espinha dorsal de todas as etapas do processo de atendimento, integrado as cadeias de suprimentos, produção, distribuição, custos industriais e finanças.

A empresa busca através do atendimento a clientes nacionais e internacionais aprimoramento tecnológico de seus processos, pelo alto grau de exigências estabelecidas por esses clientes, bem como pelo *know-how*<sup>45</sup> que eles possuem. É desta forma que a empresa caminha em uma evolução contínua dos seus processo industriais, garantindo assim alta competitividade.

O setor de Planejamento (PCP), tem como principal responsabilidade dar o *start*<sup>46</sup> inicial ao processo produtivo buscando atender os pedidos efetuados pelos clientes dentro dos limites de datas de entrega estabelecidos nos pedidos. Essa responsabilidade exige que o departamento estabeleça critérios de programações baseados nos seguintes sistemas:

---

<sup>44</sup> Ligação direta

<sup>45</sup> Conhecimento

<sup>46</sup> Início

- a) PEPS (primeiro que entra primeiro que sai);
- b) MTP (menor tempo de processamento);
- c) MDE (menor data de entrega);
- d) IPI (índice de prioridade).

Para que isso seja possível a Fadel utiliza um sistema por ciclos operacionais dentro do sistema *Strategies*. Uma vez estabelecido o critério de programação as ordens de produção são emitidas e enviadas ao setor de produção. É exatamente nesse instante que se utiliza informações de alocação das células. Estas células são formadas com um número de costureiras e revisoras proporcionais ao produto que elas confeccionam. O produto sai desta célula costurado e revisado, e então é feita uma inspeção de qualidade, garantindo assim que o produto saia dentro das conformidades estabelecidas.

O setor de produção após ter recebido as ordens programadas pelo departamento de planejamento, dá início ao processo produtivo, seguindo todas as instruções contidas nas fichas técnicas, bem como as prioridades estabelecidas pelo planejamento.

Para que os produtos sejam entregues dentro das datas estabelecidas e que haja uma administração perfeita, a Fadel utiliza dentro do sistema *Strategies* o módulo de gestão de produção, que permite um acompanhamento *on-line* da posição de cada ordem de produção ao longo do processo.

Uma vez terminado o processo produtivo e liberado pelo departamento da Garantia da Qualidade os produtos são enviados ao setor de Expedição que inicia o processo de preparação para distribuição ao cliente. Paralelamente a preparação física dos produtos um Departamento da Fadel começa o processo de documentação para liberação e embarque dos produtos.

No que se refere à qualidade, a Fadel Fabril possui um minucioso controle desde o início do processo produtivo para que os produtos estejam em plena conformidade. Assim, o setor de Garantia da Qualidade entra com o processo de monitoramento dos padrões de qualidade, fazendo isso fase a fase da produção, a fim de obter a garantia da qualidade do produto ao final do processo. Para tanto a garantia da qualidade dispõe dentro do sistema *Strategies* um módulo de qualidade, o qual disponibiliza todas as ferramentas necessárias para tal acompanhamento, inclusive com os índices de não-conformidade ocorridos ao longo do processo.

Esta empresa também possui um convênio com o SENAI para formação de costureiras que são ministrados na própria empresa, conforme a necessidade. As aprendizes recebem cesta básica como incentivo além do transporte gratuito. No término do curso, após uma avaliação, as costureiras que se destacaram são efetivadas.

Para haver uma equalização das políticas mercadológicas internas e externas no segmento do *Private Label*, as exportações representam 20% dos negócios da empresa, distribuídos nos países do Mercosul, Portugal e na Espanha. Os 80% restantes do *Private Label* são distribuídos no mercado brasileiro através de lojistas.

Pode-se dizer que as empresas do setor empresarial possuem um processo produtivo altamente técnico e organizado e que pode ser comparado às empresas de países desenvolvidos. As firmas utilizam tecnologia de ponta e assim garantem alta qualidade para os seus produtos, que além de valor agregado seguem tendências de moda mundiais. As firmas conquistaram uma posição de destaque no mercado nacional, e também estão dando seus passos para a conquista de um lugar no mercado internacional.

Essas empresas normalmente são de médio porte, possuem um grande *mix* de produtos e estão colocadas no mercado de forma mais sólida que as micro e pequenas empresas. A produção é realizada sob-pedido e a

comercialização tanto pode ser através de representantes como loja própria e/ou franquia.

O acesso à informação tanto de mercado como de tecnologia, de moda é facilitado pelas condições financeiras de realizar investimentos em viagens, visitas a feiras, participação em eventos, congressos, entre outros.

Essas firmas estão tecnologicamente atualizadas, possuem alto padrão de qualidade desde a matéria prima até o produto acabado e investem altas quantias em marketing para garantir a colocação da marca no mercado.

## CAPÍTULO 4

### IMPLICAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS RECENTES DA INDÚSTRIA CONFECCIONISTA NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE

#### 4.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

O Município de Brusque está localizado no Vale do Itajaí Mirim, porção nordeste do Estado de Santa Catarina, região industrial que se destaca pela indústria têxtil-vestuário. Está inserido na mesorregião do Vale do Itajaí, e pertence a microrregião de Blumenau. Faz parte da Associação dos Municípios do Médio Vale do Rio Itajaí (AMMVI), que é constituída por Apiúna, Acurra, Benedito Novo, Blumenau, Botuverá, Brusque, Doutor Pedrinho, Gaspar, Guabiruba, Indaial, Pomerode, Rio dos Cedros, Rodeio e Timbó (Figura 20).

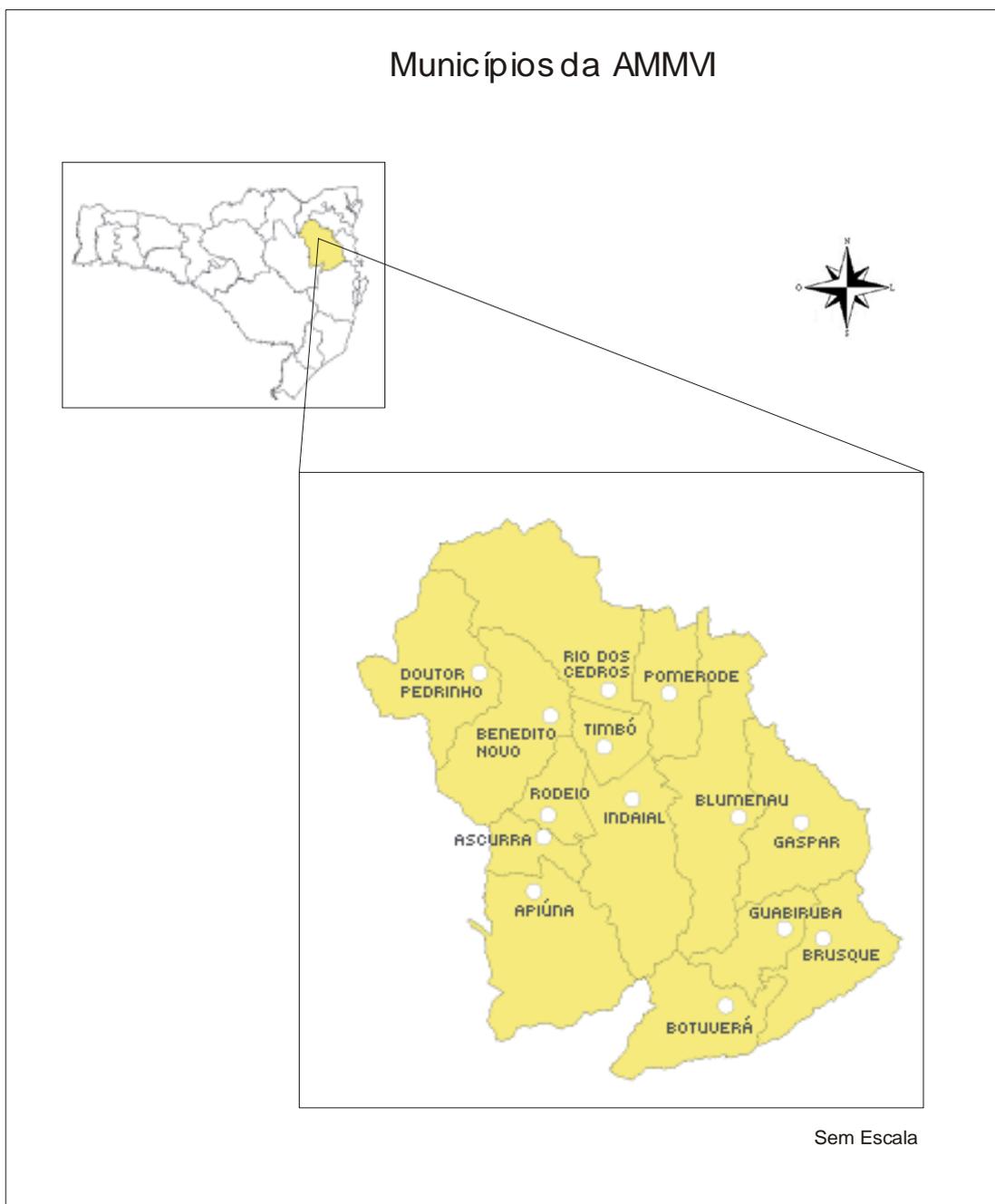
Brusque possui uma área de 292,75 Km<sup>2</sup>, aproximadamente metade do seu território pertence ao perímetro urbano e a outra metade corresponde a área rural. Segundo o IBGE (2000), sua população totaliza 76.058 habitantes, sendo que 96,31% encontra-se na área urbana e 3,69% na área rural.

O relevo do Município é constituído por superfícies planas e onduladas, com altitudes médias de 100 a 300 metros. Na porção sul, na Serra do Tijucas, alguns pontos chegam a atingir 812m e na porção norte, na divisa com o município de Gaspar, a altitude chega a 698m. O rio Itajaí-Mirim<sup>47</sup>, extremamente sinuoso, corta a cidade longitudinalmente no sentido sudoeste-noroeste. Este rio constitui-se num dos elementos fundamentais para a configuração espacial de Brusque.

---

<sup>47</sup> Seus principais afluentes são os rios Bateia, Águas Claras e Limeira.

**FIGURA 20 – Municípios da AMMVI**



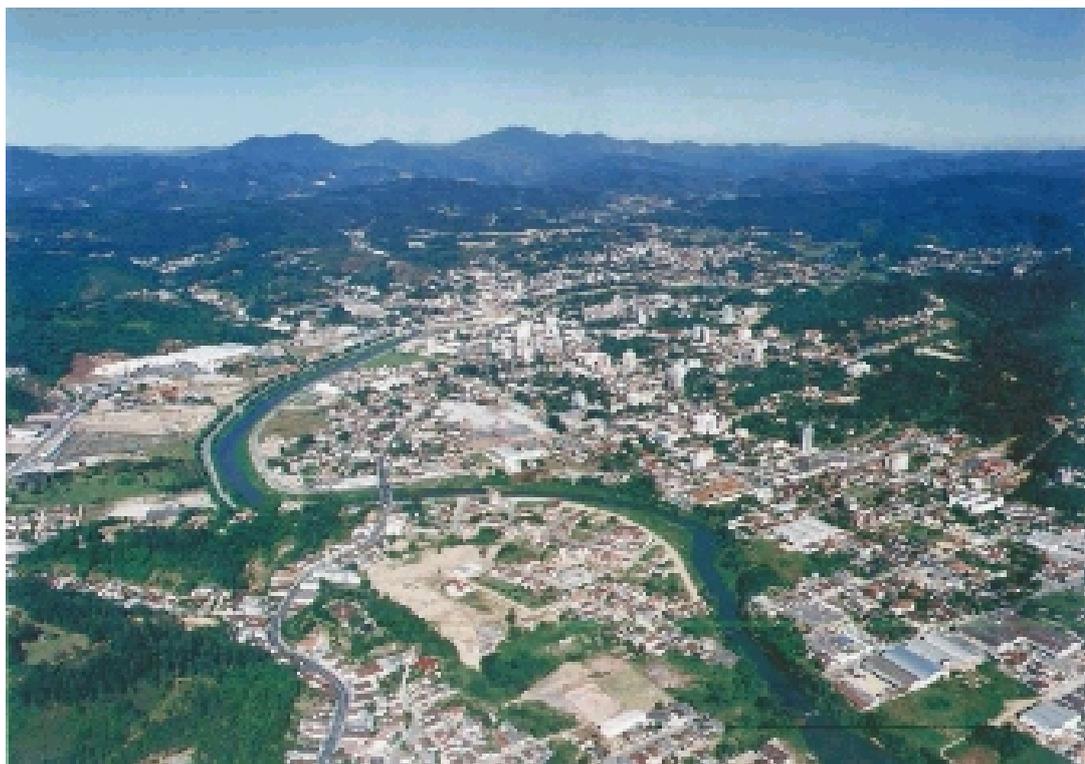
Fonte: Adaptado do site [www.ammvi.com.br](http://www.ammvi.com.br)

A posição geográfica e as características topográficas particulares exerceram notável influência na estruturação urbana do Município de Brusque. Inicialmente foram ocupadas as margens do rio Itajaí-Mirim, expandindo posteriormente seus tentáculos até as encostas dos morros. Segundo Belli e Rodrigues (2003), é nas margens do rio Itajaí-Mirim, que se localiza a maior

concentração da população brusquense (Figura 21) e também, as áreas industriais. A área central da cidade, situada na margem esquerda do rio Itajaí-Mirim, desenvolveu-se ao longo da Avenida Cônsul Carlos Renaux, das Ruas Rui Barbosa, Lauro Muller, Adriano Schaefer e Hercílio Luz.

As particularidades do sítio se manifestaram no crescimento da cidade, nas suas funções, nos traços da circulação e do abastecimento e, essencialmente, nos aspectos do centro, configurando a forma geral da aglomeração principal numa estrutura acentuadamente alongada, com uma malha urbana que se desenvolveu a partir do leito do rio (PIMENTA e MIGOTT, 2001, p.10)

**FIGURA 21 – Vista Aérea da Cidade de Brusque (2002)**



Fonte: [www.brusquesc.com.br](http://www.brusquesc.com.br)

O planejamento e direcionamento da ocupação urbana no Município de Brusque são fatores complexos, pois segundo o Plano Diretor (1997), a cidade está localizada praticamente dentro da área de inundação e são poucas as

áreas planas, propícias à ocupação, que não estão localizadas em áreas de risco de enchentes.

O tecido urbano da cidade começou a se formar no início da colonização (em 1860). A partir deste período, o crescimento linear teve continuidade à medida que a cidade se desenvolveu. As vias de penetração possibilitaram a ampliação da área urbana do município, sendo ocupado o fundo dos vales.

As indústrias têxteis do Município de Brusque começaram a surgir no final do século XIX e início do século XX, antes, portanto, da formação de uma verdadeira cidade como já referido. Desta forma, a industrialização como causa da gênese e do crescimento das cidades, é uma característica original das regiões de colonização européia na segunda metade do século XIX. Este é o caso de Brusque, de Blumenau e de Joinville (Mamigonian, 1960).

Nesse contexto, é relevante destacar, que anteriormente a 1920, os diversos segmentos industriais localizavam-se seguindo dois princípios: a proximidade de um curso d'água para a utilização da energia hidráulica e a possibilidade de aproveitamento de mão-de-obra, o que favoreceu a dispersão dos parques fabris. Este fator juntamente com o desenvolvimento lento e gradual, refletiu na forma acentuadamente alongada do aglomerado urbano central (SEYFERTH, 1999). A autora destaca que não foram os colonos que se transferiram para perto das fábricas, mas sim estas que se instalaram perto dos colonos. Isso, ainda conforme a autora, teve um efeito de grande importância, ou seja, a urbanização ocorreu das áreas coloniais para a cidade.

Mamigonian (1960) descreve Brusque no final da década de 1950 (Figura 22), apontando três elementos principais, ou seja, a cidade, parte nitidamente comercial e residencial, próxima às margens do rio Itajaí-Mirim; os subúrbios-próximos, que estão em torno do centro, no prolongamento das ruas principais e que decorrem das novas construções, habitadas principalmente por operários; e os subúrbios-colônias, mais afastados do núcleo central, que em parte se confundem com a área rural cuja população é constituída, na maioria por colonos-operários.

Com o passar dos anos, a força motriz hidráulica e os aspectos físico-geográficos ou ambientais perderam espaço, as empresas passaram a se instalar em função da disponibilidade de terrenos disponíveis no mercado imobiliário.

**FIGURA22 – Centro de Brusque: Vista da Praça Principal Barão von Schuneéburg Por volta de 1959**



Fonte: Arquivo do Museu Casa de Brusque.

Em meados da década de 70 surgiu a primeira tentativa de ordenamento urbano e industrial, com a elaboração do assim chamado Plano Diretor<sup>48</sup> de 1974. Visando garantir o bem-estar de seus habitantes, o Plano Diretor é definido segundo a Secretaria de Estado do Desenvolvimento e Meio Ambiente (SANTA CATARINA, 1997, p. 10) como:

---

<sup>48</sup> Tornou obrigatório para cidades com mais de 20.000 habitantes pela Constituição Federal de 1988, através do artigo 182.

Um instrumento de natureza técnica e política que tem por objetivo orientar o crescimento físico e sócio-econômico das cidades, ordenando sua expansão e estimulando as principais funções e atividades urbanas: habitação, trabalho, transportes, educação, saúde, lazer, industrial, comércio e serviços, associadas a preservação, proteção e recuperação dos valores históricos, culturais, paisagísticos e ambientais, tendo como meta o bem-estar da população, expresso pela qualidade de vida, resultado de um processo de desenvolvimento sustentável.

Entretanto, por falta de uma legislação urbanística, este Plano Diretor não chegou a produzir resultados tanto no que diz respeito ao direcionamento da atividade industrial, quanto no estabelecimento de políticas ambientais para o município, deixando inclusive de ser implantado (BONAMENTE, s.d. ).

Na década de 1980, com o desenvolvimento do setor de confecção no município de Brusque, a Rua Azambuja e seus arredores ganharam destaque por ser o endereço onde se constituiu um pólo do vestuário. A criação de inúmeras indústrias, lojas e centros comerciais neste endereço, não representou no período um fato isolado, pois na Rodovia Antonio Heil também foram criadas algumas empresas confeccionistas, embora em número reduzido. Segundo Bonamente (s.d., p.12), “sem ordenamento ou diretrizes urbanísticas fundamentadas no planejamento urbano, expressos em planos diretores, a localização industrial passou incólume e sem restrições pela década de 80 [...]”.

A Rua Azambuja pouco evoluiu em sua estrutura urbana, desde o início da década de 1970 quando começou a aumentar o número de confecções. O crescimento desordenado da indústria e do comércio confeccionista na década de 1980 e 1990, onde qualquer espaço foi ocupado por uma loja ou centro comercial, causou a maioria dos problemas que se pôde perceber ao longo da Rua. Havia falta de estacionamentos adequados para ônibus de excursões e veículos em geral. O calçamento da Rua e a iluminação pública eram precários. Entupimentos causando mau cheiro e acúmulo de sujeiras eram freqüentes devido a antigüidade e obsolescência da rede de esgotos e galerias de águas pluviais. Problemas de serviços como carência de telefones públicos e horários escassos de transporte coletivo também estavam presentes.

Então, em 1992, outro Plano Diretor foi elaborado, revelando-se um importante instrumento de desconcentração industrial da área central, pois se observou uma nítida tendência de direcionamento de indústrias para a área norte da cidade, ao longo da Rodovia Ivo Silveira (SC-411) que liga Brusque à Gaspar, o que atinge atualmente cerca de 30% do total de indústrias de Brusque (BONAMENTE, s.d.). Apesar disso, algumas das indústrias têxteis mais antigas, ainda estão dispersas na malha urbana, próximas aos cursos d'água (PLANO DIRETOR, 1997).

Ainda hoje, o centro da cidade (Figura 23) concentra grande parte da área comercial (razoavelmente diversificada), empresas de prestação de serviços, e equipamentos de ordem institucional e social, como a Prefeitura, o Fórum, o Zoobotânico, o Clube Caça e Tiro, a Igreja Matriz<sup>49</sup>, a Igreja Evangélica e a Praça Barão von Schneéburg (Figura 24).

**FIGURA 23 – Vista Aérea do Centro da Cidade de Brusque (1998)**



Fonte: Prefeitura Municipal de Brusque.

---

<sup>49</sup> A imponente igreja católica foi totalmente edificada com blocos de granito da região (25.000 pedras). Com capacidade para duas mil pessoas, sua construção iniciou em 1955 e terminou em 1961.

FIGURA 24 – Ilustração da Área Central do Município de Brusque



Fonte: Guia Sul (s.d.).

Segundo o Plano Diretor (1997), a maior concentração demográfica do núcleo urbano de Brusque, está localizada ao longo das ruas centrais da cidade: Av. Cônsul Carlos Renaux, R. Rui Barbosa, R. Adriano Schaefer e R. Hercílio Luz. Pode-se dizer que a densidade demográfica em Brusque ainda não é muito elevada (Quadro 01), pois foi apenas nos últimos anos que a quantidade de edifícios com mais de seis andares, aumentou.

**QUADRO 01 – Densidade Demográfica de Habitantes por Km<sup>2</sup>**

<b>Ano</b>	<b>BRUSQUE</b>
1980	140,00
1991	208,90
1992	211,65
1994	223,83
1996	236,00
2000-2001	271,18

Fonte: Dados do IBGE apud <http://www.cidadebrusque.com.br/sobre.asp>

Com o declínio da R. Azambuja diante da crise econômica em meados da década de 1990 e a ascensão da Rodovia Antonio Heil (SC-486) por força dos grandes capitais, como novo endereço do pólo do vestuário, o crescimento comercial voltado para o setor têxtil e confeccionista foi redirecionado para esta área com a construção de *shoppings* e grandes centros comerciais como a FIP, o Stop Shop, o Bruem, a Loja de importados Havan, entre outros. Assim, esta Rodovia, que liga Brusque a Itajaí passou a ter seus terrenos valorizados e procurados pelos grandes capitais.

Durante quase toda a história do município, a indústria têxtil foi um dos principais fatores responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da cidade, bem como pela sua configuração espacial, geração de empregos e de renda. Entretanto, ressalta-se, que as significativas modificações sócio-econômicas e espaciais que vivenciou o município de Brusque a partir da década de 1980,

representam reflexos diretos do expressivo crescimento do setor industrial e da conseqüente expansão do setor comercial, ambos ligados a atividade confeccionista.

A evolução da população no município de Brusque e na microrregião AMMVI é um indicativo claro da importância da indústria como fator de urbanização e de desenvolvimento local.

#### **4.2 EVOLUÇÃO POPULACIONAL DOS MUNICÍPIOS DA AMMVI**

Os Municípios da AMMVI compõem a microrregião mais antiga e mais expressiva do setor têxtil de Santa Catarina e do Brasil. Esses Municípios tiveram sua formação ligada à indústria têxtil, como é o próprio caso de Brusque e Blumenau, por exemplo. O Município de Brusque ocupa a posição de segundo maior pólo microrregional, ficando atrás apenas de Blumenau.

Pode se observar que a evolução da população rural e urbana, como demonstra a tabela 02, registrou um notável crescimento demográfico nesta microrregião, no período de 1970 a 2000, que pode ser atribuída ao crescimento vegetativo e as migrações interna ou externa da população. A mesma tabela permite visualizar a redução na população rural, fenômeno conhecido como êxodo rural, em quase todos os municípios da microrregião.

Na década de 1970, Blumenau e Brusque já são considerados municípios urbanos, assim como a AMMVI. Blumenau possuía 88,81% da população residindo no meio urbano, apresentando, naquele momento requisito para ser classificada como cidade de porte médio. Com o aumento considerável da população, em 1991, Blumenau adquire o status de cidade de grande porte dentro da microrregião da AMMVI (PIMENTA e LIMA, 1999).

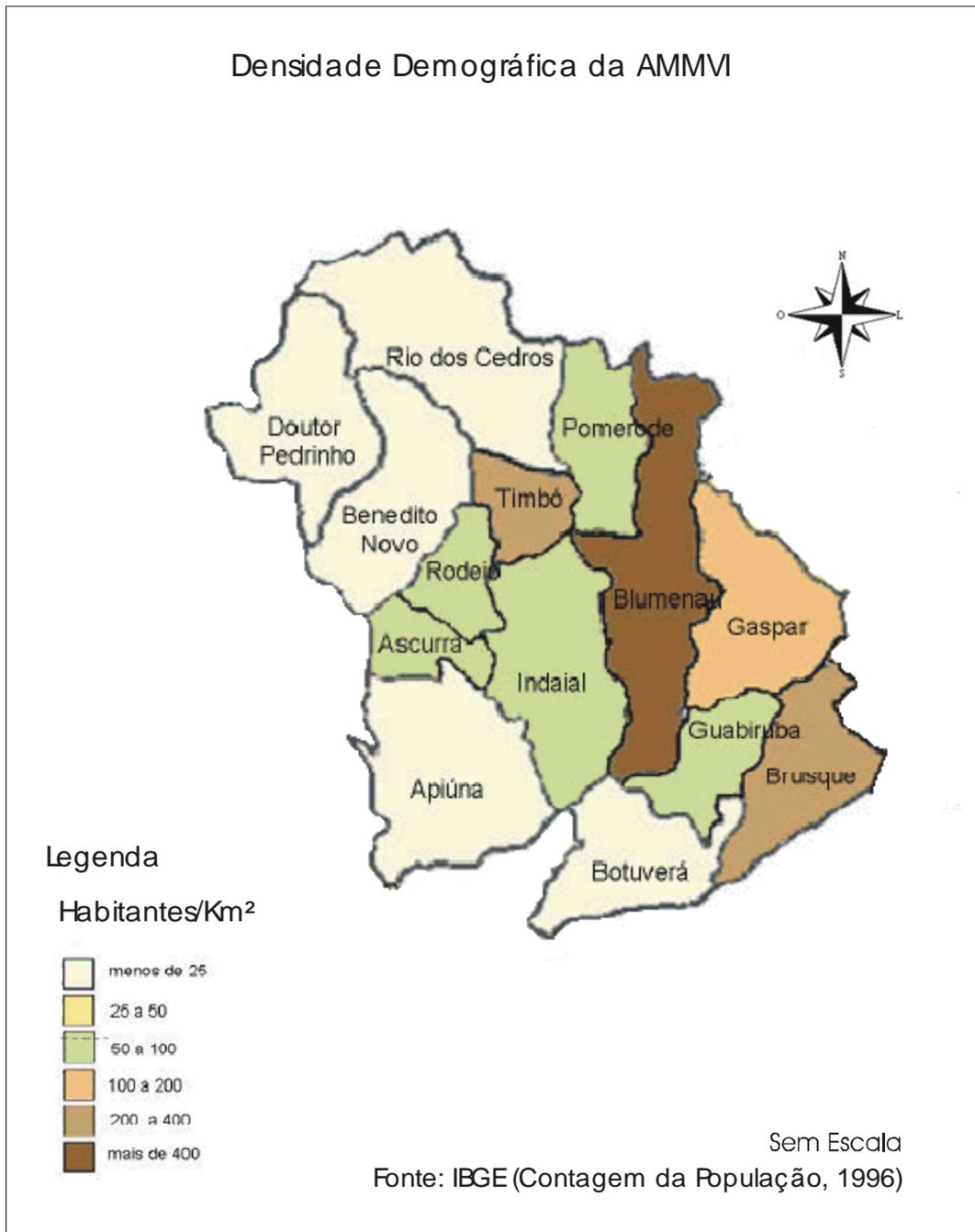
Blumenau, Brusque e Timbó — cidades têxteis tradicionais de Santa Catarina — se destacam pela concentração populacional (Figura 25) e pelo expressivo crescimento demográfico se comparados com os demais municípios da microrregião. Com a expansão e consolidação da indústria têxtil, Blumenau e Brusque se tornaram os mais importantes da AMMVI, constituindo-se como pólos atrativos de mão de obra em busca de emprego.

**TABELA 02 – Evolução da população rural e urbana na AMMVI: 1970-2000**

Município	1970			1980			1991			2000		
	Rural	Urbana	Total									
Microrregião AMMVI	88.186 (36,85%)	151.130 (63,15%)	239.316	75.224 (22,50%)	259.068 (77,50%)	334.292	81.523 (18,81%)	351.794 (81,19%)	433.317	67.260 (12,51%)	470.064 (87,49%)	537.324
Blumenau	10.839 (11,19%)	85.944 (88,81%)	96.783	8.477 (5,53%)	144.785 (94,47%)	153.262	22.268 (10,72%)	185.301 (89,28%)	207.569	16.360 (6,37%)	240.559 (93,63%)	256.919
Pomerode	7.913 (65,56%)	4.157 (34,44%)	12.070	5.447 (37,90%)	8.924 (62,10%)	14.371	5.024 (26,77%)	13.747 (73,23%)	18.771	3.414 (15,42%)	18.713 (84,58%)	22.127
<b>Brusque</b>	<b>2.820</b> (8,01%)	<b>32.380</b> (91,99%)	<b>35.200</b>	<b>3.301</b> (8,00%)	<b>37.923</b> (92,00%)	<b>41.224</b>	<b>4.483</b> (7,73%)	<b>53.488</b> (92,27%)	<b>57.971</b>	<b>2.802</b> (3,69%)	<b>73.256</b> (96,31%)	<b>76.058</b>
Botuverá	3.353 (89,12%)	409 (10,88%)	3.762	3.110 (86,82%)	472 (13,18%)	3.582	3.766 (87,84%)	521 (12,16%)	4.287	2.953 (78,62%)	803 (21,38%)	3.756
Guabiruba	2.735 (43,54%)	3.546 (56,46%)	6.281	2.909 (40,70%)	4.239 (59,30%)	7.148	4.064 (41,02%)	5.841 (58,98%)	9.905	928 (7,16%)	12.048 (92,84%)	12.976
Gaspar	12.035 (75,46%)	3.914 (24,54%)	15.949	11.881 (46,40%)	13.725 (53,60%)	25.606	12.250 (34,40%)	23.364 (65,60%)	35.614	16.813 (36,22%)	29.601 (63,78%)	46.414
Indaial	7.545 (55,10%)	6.148 (44,90%)	13.693	10.311 (36,09%)	18.263 (63,91%)	28.574	1.924 (6,38%)	28.234 (93,62%)	30.158	1.812 (4,50%)	38.382 (95,50%)	40.194
Apiúna	7.671 (88,62%)	985 (11,38%)	8.656	6.870 (80,72%)	1.640 (19,28%)	8.510	4.992 (64,58%)	2.739 (35,42%)	7.731	4.914 (57,68%)	3.606 (42,32%)	8.520
Ascurra	2.561 (64,50%)	1.409 (35,50%)	3.970	1.678 (31,00%)	3.736 (69,00%)	5.414	1.524 (25,732%)	4.638 (74,27%)	6.162	815 (11,76%)	6.119 (88,24%)	6.934
Rodeio	5.806 (72,99%)	2.149 (27,01%)	7.955	3.334 (41,80%)	4.643 (58,20%)	7.977	3.315 (35,38%)	6.056 (64,62%)	9.371	1.514 (14,59%)	8.866 (85,414%)	10.380
Benedito Novo	5.724 (84,52%)	1.048 (15,48%)	6.772	3.915 (58,68%)	2.757 (41,32%)	6.672	3.835 (52,51%)	3.467 (47,49%)	7.302	2.882 (41,76%)	4.020 (58,24%)	6.902
Dr. Pedrinho	3.130 (87,98%)	428 (12,02%)	3.558	2.070 (72,12%)	800 (27,88%)	2.870	1.637 (54,62%)	1.360 (45,38%)	2.997	1.413 (45,84%)	1.669 (54,16%)	3.082
Timbó	5.098 (43,10%)	6.731 (56,90%)	11.829	3.465 (19,33%)	14.459 (80,67%)	17.924	4.651 (19,53%)	19.155 (80,47%)	23.806	2.575 (8,78%)	26.783 (91,22%)	29.358
Rio dos Cedros	3.856 (74,33%)	1.331 (25,67%)	5.187	3.014 (64,41%)	1.665 (35,59%)	4.679	2.925 (55,90%)	2.308 (44,10%)	5.233	2.215 (38,66%)	3.515 (61,34%)	5.730

Fonte: IBGE (Censo 1970, 1980, 1991 e 2000).

**FIGURA 25 – Densidade Demográfica da AMMVI**



Fonte: Adaptado de Zoneamento Ecológico-Econômico (2005).

É importante observar, que em 2000, a população urbana se torna predominante, na maior parte dos municípios da AMMVI. Neste sentido se destaca: Brusque (96,31%), Indaial (95,50%), Blumenau (93,63%), Guabiruba

(92,84%), Timbó (91,22%), Ascurra (88,24%), Rodeio (85,41%), Pomerode (84,58%), Gaspar (63,78%), Rio dos Cedros (61,34%), Benedito Novo (58,24%) e Dr. Pedrinho (54,16%). Os demais municípios ainda possuem a maior parte da população no meio rural, como é o caso de Botuverá (78,62%) e Apiúna (57,68%).

A urbanização da população na AMMVI segue as tendências de outros municípios de Santa Catarina e do restante do Brasil, ou seja, o esvaziamento dos pequenos municípios que tem a economia alicerçada nas atividades agropecuárias e a concentração da população nas cidades maiores. Este é um fenômeno comum no país como um todo.

Na análise da tabela 02, no período compreendido ente 1980 e 1991, se pode inferir que há um fenômeno registrado no município de Blumenau, quando a população rural ampliou de 5,53% para 10,72% e a população urbana diminuiu de 94,47% para 89,28%. Contudo, esta tendência não se manteve no intervalo seguinte. Segundo as Arquitetas Silvana Moretti<sup>50</sup> e Claudia Siebert<sup>51</sup> isto pode ser explicado pela execução de loteamentos que possuíam parte da área em perímetro urbano e outra parte no perímetro rural. Conforme as entrevistadas consta no Plano Diretor de 1989, que quando um terreno estivesse nessa situação, ele poderia ser considerado como se estivesse todo em perímetro urbano.

Porém, quando ocorresse uma contagem da população, quem estivesse morando em área rural (de acordo com o perímetro), era considerado como população rural, mesmo que estivesse em um lote com características urbanas. Assim, por pressão dos moradores destes loteamentos e dos loteadores, o perímetro urbano acabou sendo ampliado, e com isto estes mesmos moradores apareceram como urbanos no censo seguinte.

Vale notar que, apesar de Blumenau ser pólo industrial tradicional, desde a década de 1980, a população urbana tem apresentado taxa de

---

<sup>50</sup> Arquiteta da Prefeitura Municipal de Blumenau. Informações obtidas em entrevista em outubro de 2005.

<sup>51</sup> Arquiteta, Professora da FURB e Coordenadora da revisão do Diagnóstico do Plano Diretor de Brusque de 1997. Informações obtidas em entrevista em outubro de 2005.

crescimento menor que a dos municípios vizinhos, de menor porte (Tabela 03). Isto pode ser atribuído ao preço elevado dos terrenos não só nesta cidade, mas nas grandes cidades do país. Em efeito, os municípios vizinhos vêm se tornando atrativos à instalação de indústrias e conseqüentemente atraindo mão de obra que busca trabalho, alterando a taxa de crescimento demográfico (Figura26).

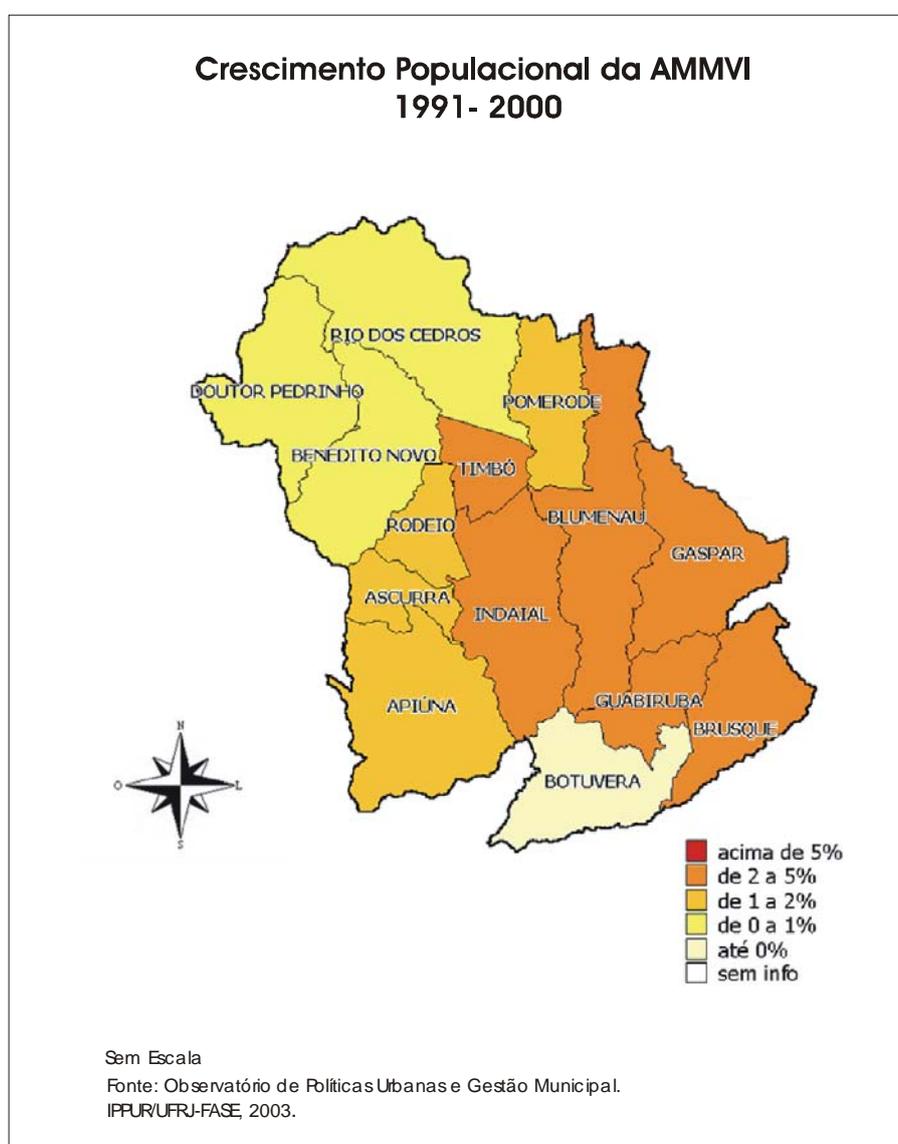
**TABELA 03 – Evolução da Taxa de Crescimento da População Rural e Urbana na AMMVI: 1970-2000**

Município	1970-1980			1980-1991			1991-2000		
	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana	Total
Microrregião AMMVI	-1,58%	5,54%	3,40%	0,73%	2,82%	2,39%	-2,11%	3,27%	2,42%
Blumenau	-2,43%	5,35%	4,70%	9,18%	2,27%	2,80%	-3,37%	2,94%	2,40%
Pomerode	-3,67%	7,94%	1,76%	-0,73%	4,01%	2,46%	-4,20%	3,49%	1,84%
<b>Brusque</b>	<b>1,59%</b>	<b>1,59%</b>	<b>1,59%</b>	<b>2,82%</b>	<b>3,18%</b>	<b>3,15%</b>	<b>-5,09%</b>	<b>3,56%</b>	<b>3,06%</b>
Botuverá	-0,75%	1,44%	-0,49%	1,76%	0,90%	1,65%	-2,67%	4,92%	-1,46%
Guabiruba	0,62%	1,80%	1,30%	3,09%	2,96%	3,01%	-15,13%	8,38%	3,05%
Gaspar	-0,13%	13,37%	4,85%	0,28%	4,96%	3,04%	3,58%	2,66%	2,99%
Indaial	3,17%	11,50%	7,63%	-14,15%	4,04%	0,49%	-0,66%	3,47%	3,24%
Apiúna	-1,10%	5,23%	-0,17%	-2,86%	4,77%	-0,87%	-0,17%	3,10%	1,09%
Ascurra	-4,14%	10,24%	3,15%	-0,87%	1,99%	1,18%	-6,72%	3,13%	1,32%
Rodeio	-5,40%	8,01%	0,03%	-0,05%	2,44%	1,47%	-8,34%	4,33%	1,14%
Benedito Novo	-3,73%	10,16%	-0,15%	-0,19%	2,10%	0,82%	-3,12%	1,66%	-0,62%
Dr. Pedrinho	-4,05%	6,45%	-2,13%	-2,11%	4,94%	0,39%	-1,62%	2,30%	0,31%
Timbó	-3,79%	7,95%	4,24%	2,71%	2,59%	2,61%	-6,36%	3,79%	2,36%
Rio dos Cedros	-2,43%	2,26%	-1,03%	-0,27%	3,01%	1,02%	-3,04%	4,78%	1,01%

Fonte: Elaborado por Margareth de Castro Afeche Pimenta (2005), com base nos Censos do IBGE de 1970, 1980, 1991 e 2000.

Na microrregião da AMMVI, Brusque foi o município que registrou maior crescimento populacional, apresentando em 2000, uma taxa de crescimento de 3,06%, conforme se pode observar na tabela 3. Mas diferente de Blumenau, apenas em 1991, Brusque preenche o requisito para ser classificada como cidade de porte médio na microrregião. As demais cidades da microrregião, em 2000, ainda permanecem na classe de pequeno porte (PIMENTA e LIMA, 1999).

**FIGURA 26 – Crescimento Populacional da AMMVI 1991 – 2000**



Fonte: Adaptado de Metrodata (2005).

A concentração da população urbana nos municípios de Blumenau e Brusque é atribuída, em grande medida, a indústria têxtil. Por sua vez, Ascurra, apesar de ser uma cidade pequena, com 6.934 habitantes, possui praticamente toda sua população na área urbana, devido à implantação de uma unidade da fábrica Sulfabril no município em 1976, confirmando o fato de a indústria têxtil representar uma importante atividade para a economia local. No caso específico de Brusque, outro fator recente (pós 1990), que contribui para a urbanização é a expansão da indústria vestuarista e as atividades (comércio e serviços) a elas relacionadas que atraí grande contingente de mão-de-obra pela oportunidade de emprego. Conforme já demonstrado, Brusque se tornou um pólo do vestuário.

#### **4.3 IMPLICAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS RECENTES NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE**

A partir da década de 1980, as transformações econômicas ocorridas tanto a nível local como global, repercutiram em diversas mudanças no município de Brusque, ressaltando as implicações sócio-espaciais decorrentes do rearranjo produtivo que o município sofreu com o desenvolvimento do setor confeccionista.

Para Milton Santos esse movimento da sociedade através dos tempos, deve ser entendido a partir de como “os lugares — combinação localizada de variáveis sociais — mudam também de valor e de papel à medida que a História se desenvolve” (SANTOS, 1992, p. 58).

A Rua Azambuja (Figura 27), o primeiro endereço da concentração de micro e pequenas indústrias confeccionistas e seus respectivos pontos de vendas, tornou-se o principal ponto de referência comercial da cidade. Rapidamente essa rua foi se transformando, a maior parte das casas cedeu espaço a lojas (Figura 28) e centros comerciais (Figura 29). Contudo, algumas

resistiram às mudanças ocorridas e permaneceram apenas como residências familiares.

É relevante sublinhar que a R. Azambuja passou a desempenhar duas funções além de residencial, ou seja, a função comercial, devido ao surgimento de mais de mil lojas e vários centros comerciais, vendendo artigos do vestuário, e a função industrial haja vista que a maior parte das fábricas estava instalada nas próprias casas junto das lojas.

Com o desenvolvimento e crescimento da indústria de confecção na rua Azambuja, somado a formação de um pólo do vestuário de pronta-entrega e o conseqüente desenvolvimento comercial, o espaço urbano do município de Brusque passou por sensíveis modificações, que alteraram a sua dinâmica interna e externa.

**FIGURA 27 – Vista da Rua Azambuja**



Fonte: Arquivo da autora (2005).

**FIGURA 28 – Residência na Rua Azambuja com Loja no Piso Inferior**



Fonte: Arquivo da autora (2005).

**FIGURA 29 – Cento Comercial na Rua Azambuja (Construção Verde à Esq.)**



Fonte: Arquivo da autora (2005).

O desenvolvimento da R. Azambuja e o conseqüente aumento no número de pessoas no local, fez com que muitas pessoas começassem a investir nesta área, comprando salas comerciais, construindo galerias e centros comerciais. Assim como também começaram a surgir na cidade, novas alternativas de restaurantes, lanchonetes, postos de gasolina, opções de hospedagem, empresas de prestação de serviços, mostrando oportunidades, mesmo que não estivessem diretamente ligadas ao turismo. Portanto, com o desenvolvimento do setor confeccionista e a presença constante de turistas de compras e/ou de sacoleiros na cidade, Brusque começou a ganhar novos empreendimentos de pequeno e médio porte.

É relevante destacar que no município de Brusque existe uma clara associação entre o consumo e o turismo. A expressão “turistas de compras” é utilizada para se referir aos consumidores que passam pela cidade para participar de festas religiosas (Festa de Azambuja), culturais (Fenarreco — Festa Nacional do Marreco) e feiras de exposições industriais, e aproveitam para fazer compras. Segundo o Plano Diretor do município (1997), os eventos turísticos são organizados para atrair um grande número de visitantes, objetivando integrar atividades de lazer com a de compras de artigos do vestuário e têxteis. Contudo, deve-se destacar que os turistas apenas passam por Brusque, isto é, passam o dia ou parte do dia e seguem viagem para pernoitar em cidades como Balneário Camboriú e Blumenau, onde as opções de lazer, serviços e hospedagem são muito mais numerosas.

Desta forma, o espaço urbano de Brusque que até então era composto por quatro principais e tradicionais grandes indústrias têxteis, é modificado com o surpreendente crescimento e desenvolvimento da indústria de confecção. A aglomeração que se formou na R. Azambuja garantia a presença dos consumidores, proporcionando diferentes alternativas de escolha no comércio vestuarista.

Considera-se que as condições do período caracterizado pela falta de opções de emprego na cidade, somando-se a isso a presença de espírito empreendedor, bem como a existência de capital disponível, tornaram-se fatores favoráveis ao surgimento de pequenos estabelecimentos, a proliferação

de centros e ruas comerciais no município de Brusque. Essas mudanças estão relacionadas às novas características do mercado mundial, no qual as formas de organizar o setor manufatureiro contam cada vez mais com uma produção em pequenas quantidades, de pequenas escalas, de rápidas mudanças no produto final e elevada diferenciação do produto.

No início dos anos de 1990 o setor confeccionista tomou proporções consideráveis do ponto de vista do número de estabelecimentos, da produção, do número de mão-de-obra envolvida e da sua participação na arrecadação municipal. Existem registros de que o movimento econômico se especializou rapidamente; em menos de uma década foram criadas na Rua Azambuja, aproximadamente 1.500 lojas de pronta-entrega, 22 centros comerciais, gerando mais de 5.000 postos de trabalho. A cidade tornou-se conhecida como “Capital da pronta-entrega”.

Nesse período, a valorização imobiliária da Rua Azambuja, segundo Rogério Schwinden (Presidente da AICA no período) foi extremamente intensificada (Gazeta Mercantil, s.d.). O mesmo aconteceu com o entorno da R. Azambuja, assim como algumas ruas transversais como a R. Ernesto Appel e Pe. Lux.

Entretanto, em 1994, o núcleo urbano que em poucos anos havia galgado a condição de ser uma cidade especializada na indústria e no comércio de confecção sofreu forte abalo quando ocorreram mudanças político-econômicas com o início da instauração do Plano Real (Figuras 30 e 31). Conforme já referido, instaurou-se uma crise sem precedentes no setor confeccionista devido a estabilização econômica, invasão de produtos importados e juros extremamente altos.

É importante explicitar que para os entrevistados, a crise de 1994, foi considerada como o momento da “quebradeira geral”: As empresas viram suas vendas caírem drasticamente; aqueles que não possuíam uma reserva de capital, não conseguiram manter suas atividades. Até aquele momento, grande parte dos empresários mantinha suas reservas em aplicações financeiras (até junho de 1994 a inflação era elevada); mas muitos retiraram capital de giro da

empresa para aplicar em outros investimentos como carro novo e casa na praia por exemplo<sup>52</sup>. Assim, grande parte das indústrias encerrou suas atividades. Esses fatores em conjunto provocaram a decadência do comércio confeccionista na Rua Azambuja e mais uma vez, ocorreram sensíveis transformações nesse espaço.

A paisagem da Rua Azambuja tornou-se muito diferente daquela existente no período de prosperidade das indústrias de confecções na localidade. A rua “fantasma” — como costuma ser assim chamada pelos moradores de Brusque — praticamente se excluiu ou foi excluída da vida ativa da cidade, tornando-se um fragmento da malha urbana do município. Com a decadência desta rua, também ocorreu uma forte desvalorização dos imóveis.

Boa parte dos centros comerciais se transformou em hotéis (Figuras 32 e 33), prédios residenciais, apartamentos conjugados (Figuras 34 e 35), kitinetes, enquanto alguns estão abandonados e/ou foram ocupados por pessoas de baixa renda (Figuras 36, 37, 38 e 39). O fluxo de veículos no local é relativamente pequeno, se comparado à época do auge. A rua Azambuja muda de função e de paisagem (ver localização dos Centros Comerciais na Figura 40).

Neste sentido, é indispensável destacar o rápido e repentino ciclo imobiliário que a R. Azambuja vivenciou. Com o boom da indústria e do comércio confeccionista ocorreu a alta valorização dos imóveis, e em seguida com a crise econômica, aconteceu uma queda brusca no preço dos mesmos.

O espaço é transformado e reproduzido dinamicamente, incorporando e recriando novas formas e características, de acordo com o movimento da sociedade urbana. Ele é produto dessa sociedade, embora não acabado. Assim a produção do espaço não depende de um único agente ou de um único interesse, ressaltando “que certas características [...] tornam o espaço uma mercadoria especial, sujeita, portanto, a mecanismos peculiares de produção, circulação e consumo” (HARVEY, 1973 apud FARRET, 1985:88).

---

<sup>52</sup> Dados obtidos em entrevistas com empresários locais em junho de 2004 e junho de 2005.

**FIGURA 30 – Frente do Centro Comercial Oscar Schulenburg no Auge do Movimento na Rua Azambuja (Início dos anos de 1990)**



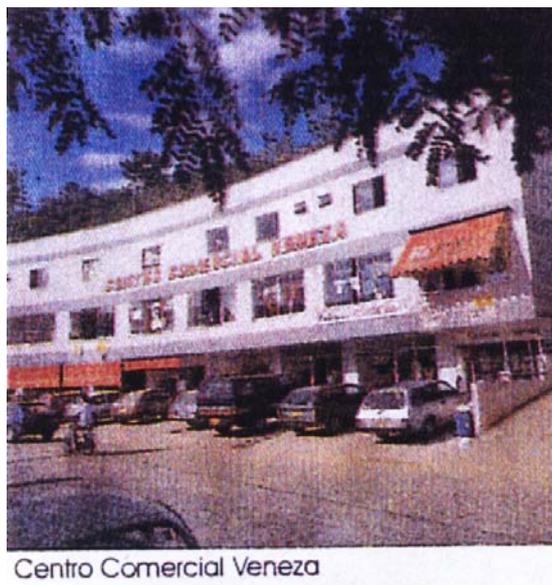
Fonte: Arquivo de Nilo Schulenburg.

**FIGURA 31 – Frente do Centro Comercial Oscar Schulenburg em 2005**



Fonte: Arquivo da autora (2005).

**FIGURA 32 – Centro Comercial Veneza no início dos anos de 1990**



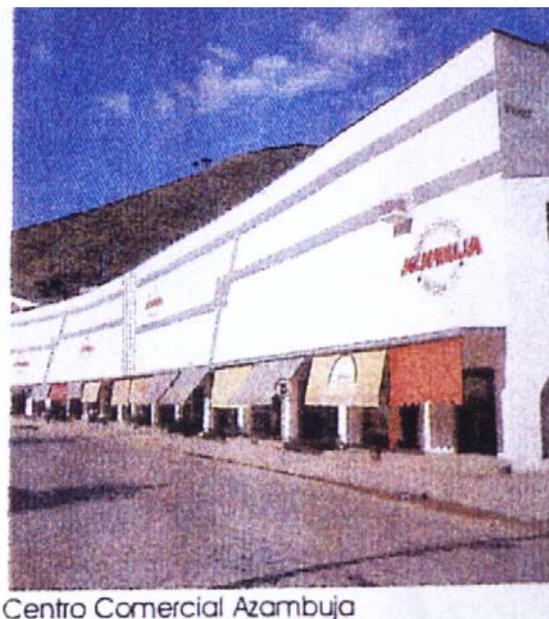
Fonte: Folder da Rua Azambuja (s.d.).

**FIGURA 33 – Hotel Azambuja – Antigo Centro Comercial Veneza**



Fonte: Arquivo da autora (2005).

**FIGURA 34 – Centro Comercial Azambuja no Início da Década de 1990**



Centro Comercial Azambuja

Fonte: Folder da Rua Azambuja (s.d.).

**FIGURA 35 – Edifício Residencial – Antigo Centro Comercial Azambuja**



Fonte: Arquivo da autora (2004).

**FIGURA 36 – Rua Azambuja: Ao Fundo Está o Centro Comercial Gisela –  
Hoje Ocupado Apenas por Uma Loja no Piso Térreo**



Fonte: Arquivo da autora (2005).

**FIGURA 37 – Centro Comercial Vale Center Azambuja – Atualmente Está  
Abandonado**



Fonte: Arquivo da autora (Junho de 2004).

**FIGURA 38 – Centro Comercial Itacolmi (á Direita) com Várias Lojas Vazias**



Fonte: Arquivo da autora (2005).

**FIGURA 39 – Inúmeras Construções Destinadas à Indústria e ao Comércio Confeccionista Estão Atualmente Vazias**

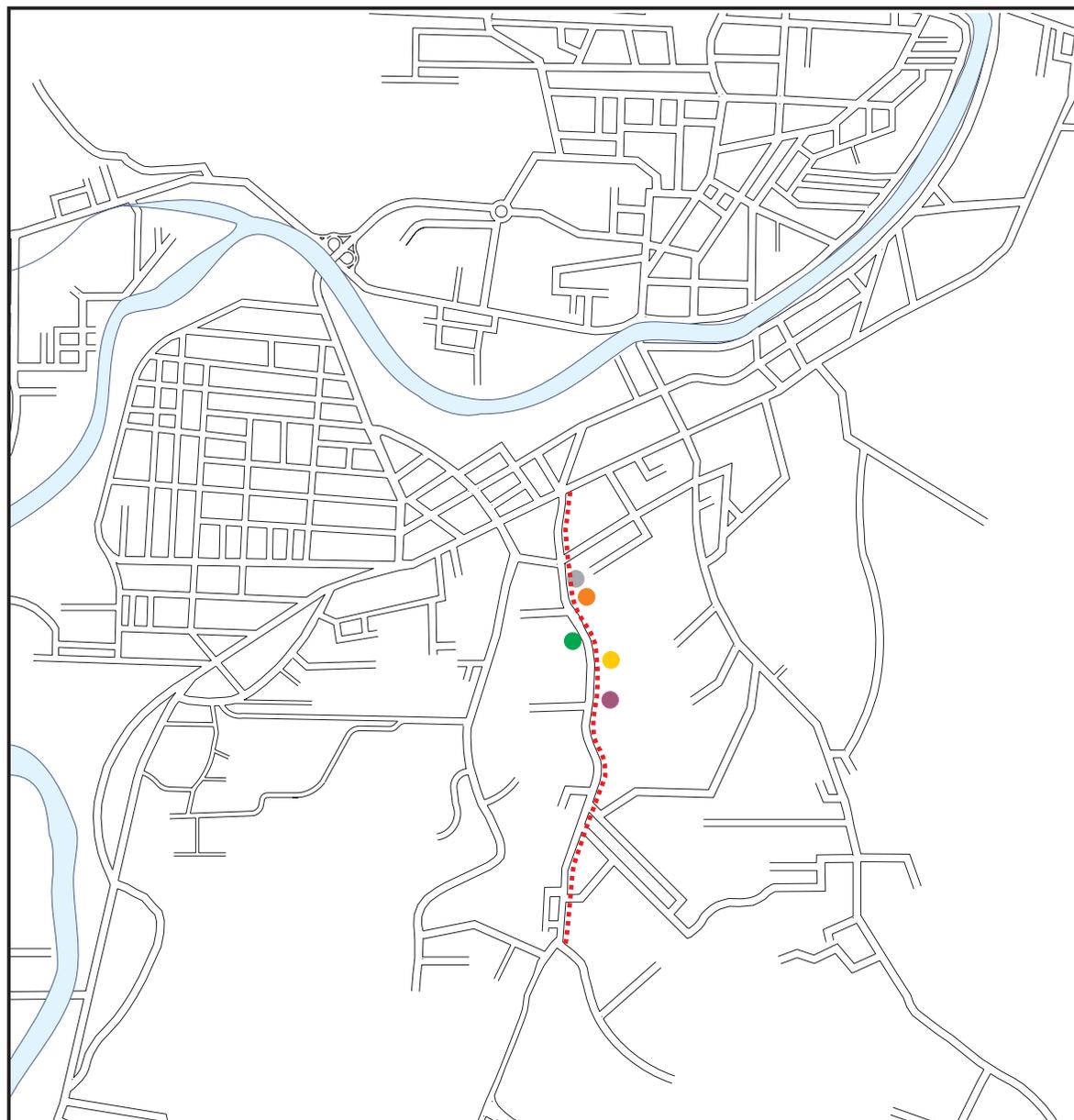


Fonte: Arquivo da autora (2005).

## **FIGURA 40 – Disposição dos Centros de Venda na Rua Azambuja (2005)**

**Mapa**

FIGURA 40 - DISPOSICAO DOS CENTROS DE VENDA NA RUA AZAMBUJA (2005)



Legenda

- Antigo centro comercial Veneza (atual Hotel Azambuja)
- Antigo centro comercial Azambuja (atual edificio residencial)
- Centro comercial Oscar Schulenburg
- Centro comercial Itacolmi
- Centro comercial Vale Center Azambuja
- ▭ Rua Azambuja

Fonte: Adaptado de Pimenta e Lima (1999)

Edição: Matheus Moller Speck/UFSC  
Dez. 2005

Poucas confecções ainda se mantiveram na R. Azambuja e nos seus arredores, devido ao fato de já possuírem um imóvel neste endereço, e não terem condições de pagar um alto aluguel nos centros comerciais da Rodovia Antonio Heil. Este é o caso, por exemplo, da confecção Roux, da Real Malhas e da confecção Dona Benta, já comentados anteriormente.

As empresas de confecção que permaneceram na Rua Azambuja atualmente sobrevivem porque os clientes, normalmente lojistas, se deslocam para este endereço<sup>53</sup>. Para o empresário Nilo Schulenburg “se a mercadoria tem preço e qualidade, os compradores vão longe para comprar, assim a mercadoria gira nas prateleiras e a empresa se mantém”. Observa-se que para estes casos, a localização do ponto de venda deixa de ser o principal fator.

É importante mencionar, que nos últimos anos a R. Azambuja voltou a ser procurada por empresas de confecção que buscam imóveis com baixo aluguel, para instalar apenas a fábrica e o escritório, pois para a comercialização, o melhor local passa a ser a Rodovia Antonio Heil. Como se pode observar, mais uma vez, a atividade confeccionista insiste em permanecer neste endereço, porém com outras características.

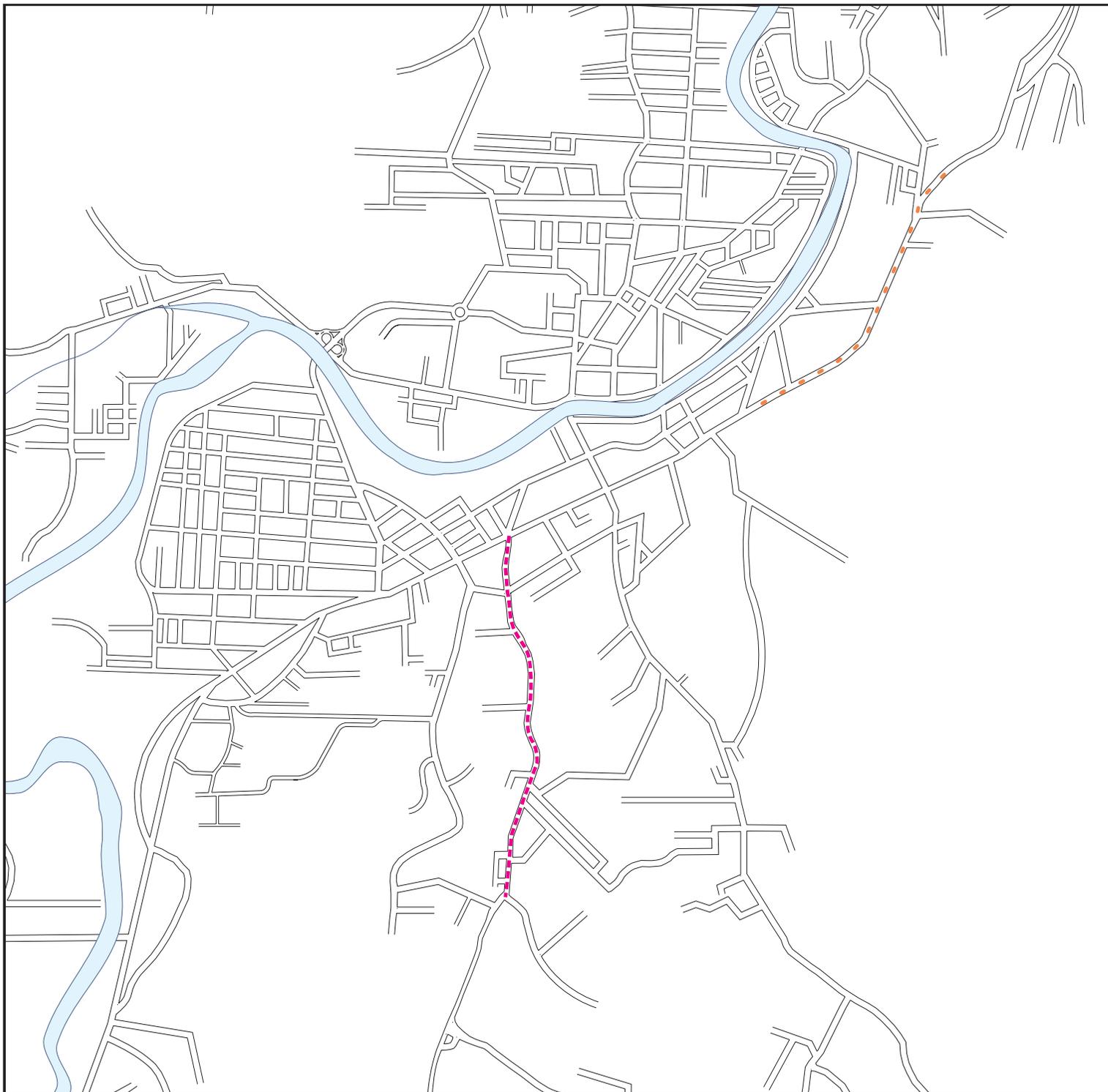
Quando a rota da comercialização foi alterada da Rua Azambuja, para a Rodovia Antonio Heil, os ônibus reduziram sua presença na Rua Azambuja, assim também como número de clientes. O novo endereço de comercialização, com localização relativamente próxima da R. Azambuja (Figura 41), desenvolveu-se com notável vitalidade, e mais uma vez com extrema rapidez.

---

<sup>53</sup> Informações obtidas através de entrevistas realizadas com empresários locais em Junho de 2004.

**FIGURA 41 – Esboço da Disposição da Rua Azambuja e da Rodovia  
Antônio Heil na Área Central de Brusque**

mapa



**FIGURA 41 - DISPOSIÇÃO DA  
RUA AZAMBUJA E DA  
RODOVIA ANTÔNIO HEIL  
NA ÁREA CENTRAL  
DE BRUSQUE**

**Legenda:**

 Rua Azambuja

 Rod. Antônio Heil

 Rio Itajaí-Mirim

Fonte: Adaptado de Pimenta e Lima (1999)

Edição: Matheus Moller Speck/UFSC  
Dez. 2005

Os grandes centros comerciais da cidade acabaram se estabelecendo ao longo das margens da Rodovia Antonio Heil (Figura 42) nos últimos anos, no trecho inicial entre Brusque-Itajaí, tornando-se um grande atrativo turístico e ofertando muitos empregos à população local, além de gerar severo conflito entre fluxos de passagem, local e de pedestres.

**FIGURA 42 – Vista da Rodovia Antonio Heil (à Esquerda Encontra-se o Centro Comercial Bruem e a Loja Havan)**



Fonte: Prefeitura Municipal de Brusque.

Às suas margens também se instalaram a loja de importados Havan, inúmeras lojas de pronta-entrega e mesmo algumas confecções, lojas atacadistas de malha, entre estabelecimentos comerciais de outros segmentos.

A partir do momento em que as empresas confeccionistas passam a utilizar o *shopping* como meio de distribuição de seus produtos, ocorre a

separação da fábrica e da loja, alterando a lógica de produção e de distribuição das empresas de confecções. Desse modo, portanto, com um novo endereço, o pólo do vestuário e a indústria de confecção criaram um novo dinamismo no espaço local e regional.

Além disso, muitos empresários citaram que com o surgimento dos centros comerciais como principal meio de distribuição dos produtos, a mão-de-obra feminina começa a ser preferencialmente empregada como vendedora neste local, ao invés de adquirir habilitação para a costura, necessária à produção das confecções. Isso gerou no local uma falta de mão-de-obra qualificada.

Como se pode observar, ocorre a substituição do pequeno comércio por grandes estabelecimentos que concentram o capital. As lojas e confecções domésticas cedem em grande parte espaço para os centros comerciais e grandes lojas. Percebe-se que, os proprietários desses grandes estabelecimentos tornam-se consumidores de espaço. A escolha desses espaços depende da presença de acessibilidade favorável, proximidade com as vias de transporte, mão-de-obra, boa localização etc.

As confecções locais ou de fora do município que estão dentro destes centros de venda precisam pagar aluguéis altíssimos por um ponto de comercialização ou mesmo comprá-lo, que também requer um investimento extremamente alto.

Grande parte das pequenas confecções de pronta-entrega foi arrasada pelos grandes capitais comerciais, no entanto, algumas empresas conseguiram se reestruturar e se mantiveram no mercado. Aquelas empresas que surgiram após este período, procuraram se especializar em um nicho de mercado.

O movimento econômico é também um movimento espacial, o capital vai buscando cada vez mais espaços. Assim, estes movimentos espaciais deram uma nova configuração ao espaço de Brusque, não só na Rua Azambuja, mas também na Rodovia Antonio Heil e em toda a cidade.

É indispensável dizer que a partir de 1990, a prefeitura do município de Brusque tornou-se responsável por inúmeras modificações visíveis na paisagem urbana do município. Um exemplo disso é o aparecimento de construções em estilo “típico”, derivado da técnica enxaimel dos imigrantes alemães, mas com uma característica própria, que apresenta telhados independentes com quatro quedas e ponto bastante alto, formando um “chapéu” (PLANO DIRETOR, 1997). Estas construções, destinadas ao uso institucional (Prefeitura, Fórum, Rodoviária), comercial (Fenarrecó) ou de serviço (Hotel Monthez), tinham como objetivo o grande apelo turístico (Figuras 43 e 44).

Segundo uma das coordenadoras do Diagnóstico (1997), esta febre do neo-enxaimel ou enxaimoso começou por Blumenau, no início dos anos 80, com estímulo da administração municipal. Depois chegou a Brusque, em obras públicas, com a variação do telhado mais pontudo, com duas inclinações nas torres, lembrando um chapéu de bruxa. Na verdade, estas construções se inspiram no visual do enxaimel, sem replicar a técnica construtiva original, que tem as peças de madeira como estrutura e não enfeite<sup>54</sup>.

É extremamente importante destacar, que a malha viária de Brusque experimentou também algumas transformações na década de 90. Segundo o Plano Diretor (1997), muitas vias passaram a funcionar em sentido único de tráfego, foram instalados inúmeros semáforos em cruzamentos, e aqueles que já existiam foram sincronizados, com a intenção de amenizar o tráfego intenso de automóveis, que aumentou sensivelmente nos últimos anos em decorrência do aumento da população local e das pessoas de municípios vizinhos, que vêm à cidade para fazer compras, estudar<sup>55</sup>, e trabalhar.

---

<sup>54</sup> Entrevista realizada com a Arquiteta Claudia Siebert (Professora da FURB e coordenadora da revisão do PD de Brusque em 1997) em outubro de 2005.

<sup>55</sup> Brusque possui duas instituições de ensino superior a UNIFEBE – Centro Universitário de Brusque -, e a ASSEVIM – Associação Educacional do Vale do Itajaí – que atraem estudantes de municípios vizinhos.

**FIGURA 43 – Fórum de Brusque**



Fonte: Prefeitura Municipal de Brusque.

**FIGURA 44 – Prefeitura Municipal de Brusque**



Fonte: Prefeitura Municipal de Brusque.

Também foram criadas rotas alternativas de desvio dos corredores centrais e foi implantado um sistema binário com as pontes Irineu Bornhausen e Arthur Schölessler tornando-as sentido único, juntamente com seus corredores de acesso. Quanto à abertura de novas vias, destaca-se a construção da Av. Beira Rio, na margem direita do Rio Itajaí-Mirim, e prolongamento da Av. Beira Rio na margem esquerda. Isto refletiu intensamente na paisagem da cidade, caracterizada, até então, somente por ruas estreitas, com construções estendendo-se ao longo destas. Avenidas mais largas foram criadas com o objetivo de facilitar o tráfego de acesso à cidade.

Além de propiciar novas alternativas de circulação, a Beira-Rio da margem direita, particularmente, permitiu a urbanização de grande área até então ociosa, entre o Rio Itajaí-Mirim e a Rodovia Antônio Heil, contribuindo para a descentralização da cidade, pois surge como uma alternativa para o desenvolvimento e crescimento de novos espaços comerciais e de serviços. Na área foram edificados o novo terminal rodoviário interurbano, o pavilhão de eventos e o Ginásio da Arena Multiuso.

É indispensável dizer que essas modificações estão intimamente ligadas ao poder público, ou seja, é o poder público tentando agir em prol do aumento dos espaços comerciais no município de Brusque. Muitas vezes, parcerias com os agentes econômicos também são realizadas, objetivando satisfazer os interesses de ambas as partes.

A atuação do Estado, representado pelo poder municipal, também é responsável pela modificação do espaço. Através de instrumentos como a legislação urbana, ele regula, intervém, media e controla o espaço urbano. Muitas vezes, é a partir desses mecanismos que o Estado tende a favorecer as classes dominantes e/ou os grandes capitais locais, atendendo as pressões e as trocas de favores. Isso pode ser exemplificado por investimentos públicos como a abertura de novas vias, promoção do estilo enxaimel para atrair turistas de compras, isenção de impostos para os grandes estabelecimentos comerciais<sup>56</sup> entre outros, que favorecem uma atividade (confeccionista) que concentrou o capital na mão de poucos com a construção dos centros comerciais em detrimento do pequeno empresário.

O uso industrial do solo distribui-se por toda a cidade e o uso residencial é caracterizado pela predominância de unidades unifamiliares e pela subutilização do solo, resultante de um crescimento urbano sem controle, onde fatores como a especulação imobiliária e as características topográficas do sítio agem como elementos de dispersão da ocupação urbana (PLANO DIRETOR, 1997).

A subutilização do solo mencionada se refere aos vazios urbanos, parcelas de solo urbano com toda a infraestrutura, mas não edificadas, em função do proprietário aguardar valorização, ou não ter interesse em edificar. Isto resulta em áreas de densidade muito baixa, prejudicando a gestão urbana por obrigar a expansão da periferia, onde ainda não há infraestrutura, para abrigar o crescimento da população. O perímetro urbano de Brusque, após

---

<sup>56</sup> Segundo informações obtidas em dois centros comerciais (junho de 2004), a prefeitura não concedeu a isenção de impostos.

sucessivas ampliações, incorporou praticamente toda a área plana urbanizável do município<sup>57</sup>.

A dinâmica da expansão urbana da cidade de Brusque nos anos de 1990 se dá orientada pela lógica do capital e da especulação imobiliária. Isto pode ser observado através do padrão construtivo do sistema viário e os projetos urbanísticos planejados segundo critérios funcionais, que viabilizam o fluxo e a circulação da produção, atendendo à lógica do capital; e o atendimento das expectativas de modernização e embelezamento da cidade.

Diante de todas essas transformações no espaço de Brusque, pode-se dizer que a década de 1990 foi um período em que a cidade passou por muitas mudanças. Uma nova lógica econômica e do uso do solo passa a vigorar no município. O poder público coloca em prática a execução de grandes projetos, que apesar de modernizarem o espaço urbano de Brusque, facilitam ou permitem uma brutal concentração de capital. Em suma, a dinâmica da cidade de Brusque a partir da década de 1980 está diretamente ligada à lógica da indústria confeccionista. Desta forma, o espaço urbano que se constituiu historicamente atrelado a indústria têxtil por quase um século, traz em sua nova forma um conteúdo singular, definido pela atividade confeccionista. Esta nova atividade é responsável por modelar a sociedade e o espaço, através de novos movimentos de reordenamento e da tentativa de gerar formas de sobrevivência, transformando-se em novos processos de concentração econômica e espacial.

---

<sup>57</sup> Entrevista realizada com a Arquiteta Claudia Siebert (Professora da FURB e coordenadora da revisão do PD de Brusque em 1997) em outubro de 2005.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho buscou analisar a formação e o desenvolvimento do setor confeccionista e as implicações sócio-espaciais recentes no município de Brusque. Os dados e resultados apresentados ao longo desta pesquisa permitiram diversas constatações que puderam ser interpretadas à luz do corpo teórico adotado, estando este articulado com a realidade geográfica e econômica encontradas a nível local, regional e global.

O município de Brusque teve seu desenvolvimento atrelado a indústria têxtil por quase um século. Apesar disso, foi apenas nos anos de 1980 que o setor confeccionista ganhou proporções que modificaram a dinâmica do município e implicaram em inúmeras mudanças no espaço de Brusque. Esta

atividade surgiu como uma alternativa para a população desempregada e não como resultado de ações e incentivos públicos.

No início dos anos de 1990, a indústria e o comércio de confecção transformaram Brusque na Capital da Pronta-Entrega, abrigando mais de 1.500 empresas e, mais de 20 centros comerciais.

Apesar disso, em 1994, importantes mudanças na economia brasileira apoiadas na implantação de políticas neoliberais, tiveram repercussões em diversas atividades econômicas, com consequências nocivas principalmente para as indústrias, entre elas a indústria de confecção.

Neste cenário, as empresas confeccionistas no Vale-do-Itajaí, e em particular no município de Brusque, também sofreram consequências drásticas. As empresas tiveram que rapidamente se reestruturar para atender às demandas e às imposições do mercado, mas a maioria não possuía capital disponível e grande parte não sobreviveu.

Caracterizado inicialmente por pequenos produtores, o pólo confeccionista do município de Brusque, localizado na Rua Azambuja, entrou em decadência e transferiu seu endereço para a Rodovia Antônio Heil, endereço onde passou a se concentrar os grandes centros comerciais. Neste processo, o capital que estava “dividido” entre os pequenos confeccionistas passou a se concentrar nas mãos dos proprietários dos centros comerciais, que não somente cobram aluguéis elevados como também selecionam as empresas que pretendem alugar um ponto comercial.

Apesar de os grandes centros comerciais gerarem empregos e arrecadarem impostos, os pequenos produtores, foram extremamente prejudicados. A mão-de-obra feminina qualificada também foi reduzida em detrimento da opção de trabalhar nos centros de venda como vendedora.

É indispensável ressaltar que o lugar onde se localiza a concentração de confecções determina o fluxo dos consumidores. E diante disso, acredita-se que não houve intervenção do Estado tentando proteger a qualidade de vida adquirida pelos pequenos no período de prosperidade da Rua Azambuja. Isto

pode inferir o favorecimento do poder público aos grandes capitais locais, em detrimento da maioria, ou seja, os pequenos.

Pode-se dizer, que se estabeleceu uma relação hierárquica entre empresas, subordinando os pequenos aos grandes capitais, através da generalização dos processos de terceirização. Processos de concentração econômica promoveram a falência de pequenas empresas, modificando a qualidade de vida da população local.

Neste percurso, o espaço do município de Brusque sofreu inúmeras mudanças. A Rua Azambuja, primeiro endereço da concentração das indústrias confeccionistas, inicialmente passou por uma alta valorização dos seus terrenos e imóveis com a prosperidade do pólo do vestuário localizado neste endereço. Com crise, a rua sofreu uma forte desvalorização imobiliária, muitos imóveis foram abandonados e/ou permaneceram com grande parte das lojas desalugadas. Mas atualmente, muitos imóveis vêm sendo procurados por empresários que querem instalar apenas a fábrica das confecções devido aos baixos aluguéis no local.

Objetivando modernizar o município, inúmeras obras foram realizadas na cidade favorecendo a expansão comercial. Novas vias foram abertas, promoveu-se o estilo enxaimel objetivando atrair turistas, e foram criadas na cidade novas opções de infraestrutura de lazer, hotéis, restaurantes, entre outros.

No transcurso da pesquisa também foram coletados importantes dados e informações que nortearam a compreensão de duas realidades: uma, a das micro e pequenas empresas de confecção e a outra a das indústrias de confecção do setor empresarial. A realidade destes dois tipos de empresas é muito distinta, evidenciando a possibilidade que cada uma garante no mercado em que atua.

E para finalizar, pode-se dizer que a elaboração deste trabalho foi de extrema importância para conhecer a história da indústria de confecção no município de Brusque, assim como também permitiu uma relevante análise das implicações sócio-espaciais recentes no município. Entretanto, ainda ficam

abertas muitas lacunas que podem ser exploradas por trabalhos futuros. Entre elas estão o aprofundamento das relações de produção na indústria confeccionista, assim como as redes de subcontractações estabelecidas entre as empresas deste setor.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, K. C. P. de. **A via direta ao consumidor** – estrutura e localização do comércio têxtil na cidade de Americana. 1997. 116 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas. UNESP. São Paulo/Rio Claro, 1997.

BASTOS, C. P. M. **Estudo da competitividade da indústria brasileira: competitividade da indústria de vestuário**. Nota técnica setorial do complexo têxtil. Campinas: IE/UFRJ – FDC – FUNCEX, 1993.

BELLI, A.; RODRIGUES, R. M. Análise Ambiental do Município de Brusque /SC utilizando técnicas de Sensoriamento remoto e sistema de informações

geográficas (SIG). In: **Anais do XI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto** (XI SBSR). Belo Horizonte, INPE, p. 1733-1739, 05-10 abril 2003.

BODDY, M. Reestruturação industrial, pós-fordismo e novos espaços industriais: uma crítica. In: VALLADARES, Lícia e PRETECEILLE, Edmond (Coord.). **Reestruturação urbana: tendências e desafios**. São Paulo: Nobel [Rio de Janeiro: IUPERJ], 1990.

BONAMENTE, Jorge Luis. **Planejamento urbano e industrialização**: uma abordagem inicial ao caso brusquense. s.d. Disponível em: <<http://www.unifebe.com.br/divulgacao/artigodocente.htm>>. Acesso em 10 de Jun. de 2005.

BRAVERMANN, H. **Trabalho e capital Monopolista**. A degradação do Trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

CABRAL, O. R. **Brusque**: subsídios para a história de uma Colônia nos tempos do Império. Edição da Sociedade Amigos de Brusque, 1958.

CORDOVIL, Fabíola Castelo de S. **A situação das indústrias domésticas das redes de subcontratação têxteis no espaço urbano e microrregional de Tubarão - SC**. 2001. 193 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Centro de Filosofia e Ciências Humanas. UFSC. Florianópolis, 2001.

FARRET, Ricardo Libanez. **O espaço da cidade**: contribuições para a análise urbana. São Paulo: Projeto, 1985.

FRESCA, T. M. **Transformações da rede urbana do Norte do Paraná**: Estudo comparativo de três centros. 2000. 432 f. Tese (Doutorado em Geografia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2000.

FIESC. Unidade de Acompanhamento Econômico Industrial. **Santa Catarina em dados**. v.14, 2004. Disponível em: <[www.fiesc.com.br](http://www.fiesc.com.br)>. Acesso em 20 de Jul. de 2005.

FOLDER DE BRUSQUE. **Azambuja** – Seu melhor roteiro para boas compras. s.d.

GARTNER, I. R. **O processo de industrialização de Brusque** – A importância do setor têxtil tradicional. 1991. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação

em Ciências Econômicas) — Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Regional de Blumenau, Brusque, 1991.

GOULART, M. do C. R. K. **Imigração polonesa nas colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro**. Uma contribuição ao estudo da imigração polonesa no Brasil Meridional. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1984.

GUIA SUL. **Brusque** – Folhetos turísticos de Santa Catarina e Paraná. Alcance Editora. s.d.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HERING, M. L. R. **Colonização e indústria no Vale do Itajai**: o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: FURB, 1987.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

\_\_\_\_\_ **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

IBGE. **Censos Demográficos** de 1970, 1980, 1991 e 2000.

Jornal Diário Catarinense, Santa Catarina, 29 de jul. de 1994.

Jornal Diário Catarinense, Santa Catarina, 29 de ago. de 1994.

Jornal Diário Catarinense, Santa Catarina, 09 de jun. de 1996.

Jornal Gazeta Mercantil, São Paulo, s.d.

Jornal Indústria e Comércio de 05/04/1996.

Jornal O Município, Brusque (SC), 22 de jul. de 1994.

Jornal O Município, Brusque (SC), 14 de abr. de 1995.

Jornal O Município, Brusque (SC), 02 de ago. de 1996.

Jornal de Santa Catarina, Blumenau (SC), 10 de jan. de 1998.

KONS, Paulo Vendelino. Pioneirismo na história de Brusque. **Jornal A Notícia**, Joinville (SC), 04 de ago. de 1999. Seção Opinião. Disponível em: <<http://www.an.com.br/1999/ago/04/0opi.htm>>. Acesso em 08 de mar. de 2005.

LAGO, Paulo Fernando. **Brusque**: aspectos geográficos das paisagens rurais. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense S.A., 1960.

LA ROVERE, Renata; et al. **Industrialização descentralizada**: sistemas industriais locais. Estudo do Setor Têxtil e de Confecções. Nota Técnica 37. Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IE/UFRJ. Rio de Janeiro, Out., 2000.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, 1991a.

\_\_\_\_\_. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991b.

LINS, H. N. **Reestruturação industrial em Santa Catarina**: pequenas e médias empresas têxteis e vestuaristas catarinenses perante os desafios dos anos 90. Florianópolis: UFSC, 2000.

LIPIETZ, A. **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1987.

MAMIGONIAN, A. **Brusque**: estudo de geografia urbana e econômica. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense S.A., 1960.

\_\_\_\_\_. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, IBGE. v. 27, n. 3, p. 389-481, Jul/Set., 1965.

MELLO, I. J. **As formas singulares da reestruturação produtiva na indústria têxtil catarinense**. Relatório Final de Atividades, DIEESE, 2000.

METRODATA, Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal (IPPUR/UFRJ-FASE). **Informações básicas das regiões metropolitanas**

**brasileiras.** Disponível em: <<http://www.ippur.ufri.br/observatório>>. Acesso em: 15 de out., de 2005.

NIEBUHR, M. **Ecoss e sombras:** memória operária em Brusque – SC na década de 50. Itajaí: Univali, 1999.

PIMENTA, Margareth de Castro A. A expansão da atividade têxtil e da confecção em Santa Catarina. In: **GEOSUL** – Revista do Departamento de Geociências – CFH. V. 11, n.º. 21/22, p. 58-91, Florianópolis, 1996.

\_\_\_\_\_. **Competitividade internacional, flexibilidade produtiva e integração social no sul do Brasil.** IV Coloquio Internacional de Geocrítica - El Trabajo. Barcelona, maio de 2002.

PIMENTA, M. A. de C.; LIMA, S. de O. **Evolução urbana e indústria têxtil e da confecção em Santa Catarina.** Estudo de caso: A cidade de Brusque e sua microrregião. Projeto de Pesquisa. Centro Tecnológico. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, UFSC, Agosto de 1999.

PIMENTA, M. A. de C.; MIGOTT, A. F. **Reestruturação industrial e espaço urbano e regional em Santa Catarina** – a cidade de Brusque e sua microrregião. Relatório final das atividades desenvolvidas no período de Janeiro a Julho de 2001. Centro Tecnológico. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, UFSC. 2001.

PINHEIRO, S. S. **Relações de produção e de trabalho:** uma análise geográfica da indústria do vestuário, calçados e artefatos de tecidos em Rio Claro – SP, e suas vinculações espaciais. 1993. 191 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 1993.

PLANO DIRETOR DE BRUSQUE. Prefeitura Municipal de Brusque. **Diagnóstico**, v. I., Dez. de 1997.

POSSAS, M. Competitividade: fatores sistêmicos e política industrial – implicações para o Brasil. In: CASTRO, Antônio. B.; POSSAS, Mario. L.; PROENÇA, Adriano. (Orgs.) **Estratégias empresariais na indústria brasileira:** Discutindo mudanças. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

Prefeitura Municipal de Brusque.

SANTA CATARINA. **Programa de Capacitação Técnica para o Planejamento Urbano**, v. 1. Florianópolis: SDM, 1997.

SANTOS, M. J. Processos de globalização versus movimentos de concentração e reestruturação produtiva. In.: PEREIRA, Antonio Garcia; et al. **Globalizações: novos rumos no mundo do trabalho**. Florianópolis: UFSC, 2001. p. 17-41.

SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método**. In: Boletim Paulista de Geografia. n.º 54. São Paulo: Junho 1977. Associação dos geógrafos brasileiros. p. 9-23.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado – Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996a.

\_\_\_\_\_. Apresentação In: BENKO, Georges. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1996b.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2004.

SEBRAE. **Manual do Empreendedor e do empresário**. 2005. Disponível em: <<http://www.sebraees.com.br>>. Acesso em 24 de set. de 2005.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico**. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1999.

SÓ FRANQUIAS. **Conceitos**. Disponível em: <<http://www.sofranquias.com.br/conceitos/index1.php?tid=277>>. Acesso em 15 de jun. de 2005.

SUZIGAN, W. (Coord.); et al. **Reestruturação industrial e competitividade internacional**. São Paulo: SEADE, 1989.

TAVARES, M. da C. Ajuste Estrutural e Desemprego. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 de fev. de 1996a.

\_\_\_\_\_. As ilusões da inserção internacional. In: **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 05 de maio de 1996b.

\_\_\_\_\_. **Destruição não criadora**: memórias de um mandato popular contra a recessão, o desemprego e a globalização subordinada. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TAVARES, M. da C.; FIORI, J. L. **(Des)Ajuste global e modernização conservadora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

WEBER, A. L.; et al. **Por que a Rua Azambuja é um ponto de concentração de indústria e de comércio de malharias?** Trabalho apresentado à disciplina Sociologia III. FEBE/ESES. Brusque, 1991.

ZONEAMENTO ECOLÓGICO-ECONOMICO – Vale do Itajaí. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/sds/zee/>>. Acesso em 15 de out. de 2005.

#### *SITES:*

[www.acecomvi.com.br](http://www.acecomvi.com.br)

<http://www.ammvi.com.br>

<http://brusquesc.com.br>

<http://www.cidadebrusque.com.br/sobre.asp>

## **ANEXO 1**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTAS – EMPRESAS DE CONFECÇÃO DO MUNICÍPIO DE BRUSQUE – SC**

**Nome do (s) Empresário (s):**

**Nome da Empresa:**

**Razão Social:**

**Endereço:**

**Data de instalação em Brusque:**

**Veio transferida de outro lugar: ( ) Sim ( ) Não**

**Em caso positivo, citar local e data de instalação inicial:**

## **1 O(S) EMPRESÁRIO(S)**

1.1 Onde nasceu?

1.2 Onde reside?

1.3 Religião?

1.4 Escolaridade? Se possuir formação superior citar o curso? Quando se formou? E por que escolheu?

1.5 Atividade(s) anterior a esta?

1.6 Atua em alguma outra atividade paralela a desta empresa?

1.7 Por que resolveu trabalhar com confecção?

1.8 Qual a função ou funções que desenvolve dentro da empresa?

1.9 Por que se tornou empresário no ramo confeccionista?

1.10 Como o empresário vê a atual situação do país em relação ao ramo confeccionista (problemas, aspectos positivos e negativos, etc.)?

1.11 A empresa já passou por crise(s)? Quando? Como foi?

1.12 O que fez para se recuperar?

1.13 A empresa já passou por alguma reestruturação (tecnológica, organizacional, produtiva)? De que tipo?

1.14 Localização da Empresa?

1.15 Quais as vantagens e desvantagens da localização da empresa?

1.16 Histórico da empresa?

## **2 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA EMPRESA**

2.1 Qual a estrutura jurídica da empresa (micro, pequena, média, grande, S.A., Ltda., etc.)?

2.2 Onde se localiza a sede da empresa? Possui outras unidades?

2.3 Qual a procedência do(s) capital (ais) da empresa (local, nacional, estrangeiro, associações entre os tipos citados, etc.), especificando o local de origem e formas de associação, caso não seja local?

2.4 A administração é familiar?

2.5 Qual a hierarquia dentro da empresa?

2.6 A empresa é associada a algum sindicato? Qual? Desde quando? Por quê?

2.7 É realizado algum tipo de planejamento para a empresa? Qual/De que tipo? Como é realizado e por quem?

### **3 PRODUÇÃO**

3.1 A empresa possui marca própria? Qual?

3.2 A empresa produz os próprios produtos ou terceiriza a produção (parte ou toda)?

3.3 Quais são os artigos fabricados pela empresa? E quais são terceirizados?

3.4 Os produtos são os mesmos desde a instalação da fábrica? Por quê?

3.5 Como escolheu o que fabricar?

3.6 Qual o tamanho da produção semanal/mensal/anual?

3.7 Qual é a época de pique da produção (mês ou meses)? Por quê?

3.8 A produção é realizada em série ou por pedidos?

3.9 Qual a seqüência de todas as etapas da produção dentro da empresa?

3.11 A empresa terceiriza alguma etapa da produção? Qual ou quais?

3.12 Isto ocorre com que freqüência?

3.13 A empresa sempre utilizou a terceirização ou iniciou quando?

3.14 Qual o motivo de utilizar a terceirização?

3.15 Quais são as firmas subcontratadas? Realizam qual parte da produção? Onde se localizam?

3.16 Existe um contrato formal entre a empresa e a(s) subcontratada(s)?

3.17 A subcontratada recebe todo o material, parte dele ou fornece o mesmo?

3.18 Em que condições a subcontratada recebe o material (só a matéria prima, a matéria prima cortada, costurada, etc.)?

3.19 Esta(s) firma(s) subcontratada(s) também realiza(m) trabalho para outras empresas? Ela possui produção/marca própria?

3.20 Existe um controle de qualidade da empresa com os artigos produzidos?

3.21 Como é efetuado?

3.22 A empresa possui algum programa de Qualidade? Qual? Quando implantou?

3.23 A empresa produz algum produto (ou parte dele) para outra empresa/marca? Qual(quais) produto(s) e para qual(quais) empresa(s)?

3.24 Desde quando isto está acontecendo e por quê?

3.25 Existe algum contrato formal?

3.26 Os produtos são feitos juntamente com a própria produção da empresa? Como isto fica organizado?

3.27 O controle de qualidade deste produtos é feito pela própria empresa ou pela empresa contratante?

3.28 A produção da própria empresa é maior ou menor que a da sua contratante?

#### **4 MERCADO**

4.1 Como é feita a distribuição/comercialização dos produtos (loja(s) própria(s), representantes, franquias, etc.)? Qual o número?

4.2 A empresa exporta? Que porcentagem da produção?

4.3 Quem é o público alvo da empresa? Desde quando?

4.4 A empresa alguma vez mudou seu público alvo? Por quê?

4.5 A empresa realiza pesquisa de mercado?

4.6 Como funciona o marketing da empresa? É feito por alguma firma especializada?

4.7 A empresa usa algum meio de comunicação (tv, radio, jornal, outdoor, busdoor, etc.)? Estão a nível local, nacional ou internacional? Desde quando? Com que frequência ocorrem? Isto fez alguma diferença?

4.8 Onde estão localizados os clientes da empresa?

4.9 Quem são os maiores consumidores dos produtos da empresa?

4.10 A maior parte das vendas se destinam para o consumo própria ou para a revenda?

4.11 Quais são os melhores meses de venda? E os piores? Por quê?

#### **5 MATÉRIA-PRIMA**

5.1 Quais são as principais matérias-primas utilizadas pela empresa (tecido plano, malha, aviamentos, etc.)?

5.2 Qual a procedência?

5.3 O município de Brusque fornece alguma matéria-prima? Que porcentagem?

## **6 TECNOLOGIA**

6.1 Quais são as máquinas e equipamentos utilizados em cada etapa da produção (são computadorizadas, automáticas ou manuais)? Citar a quantidade de cada um e a procedência (origem/de que país)? O ano que foram adquiridos e se eram novos ou não?

6.2 Quando foi a última vez que as máquinas foram trocadas? Quais foram elas? E se foram substituídas por outras mais modernas?

6.3 Por que isso ocorreu?

6.4 Foi feito algum projeto, consultoria, etc., para fazer a substituição dos equipamentos?

6.5 Houve problemas de adaptação com os funcionários? Comente.

6.6 Foi realizado algum curso de treinamento para os funcionários?

6.7 Houve mudança no Layout da empresa? Como?

6.8 Que mudanças mais as novas tecnologias ocasionaram na empresa como um todo? Ou foram as mudanças na empresa que exigiram novas tecnologias?

## **7 TRABALHO**

7.1 Qual o número de funcionários totais da empresa? Quantos homens e quantas mulheres?

7.2 Este número é fixo?

7.3 Quando aumenta ou diminui?

7.4 Pessoas da família trabalham na empresa? Quantas? Em quais funções?

7.5 Quantos funcionários trabalham em cada setor e que funções desenvolvem?

7.6 A mão de obra na produção é especializada? Qual a especialização requerida para cada função?

7.7 Onde moram os funcionários?

7.8 Qual o meio de transporte que os funcionários utilizam para chegarem e saírem da empresa?

7.9 Qual o horário de trabalho na empresa?

7.10 A empresa possui refeitório, vestiário, sede social?

- 7.11 É realizado algum programa de aperfeiçoamento com os funcionários?
- 7.12 Existe algum incentivo por parte da empresa para os funcionários realizarem cursos fora da empresa, ou estudarem?
- 7.13 A empresa subcontrata o trabalho de outras pessoas? Para que funções?
- 7.14 Se a resposta for sim, os subcontratados realizam o trabalho na empresa, em suas casas ou em algum outro lugar?
- 7.15 Com que frequência isto ocorre?
- 7.16 Por que isto ocorre?
- 7.17 Qual é a relação de trabalho da empresa com o subcontratado (pagamento por hora/trabalho; por peça ou por lote produzido; salário mensal sem carteira assinada, etc.)?
- 7.18 Como é a rotatividade dos funcionários da empresa?
- 7.19 Quais os setores que mais trocam de funcionários? Por quê?
- 7.20 É oferecido algum tipo de benefício para os funcionários (creche, vale transporte, vale alimentação, assistência médica e/ou odontológica, etc.)?
- 7.21 Os funcionários recebem algum incentivo para a produção? De que tipo? O que isto significou para a empresa?
- 7.22 Os funcionários estão por dentro dos assuntos da empresa (vendas, problemas, etc.)?
- 7.23 Os funcionários costumam opinar na solução de problemas na empresa, ou esta vem sempre da administração?